nós nos bastidores

enredando Patrimônios em Silêncio

Maria Angélica da Silva
Dayse Luckwü Martins
(Org.)

Edufal

nós teias bastidores

enredando Patrimônios em Silêncio

Maria Angélica da Silva
Dayse Luckwü Martins
(Org.)

A revisão ortográfica, gramatical
e das normas da ABNT ficou a
cargo dos autores.

Edufal
Editora da Universidade Federal de Alagoas

Maceió/AL
2023

Catalogação na fonte
Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL
Núcleo de Conteúdo Editorial
Bibliotecário Responsável: Roselito de Oliveira Santos – CRB-4 – 1633

E59 Enredando patrimônios em silêncio: nós, teias e bastidores/ Organizadores: Maria Angélica da Silva; Dayse Luckwu Martins, projeto gráfico: Suzany Mariha Ferreira Feitoza e Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro - Maceió: Edufal, 2024.
165 p. : 22 cm

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5624-268-2

1. Patrimônio 2. História urbana. 3. Bem comum. I. Silva, Maria Angélica. (Org.). II. Martins, Dayse Luckwu. (Org.). III. Título.

CDU: 72:94

À Dona Angelita, em memória.

sumário

1 prefácio

07 **Teias e bênçãos**
Maria Angélica da Silva
Dayse Luckwü Martins

2 nós

15 **Qual paisagem você enxerga?**
Ailton Krenak
Margareth C. da S. Pereira
Wilson R. dos Santos Jr.

44 **Nossa vida como Gaia**
Rita Mendonça

58 **Memórias guardadas na terra**
Jorge L. L. da Silva

66 **Arquiteturas de corpos, movimentos de vida, memórias da carne**
Madalena Romanelli

81 **Patrimônios em silêncio na Sardenha**
Massimo Faiferri

97 **Ecologias da Memória**
Sara Zewde

3 teias

114 **Saudades do meu vizinho**
Karina Oliveira
Marina Medeiros

126 **Patrimônio da vida**
Roseline Oliveira
Asher Kiperstock
João Areosa

134 **Ecos da imaterialidade**
Louise Cerqueira
Josemary Ferrare
Juliana M. Dias

4 bastidores

144
Maria Angélica da Silva
Marina Medeiros
Ana Karolina Carneiro
Dayse Luckwu
Suzany Feitoza
Louise Cerqueira
Rafael Almeida
Arlindo Cardoso

Teias e bênçãos

Maria Angélica da Silva
Dayse Luckwü Martins

"...todo sujeito tece, como teias de aranha, suas relações com certas características das coisas e as entrelaça para fazer uma rede que sustenta sua existência".
Emanuele Coccia

Este é o último volume relativo ao I Congresso Internacional Estudos da Paisagem que versou sobre o tema "Patrimônios em silêncio", tendo como publicações anteriores o livro de resumos dos trabalhos dos participantes e em seguida, o volume "Nós: Cadernos do I Congresso Internacional Estudos da Paisagem" que trouxe os textos completos de todas as comunicações apresentadas durante o evento. Este terceiro e-book intitulado "Nós, teias, bastidores: enredando os patrimônios em silêncio", completa a série, sendo composto por três partes. A primeira, nomeada "Nós", refere-se aos adensamentos proporcionados pelas palestras que guiaram o congresso. A segunda trata das teias, nome dado às mesas que, durante o congresso, abordaram assuntos eleitos como catalizadores de discussões acerca de patrimônios sob ameaça: a vida, no caso da discussão sobre a Covid; o crime ambiental pelo qual passa Maceió a partir da instalação inadequada da fábrica Braskem, acarretando a subsidência de cinco bairros centrais da cidade e desalojando mais de 50 mil pessoas e a terceira, que tratou de aspectos do patrimônio intangível de Alagoas. Quanto à terceira parte do livro, nomeada "Bastidores", ela convida ao leitor a conhecer por dentro, nuances do evento, ao modo de um making of.

A primeira parte, "Nós", que se organiza com a reunião das palestras, buscou manter o tom coloquial das apresentações, realizando apenas pequenos ajustes para uma versão escrita. Ela se inicia com a conferência que abriu o evento, trazendo como figura chave, Ailton Krenak. Denominada "Qual é a paisagem que você enxerga?", deu o tônus ao evento, trazendo como desafio a afirmação de ter a paisagem, como a sua maior inimiga, a própria cidade. Desta maneira, Krenak de forma provocadora, instalou o questionamento acerca do domínio do urbano no planeta, no âmago de um congresso basicamente composto por arquitetos e urbanistas. Perante este quadro que se mostra quase irreversível e ao contrário de salientar o concreto e o ferro que constroem as cidades, Krenak acena com a leveza das palafitas, e, mais ainda, sugere que a inspiração do habitar venha do universo multiespécies. Por exemplo, das teias de aranha transparentes, flexíveis, leves e fortes ao mesmo tempo. Ailton Krenak teve como debatedores de suas ideias, nomes muito respeitados: Margareth Campos da Silva Pereira, professora titular da UFRJ e Wilson Ribeiro dos Santos Júnior, o nosso Caracol, coordenador da área de Arquitetura e Urbanismo junto à Capes. Então podemos acompanhar como estes debatedores, ambos arquitetos urbanistas, se posicionaram frente ao desafio lançado pelo conferencista.

Abrindo novas veredas, outros palestrantes se encaminharam no sentido de alargar os horizontes acerca das paisagens geradas a partir dos humanos e do patrimônio. É o que se viu na palestra proferida por Rita Mendonça, educadora e bióloga, intitulada "Nossa vida como Gaia", na qual posicionou nós, os humanos, inseridos em um complexo mundo de relações naturais que, a partir de um longo processo de milhões de anos, dispôs múltiplas forças em equilíbrio. Portanto, compartilhou ideias filosóficas de como observar o planeta e buscar novas alternativas de futuro também dentro do cenário multiespécies e da escala planetária.

A exploração de tempos profundos e de escalas geológicas milenares também foram trazidas no capítulo intitulado "Memórias guardadas na terra". Pois é ainda na dimensão expandida e ampla que gravita a fala do professor Jorge Luiz Lopes da Silva. Na condição de paleontólogo, nos convidou a pensar a história da morada humana rumo aos períodos dos grandes mamíferos pleistocênicos. Os exemplos não chegam de geografias longínquas, apenas precisou atravessar territórios pertencentes ao próprio estado de Alagoas, que guardam estas marcas longevas e que, de certa forma, respondem ao convite de Rita Mendonça de ampliar a nossa genealogia até alcançar mundos perdidos no tempo.

Já a terapeuta Madalena Romanelli nos convidou a frequentar, ao inverso, uma escala bem intimista. Nos chamou a examinar o nosso próprio corpo durante a sua palestra intitulada "Arquitetura de corpos, movimentos de vida, memórias na carne". Facilitadora de formação reichiana e professora didata de biodança, nos falou do ponto de vista do seu campo profissional provocando literalmente nossos corpos físicos. Sua participação não se reduziu a um momento de se ouvir de maneira passiva uma palestra, mas nos conclamou a colocar os corpos em movimento, em uma provocação à limitada forma de compreender o pensamento apenas creditado à ação do cérebro. Acompanhando-a nos movimentos, expandimos o sentido da vitalidade para as memórias que se alojam no corpo físico mas que também ecoam no tempo, nas couraças, travas que vamos construindo secularmente de um corpo para o outro, de geração para geração, na sociedade ocidental.

Outros aspectos acerca do patrimônio foram abordados nas próximas palestras, a partir, agora, de distantes cantos do mundo. Como a de Massimo Faiferri, professor de Arquitetura, Design e Urbanismo da Universidade de Sassari, Sardenha, Itália. Ele fala desta surpreendente ilha do mar Mediterrâneo, em uma palestra que teve como título "Patrimônios em silêncio na Sardenha". O silêncio ganha uma profundidade inaudita no texto de Massimo, pois agora se trata da quietude da terra, que esteve no centro da reflexão de Krenak, Rita e Jorge Luiz. Mas agora, esta terra liga-se a um dos seus afloramentos mais antigos, uma ilha a flutuar na costa italiana. Para abordá-la, Massimo expõe poemas inspirados por tais paisagens isoladas. Este mesmo silêncio, por outro lado, é ingrediente de um projeto arquitetônico a ser instalado na Sardenha justamente por sua ocupação rarefeita: todo um conjunto edificado que vasculhará os céus e se denomina, de forma simplificada, Telescópio Einstein. Através da palestra de Massimo, podemos acompanhar o projeto, desde o conceito, que se abriga de forma visceral à ilha e às suas qualidades. Sobre a fase de concepção do projeto, ela vem exposta através de atividades de um curso de verão que contou com a presença de inúmeros especialistas e estudantes que se debruçaram sobre a temática e produziram diversos anteprojetos. Ainda maturando soluções, uma instalação relativa ao mesmo projeto que fez parte da exibição da Bienal de Veneza de 2021, foi debatida pelo palestrante.

Quanto a Sara Zewde, docente em Harvard Graduate School of Design e diretora do Studio Zewde, sediado em Nova Iorque, ela nos trouxe a

experiência que realizou no Rio de Janeiro à época da revitalização da zona portuária do centro da cidade no contexto das Olimpíadas, onde a arquiteta foi convidada a trabalhar com o silenciamento dos escravizados. A palestra recebeu o nome "Ecologias da memória" e discorreu sobre a sua proposta de um museu a céu aberto. De fato, uma sutil pontuação na paisagem carioca, a começar pelo cais do Valongo e indo bairros a dentro, demarcando os locais da memória da escravidão através de áreas centrais do Rio de Janeiro, usualmente não observadas a partir deste ponto de vista. As falas de Massimo e Sara fecharam o ciclo das palestras a partir de uma atividade projetual, e portanto, almejando propostas de futuro.

Saindo das palestras, a ideia dos "nós" prossegue deslizando agora em uma outra dimensão. Nós reverberam linhas. E é assim que vamos acompanhar o desfiar das teias ou rodas de conversa, que serão apresentadas a partir dos textos que resumem ou comentam os conteúdos que foram trabalhados em cada uma delas durante o congresso. Através da teia intitulada "Saudades do meu vizinho: memória, arte e catástrofe", de autoria de Karina de Magalhães e Marina Milito, discutiu-se os fatos relacionados ao crime da Braskem a partir de trocas com três convidados. A primeira, Maria Gardênia Nascimento Santos, arquiteta e moradora da região, trouxe os dados da tragédia em termos dos danos de vida trazidos pela destruição urbana e arquitetônica. Mas também ouviu-se a moradora e mestra da cultura popular Maria José da Silva, conhecida como Zeza do Coco, patrimônio vivo do estado de Alagoas que falou do morar naquela região, das inúmeras maneiras de celebrar a vida, a partir dos folguedos que incentivou e realizou com o apoio de vizinhos, amigos e admiradores do seu trabalho. Por fim, Paulo Accioly, artista e realizador audiovisual, também habitante da região afetada, apresentou os seus trabalhos que, pela via da estética, buscaram falar de dor e memória dos que tiveram que abandonar os seus lugares no mundo.

Na segunda teia, "Patrimônio da Vida", Roseline Oliveira, à época, coordenadora do PPGAU FAU/UFAL, fez um balanço do que foi discutido com os professores Asher Kiperstock, engenheiro e docente da Escola Politécnica da UFBA e João Areosa, sociólogo e professor da Universidade Nova de Lisboa, em um encontro que buscou tratar de contradições ressaltadas pelo mundo pandêmico, da vida e de seus cotidianos, do mundo que construímos e daquele que podemos construir como patrimônio se o consumo, o descarte e a desqualificação da natureza prosseguirem no rumo em que ocorrem no presente.

Na terceira teia, "Ecos da imaterialidade", Louise Cerqueira pondera sobre as discussões travadas acerca do patrimônio imaterial, a partir de reflexões sobre o "Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial de Alagoas", desenvolvido entre 2015 e 2016, utilizando a metodologia oficial do Iphan, qual seja, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). A partir do debate entre Louise Cerqueira e as outras professoras Josemary Ferrare e Juliana Michaello Macedo Dias, o embrenhar por todos os 102 municípios de Alagoas recebe um balanço a partir da experiência das três professoras que estiveram à frente do projeto. Também neste caso, pondera-se sobre a população menos favorecida e periférica, que desenvolve, por si mesma e dentro de uma outra lógica que não a estritamente do consumo, um universo de experimentos e vivências, ligados à terra, ao rural, à feira, ao improviso, à gambiarra. Claramente ecoa nesta mesa uma terra bem mais próxima do cotidiano, com o trabalho árduo, com a presença do chão e de um contato com as forças vitais diverso e mais profundo do que usualmente se encontra nas grandes cidades.

Quanto à terceira parte do livro, os "Bastidores", ela convida o leitor a conhecer por dentro, o que foi organizar um congresso que ocorreu na época da pandemia mas que nasceu vocacionado para as trocas e interatividade. Que tinha como meta, mais que a produção e exposição do conhecimento, o acolher os participantes e o vivenciar a cidade de Maceió. O quadro pandêmico obrigou o evento a se moldar às exigências do tempo e se fazer online. Bastidores é palavra que evoca também o quadro onde se estica ou se prende os fios para se fazer nós especiais: os bordados, que referenciam, no caso, a sábia e imaginativa cultura popular. Portanto, nós quando advém de fios, cordas, entre volteios, solturas e amarras. Comenta-se nesta sessão, acerca dos diversos procederes adotados pelos organizadores para que o congresso não perdesse por completo a proposta inicial pautada pela ideia do encontro, e que alimentou a identidade visual, a estruturação do programa, o vídeo de abertura, a seleção dos palestrantes etc. Desta forma, oferecemos o compartilhar do que usualmente não é visto ou comentado na produção dos eventos, neste caso, sob a condição especial de almejar conectar o canal virtual com algo amoroso e afetivo.

E por último, gostaríamos de justificar a dedicatória deste volume, que homenageia Josefa Viana da Silva, dona Angelita. Esta senhora abriu o evento em oração, dentro do propósito de humanizar as relações que ocorreriam no congresso e apresentar a fé como caminho de conhecimento e possibilidade de soma e cumplicidade com o acadêmico. Assim, generosamente, dona Angelita estendeu o gesto que fazia a parentes, vizinhos e amigos, a todos nós, participantes do congresso, que recebemos a sua proteção. Porém, no dia 26 de janeiro de 2023, ela deixou, de maneira definitiva, desamparadas de suas bençãos, as inúmeras pessoas que a procuravam quotidianamente, por décadas, em busca de algum tipo de alívio, solidariedade, conforto ou esperança. A elas, nos somamos e agradecemos à dona Angelita, a sabedoria e o amor com que se dedicou à família e a toda uma comunidade que fez parte do seu cotidiano, e que também hoje vive nas sombras do desastre da Braskem cujos transtornos avançam por outras áreas da cidade, chegando bem perto do lugar onde ela mantinha seu oratório e seus santos...

NÓS
Ailton Krenak
Margareth Pereira
Wilson dos Santos Jr.
Jorge Luiz Lopes
Rita Mendonça
Sara Zewde
Madalena Romanelli
Massimo Faiferri

QUAL É A PAISAGEM QUE VOCÊ ENXERGA?

Ailton Krenak
Margareth C. da S. Pereira
Wilson R. dos Santos Jr.

Eu quero saudar o magnífico reitor que nos acolheu com uma fala entusiasmada diante de tantas questões complexas que estamos tendo que enfrentar. Eu quero também saudar a todos e todas que cooperaram para a realização deste Primeiro Congresso Internacional Estudos da Paisagem, que já sinalizou a sua importância com a conexão com tantos temas da nossa vida, que animam nessa noite a cada um de nós a partir de endereços diversos. Estamos aqui e nos encontramos através dessa telinha de computador.

> Eu queria que todos soubessem que a professora Maria Angélica fez um trabalho de pescaria para que eu pudesse estar com vocês nesse encontro. Estou muito honrado, agradeço imensamente o carinho com que ela procurou me mostrar para o sentido da minha fala nesse momento. Mas não quero tecer comentários sobre outras questões para além do tema específico que me propus a falar: Do que é feita a paisagem que nós vemos? Qual é a paisagem que cada um de nós, vê, enxerga e se afeta?

Quando pensamos em patrimônio - e nesse caso nós estamos falando de patrimônios em silêncio - podemos estender o olhar e considerar o que entendemos acerca da compreensão das comunidades. Essa frase pode parecer muito mirabolante, mas o que quero dizer é que o que imprime sentido ao mundo ao nosso redor é a compreensão e a cultura de cada comunidade, a sua visão de mundo. Podemos até dizer que é a sua cosmovisão, independentemente de tratar-se de uma pequena comunidade livre em um vale, em uma floresta, ou mesmo em uma região muito disputada como são as áreas urbanas. São nesses lugares que a cultura compartilhada por pessoas que constituem a comunidade vai imprimir sentido a esse "comum".

Um rio, uma montanha, formações topográficas, são paisagens para além daquelas criadas que recordam de certa maneira esse mundo que nós fomos, durante muito tempo, animados a pensar como comum. Ou seja, o patrimônio arquitetônico, esse patrimônio das obras de arte, daqueles lugares de intervenção humana. Cabe nesse recorte um silêncio de todas as outras vozes e paisagens das quais nós nos deslocamos e nas quais também nós estabelecemos os nossos habitats, nossos assentamentos. Quando eu olho e procuro ver sentido nas paisagens ao meu redor, elas se estendem muito mais para além do hábitat, do lugar que me acolhe no cotidiano com minha família, com a minha comunidade.

Seria bom compartilhar com vocês a informação de que eu estou falando daqui da terra indígena Krenak que é uma reserva à beira do rio Doce, na região leste de Minas Gerais. Aquele rio que foi plasmado pela lama da mineração em 2015, e que nos deixou a todos, cento e trinta famílias Krenak que vivem aqui na nossa reserva, nessa condição de isolamento também ecológico, digamos assim. Antes da experiência do isolamento necessário para evitar o contágio da pandemia, nós já estávamos em isolamento, estávamos vivendo essa experiência de não poder sair daqui e circular no nosso próprio território, pelo dano ambiental que ele havia sofrido, pela violência que se abateu sobre esse território, a ponto de se ter o corpo de um rio em coma. O rio Doce, como aparece no nosso mapa, ou Uatu como é entendido pelos Krenaks, é uma entidade, um rio, um corpo d'água, mas é também uma pessoa que tem um vínculo de parentesco conosco e que entendemos que ele é nosso avô, um ancestral. Do outro lado, da margem direita desse corpo do rio, tem uma formação rochosa, têm as serras, que são impregnadas de sentido. Para além da topografia, para além da formação física, elas transcendem, elas conversam com as pessoas que buscam ouvir a sua fala, a sua linguagem.

Eu gostei muito das expressões que abriram o nosso encontro, se referindo ao "nós" no sentido coletivo e invocando também uma ideia gregária. Parece que na longa jornada das comunidades humanas em várias

partes do mundo, não só aqui no nosso continente americano, elegeram-se lugares e paisagens onde foram implantados assentamentos duradouros, alguns com mil, dez mil anos. Para o Ocidente, essas cidades são quase que o universo total da produção e reprodução da cultura, da elaboração da ideia do mundo. O mundo é um possível campo de expansão dessa experiência urbana, que se traduz nessa dinâmica colonial que os povos marcadamente da Europa decidiram levar para os outros continentes, outras regiões do planeta. No caso aqui da nossa Pachamama, nossa América, a colonização imprimiu nas nossas paisagens um outro molde, um molde diferente daquele que se configurou a partir da implicação cultural da cosmovisão com que os povos originários constituíram os seus mundos. E estes são mundos plurais.

> Neles, o sentido da montanha, dos rios, das florestas, dos ecossistemas diversos, terrestres ou marinhos, constituem para muitos a paisagem a ser cultivada, a paisagem a ser pensada como possibilidade permanente de transmissão, de geração em geração, da fricção desse bem comum, dessa experiência comum. Parece que o pensamento urbano, o pensamento das cidades, também cultua esses sítios como lugares que deveriam transmitir, de geração em geração, aqueles atributos que são considerados sagrados, que são considerados relevantes, que têm sentido também transcendente, além daquele utilitário, de ser o abrigo, de ser uma fortaleza, uma cidadela para enfrentar cidades do outro lado do muro.

Eu tenho participado de debates como convidado, atraído pelo tema do conflito instalado entre o modo de vida urbano, o modo de vida nas grandes cidades do mundo e a exaustão das energias dos alimentos, das fontes de suprimento da vida. Estas, eu evito chamar de recurso porque incita a reforçar a ideia de que tudo ao nosso redor é recurso, portanto, que tudo que poderia ser percebido como paisagem pudesse ser comido, modificado. Uma montanha pode ser transformada em automóveis, laminados, escrituras, navios, e toda essa naturalização que nós fomos,

desde a Revolução Industrial, nos acostumando, a ideia de que nós podemos transfigurar as paisagens desse maravilhoso planeta como se ele fosse uma matéria somente plástica ou eminentemente plástica, que a gente pudesse esticar, pudesse socar e pudesse inclusive retomar com a ideia de que ela fosse plana. Se ela não é uma paisagem que nós podemos confirmar visualmente que se constitui num campo plano, mentalmente, do século XX para cá, muita gente tem se comportado como se o futuro das paisagens ao nosso redor fosse se planificar, se constituir em planícies produzidas pela nossa fúria consumista, pois nós chegamos a consumir montanhas.

> Eu sempre recorro aquele provérbio que diz que "se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé". Fico buscando entender os muitos sentidos que essa expressão pode ter, e confronto isso com a produção poética do interior mineiro. A Maria Angélica deve gostar também do Carlos Drummond de Andrade, o nosso querido poeta que passou a sua vida, que coincide com o século XX inteiro, testemunhando essa prática devoradora de paisagens que acabou com a sua Itabira, sua terra natal. A ponto de ele dizer que Itabira era só uma paisagem que restava como fotografia na parede...

Ora, se nós estamos caminhando pelo mundo e deixando para trás só um retrato na parede, o que nós estamos enxergando ao nosso redor? Que paisagem os nossos olhos veem quando olhamos, não pela janela, mas quando saímos ao campo e observamos as montanhas, rios, florestas? Que sentido de "comum" nós conseguimos reconhecer afora o que se acordou que não pode ser apropriado por um particular, transformado em um sítio, em uma fazenda, em uma terra plana? Quando nós olhamos esta Mata Atlântica maravilhosa, vibrante, cuja formação vai desde o Paranaguá, subindo o nosso litoral até o Maranhão? Hoje nós sabemos que cerca de oitenta e três a oitenta e cinco por cento dessa formação original já foi devastada.

As nossas praias, será que elas se constituem como paisagens relevantes? Será que elas poderiam ser entendidas como um patrimônio silenciado? Não "em silêncio", mas como patrimônio silenciado. Silenciado por uma incapacidade de devolvermos para essas paisagens o afeto e a beleza que elas nos proporcionam. É muito difícil alguém olhar do alto, de um ponto do planalto em São Paulo ou na Serra do Rio de Janeiro, de onde se avista o mar e a Mata Atlântica, e não sentir que está diante de uma paisagem do paraíso.

> O que é que nós estamos fazendo para a permanência dos paraísos terrestres que podem restar só como fotografia na nossa parede no futuro? Ou na parede da nossa memória, como dizem os poetas...

Eu gostaria muito que a gente pudesse descobrir uma maneira de diálogo entre essas paisagens e a experiência dominante e atraente que são as cidades em qualquer lugar do mundo. Setenta por cento da população do planeta está enfiada em cidades, então, quem sabe, menos de trinta por cento se espalham por todas as outras paisagens desse mundo maravilhoso. Setenta por cento das pessoas estão encaixadas nesse formato, que, na maioria das vezes, não conta sequer com uma horta dentro do seu desenho, do seu traçado, digamos, permanente.

> Se nós pensamos acerca das cidades, cabe lembrar de algumas outras regiões do mundo, onde há exemplares muito antigos, com 2 mil, 3 mil anos de história, que conseguiram trazer para dentro de seus quintais e de seus muros a horta e algumas outras atividades de jardinagem, de cultivo, que tornaram esses lugares permeáveis e cheios de vida. Criando vida.

A grande maioria dos assentamentos urbanos é um sumidouro de energia, só atua consumindo. É para alimentar as cidades que nós construímos barragens. Nós justificamos matar um rio como o Xingu, ou esse Uatu aqui da nossa aldeia, ou o Rio Madeira. Nos últimos vinte anos nós picotamos os nossos rios, nossas bacias hidrográficas. Alguém olhava os nossos rios e calculava megawatts. É um olho devorador, é

aquela máquina de comer mundo que o nosso poeta Carlos Drummond de Andrade denuncia. E incessante, porque se a destinação não é construir barragens, é para expandir as áreas de produção de bens que a cidade precisa e que no seu entorno não é possível produzir.

Por exemplo, a maior parte dos alimentos que as pessoas consomem em suas casas viajam para chegar até lá, viajam por diferentes modais, por barco, avião, navio ou caminhão. É muito fácil observar que toda vez que a gente tem uma crise – como, por exemplo, a greve dos transportes que incide sobre o fornecimento e suprimento de alimento nos portos - as cidades entram em colapso.

Ninguém questiona o fato de se fundar uma nova cidade. Nós vamos avançando sobre a paisagem e amontoando ferro, pedra e cimento, materiais que não respiram e nós precisamos respirar. Um desafio que eu acho que se põe para quem pensa a paisagem como vida, como produção de vida, é imaginar a permeabilidade que pode haver entre esses assentamentos tão consolidados desde a Antiguidade até esse tempo que nós vivemos hoje, em que os humanos estão precisando de um pouco mais de fricção com a terra, com a terra mesmo. Terra vasta, terra com florestas, rios e todas essas paisagens imaginárias.

Seria como você pedir para alguém fechar os olhos e imaginar paisagens agradáveis que se pudesse conceber em diferentes continentes, em diferentes lugares do mundo. E a seguir perguntasse se a pessoa gostaria de cobrir esses lugares com cimento, ferro, pedra ou qualquer outra composição. Porque é disso que são feitas as cidades.

Ao perceber tal instinto nas grandes metrópoles aqui no Brasil, alguns arquitetos, engenheiros e urbanistas comentaram que as vias acabaram com a porosidade do solo. É lógico que a água vai invadir esses lugares fechados! A água precisa ter passagem e a terra fala.

É sempre muito importante lembrar que não é só no silêncio que os homens trabalham, também trabalham no sentido construtivo com as palavras. Que elas

possam atravessar as muralhas das cidades que se constituem em fortalezas! De fato, a grande maioria delas se constitui assim. São atraentes, mas ninguém explicita o fato de que ao mesmo tempo que atraem os nossos corpos, atraem também, como se fosse um buraco negro, toda energia viva que se reproduz e que cria vida ao nosso redor, seja a floresta, sejam os rios e até mesmo os oceanos que estão sentindo o peso do consumo dessa gente que vive enfiada em grandes cidades do mundo, entupindo as fossas oceânicas com plásticos, com restos de coisas que consumimos e descartamos.

> Porque para além de se formar como uma civilização, uma civilização que produz lixo incessantemente, nós achamos que há um abismo, uma espécie de lugar onde ninguém vai, onde nós podemos despejar desde grandes resíduos nucleares até a garrafa de plástico que embala a água, a garrafa pet, seja da Coca-Cola ou qualquer outra coisa líquida. Nós naturalizamos o fato de que existe um lugar para jogar isso depois. Nós estamos nos afastando de nós, da necessidade de intimidade com esse organismo vivo da Terra.

Quem já teve a oportunidade de acessar um pouco das ideias a partir da experiência coletiva com meu povo - ou com outras comunidades que não os Krenak, mas os Guarani, os Xavante, os Yanomami – ou qualquer outra etnia com quem eu aprendi e convivi nesses trinta, quarenta anos, percebe a valorização a porosidade de tudo que nos circunda, desde uma montanha rochosa até o solo onde cultivamos os alimentos. Percebe a intimidade necessária desse nosso corpo, no caso do mundo urbano, tão abstraído de si que chega ao ponto de achar que não é natureza, que é capaz de conceber uma ideia de natureza que fica do lado de fora, do lado de fora das cidades.

> Algumas das nossas metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, nas últimas décadas, estão tentando criar seus cinturões verdes para se assegurarem de que, diante de uma dificuldade de fornecimento ou de trânsito entre áreas de produção, sejam capazes de produzir o essencial nessas áreas de entorno. Mas mesmo esses entornos são tão maltratados! E são eles

que a maioria das nossas cidades médias e grandes escolhem para fazer o despejo do entulho. Deixam aquelas áreas a céu aberto como um grande cemitério de restos dos nossos consumos, que vai desde jogar o carro, geladeira, sofá, e todas essas coisas que nós descartamos, até como se a gente estivesse em uma desabalada fuga daqui da terra para uma nova forma de assentamento. Quem sabe, em Marte!

Fiquei chocado quando vi o desenho do que se imagina ser a primeira cidade a ser instalada nesse planeta e a partir do qual se noticia que nós poderemos, nesses próximos vinte, trinta anos, realizar visitas com instalações no mesmo estatuto de conforto que nos acostumamos a ter aqui na terra. Ou seja, tão artificial que não fará diferença em que planeta você está.

Ainda sobre este tema, acho que a maioria dos que estão me ouvindo já viveram a experiência de viajar para dentro ou fora do Brasil, passando horas num aeroporto e constatando que são todos iguais. São iguais em qualquer lugar do mundo, uma espécie de abismo em lugar nenhum. Não é apenas um caso, mas nós aceitamos isso. E nossas experiências no sentido de experimentar espaços construídos, espaços criados, não conseguem alcançar uma outra maneira de proporcionar algum conforto para as pessoas que não seja o produzido a partir da destruição das paisagens que nós vemos quando se olha, seja pela janela ou lá fora.

Eu tenho uma preferência óbvia que é a de viver fora dos muros da cidade. Me sinto muito mais implicado com tudo, com a vida selvagem, os pássaros, formigas, borboletas, com tudo ao nosso redor. E com os barulhos também. Parece que existe na cidade uma produção de ruídos justo para silenciar aquilo que nós poderíamos chamar de patrimônio comum.

Para mim só tem sentido imaginar algo relevante de ser conservado como patrimônio material ou imaterial se ele tem sentido implicado com o comum, com a vida das pessoas. E aí pode ser um rio, uma montanha, uma formação rochosa do outro lado do rio, pode ser aquela volta grande do Xingu onde plantaram Belo

Monte, pode ser o Rio Madeira, o Rio Santo Antônio. Estou citando só as últimas bacias que foram violadas por essa fome de produzir energia a partir das hidrelétricas para suprir esses pontos luminosos que, quando a gente olha do espaço, são as nossas cidades.

> Prédios que parecem mais árvores de Natal... E o desespero quando a gente começa a ter dificuldade de suprimento de água, principalmente no Sudeste? Desespero que agora está começando de novo, provavelmente quando chegar lá para julho ou agosto vai estar todo mundo em pânico em São Paulo pois a Cantareira não vai estar com nível d'água suficiente para o abastecimento. Nós já chegamos a ficar tão reféns desses modelos de assentamento urbano que pode acabar a água, mas a gente bebe lama e continua lá. Porque a gente perdeu a intimidade, a fricção necessária para que nos sintamos bem na paisagem, que aqui pode ser entendida como um outro termo para falar da natureza.

Quando nós falamos de paisagem, à parte daquelas criadas, toda a sua grandeza é relacionada com áreas naturais do planeta, que estão cada vez mais sendo patrimonializadas no sentido privado e silenciadas no sentido comum. Eu reclamo pelo comum, tanto do ponto de vista das soluções futuras para a gente ter um lugar para viver melhor, não no sentido exclusivo para os humanos, mas para todos os outros seres. A gente não pode continuar expandindo a base do bem-estar humano a custo da extinção das outras espécies. Nós estamos nos questionando sobre como continuar vivendo diante de tantas crises sanitárias, sociais, migrações.

> Sabemos que, na atualidade, todos nós convivemos com um mundo de refugiados no sentido geral desta expressão. Eu tinha dificuldade em imaginar que, aqui na América no Sul, iríamos experimentar a situação dos nossos vizinhos terem que buscar refúgios em várias cidades brasileiras, como vem acontecendo por exemplo com o povo nativo da Venezuela chamado Warao. Outro dia me disseram que já existem famílias ligadas a estes indígenas chegando como refugiados da Amazônia venezuelana, pedindo abrigo em Santa

Catarina, e mesmo em cidades mais distantes, como Fortaleza, Recife e Natal no Nordeste do Brasil.

> Eu fico imaginando se seriam eles os tais dos refugiados ambientais? Esse tema que nós estamos tratando, o tema da paisagem, inclui falarmos também da grande movimentação de pessoas que estão sendo obrigadas a migrar de seus habitats, seus lugares tradicionais, para outras paisagens que não conhecem e que vão passar a viver sob uma condição de inadaptação, tanto do ponto de vista cultural como do ponto de vista biológico. Algumas gerações não vão saber como viver sob tal situação e vão ter que continuar a se relocar.

Isso tudo tem muita relação com o tema da nossa mesa que são as paisagens, o patrimônio silenciado e qual paisagem você enxerga. Eu agradeço muito a oportunidade de proferir esta palestra. Agora nós vamos poder dialogar. Considerando essa privilegiada audiência que vocês estão me proporcionando, até prefiro mesmo essa experiência de fricção entre nós do que um simples monólogo.

DEBATE

Margareth Campos da Silva Pereira

Talvez nosso desafio maior hoje seja o de construir pontes. O de tentar entender do que somos feitos e de falar sobre os mundos que nos habitam e dessa incapacidade que talvez tenhamos, como cultura, de interagir plenamente com o que nos rodeia e que precisa ser exercitada. Tal exercício deve se dar tanto em relação às incertezas quanto às possibilidades de construção de pontes ou quanto, enfim, no sentido de estabelecer o foco das nossas insurgências. Olhando bem, todos nós temos partes das cidades em nós, como muitos de nós também temos, com elas, as florestas os mares, as rochas, as montanhas, os céus, as estrelas e todos os corpos que nos rodeiam.

Essa hibridação, esse misto, é aí que temos que exercitar mais nosso diálogo, nosso encontro de pontos de vista. Nos últimos 200 anos, o modelo de cidade que desenvolvemos foi dos mais

predatórios, embora tenhamos que considerar que tenha sido igualmente predatório em outras ocasiões. Mas mudou de escala e passamos a ser um mundo que - para falar como os biólogos - prevaleceu a ideia de espécies fechadas nelas próprias em termos de competividades e conflito. Contudo, somos também um mundo feito de interações, de câmbios, de simbioses e de metamorfoses. Um mundo feito de transformações, de resistências, resiliências: uma pluralidade em suma.

Eu fico aqui escutando Ailton falar sobre a cidade e sobre a floresta, mas fico pensando: imagina, eu sou do Rio... O Rio de Janeiro que se apresenta como um paraíso natural e que é uma das cidades talvez mais violentas em relação à natureza, mas que soube também preservar alguma coisa dela. Uma cidade que destruiu montanhas... Onde montanhas inteiras foram arrasadas... a montanha mesma onde a cidade nasceu. Onde elas foram perfuradas para serem abertos túneis, túneis enormes que somos obrigados a atravessar todo dia. Secamos mangues com todos os seus caranguejos, cobrimos rios com todos os seus pequenos peixes, arpoamos todas as baleias que já não visitam a baía da Guanabara... Portanto, a força destrutiva foi de tal ordem que perdemos em grande parte, para falar como os poetas, o sentimento do mundo... Mas ao mesmo tempo, o Rio de Janeiro insiste em se apresentar como paraíso natural... Uma Itabira do Drummond às avessas... porque quando ele fala de Itabira como um retrato na parede, o que ele tem em mente estava em negativo; isto é, a imagem que não aparece na foto é a dos tratores das mineradoras. Não vemos as máquinas de devorar montanhas.

Imagem às avessas, o Rio insiste em lembrar o paraíso como cidade. Mas o que isso quer dizer e o que nos coloca como problema? Talvez o mesmo problema... O que quer dizer SER um paraíso "construído" como paradoxo? Afinal, se falarmos em termos religiosos, no paraíso não tem construção e Adão e Eva estão condenados, ao serem expulsos dele, ao trabalho de (re)construí-lo.

Há dez ou quinze anos atrás vi que embaixo da praia de Copacabana existem túneis de mais de sete ou oito metros de altura que passam para garantir o abastecimento de água de uma parte da cidade, redes de saneamento, redes e mais redes. A gente está em um universo onde essas tensões entre uma ideia de ciência, uma ideia de cidade e uma separação da natureza foram extremamente fortes e precisamos discuti-las.

Abandonar os livros e ir para as florestas? Será que podemos prescindir das cidades ou será que nós temos que retomar certos desvios, certos caminhos, certos percursos da visão de vida

coletiva, onde o homem não é uma espécie, mas uma ideia de humanidade que traz nela uma visão de vida comum sempre aberta para identificar aqui, onde uma metamorfose, uma diferença, um desvio, se propõe e merece atenção? Pois, como a fala de Ailton denuncia, ou em certo momento, perdemos esse caminho, o que é possível, ou esse caminho é um caminho de luta de resistência e de luta permanente.

Fico na dúvida... Porque a floresta do Ailton está em muitos de nós, como esteve para Drummond ou para Chico Science, Josué de Castro, ou para Castro Alves, ou Anchieta, só para falar daqueles que me vêm imediatamente à memória.... Como acredito que uma parte - a parte sensível à diferença como ideia que significa ser cidade - também o habita.

Fico pensando diante desse mundo falado hoje à tarde, um pensamento mais de contraste entre cidade e natureza – no qual temos que denunciar sim a predação e a violência desta predação pelas fantasmagorias do capital, do lucro e da irresponsabilidade –, que é preciso insistir em uma forma de pensar o mundo de uma maneira mais interativa, mais co-implicada. Esse mundo que não está só ao redor de nós, mas no qual estamos igualmente imersos e que quando falamos dele estamos dentro dele: definindo-nos com ele.

Poderíamos prescindir dessas cidades? Esse momento que estamos vivendo agora é um tempo de pensar desvios, de propor saídas em relação ao que sabemos que violenta, explora, desrespeita, mata. De colocar em causa os nós que somos e temos feitos e quais nós precisamos que sejam desatados. É possível passar desse materialismo, desse consumismo, desse regime de visibilidade excessivo - a que nós temos sido postos, mas que, irresponsavelmente muitas vezes abraçamos também - sobretudo nesses últimos duzentos anos? Mas não apenas nos últimos duzentos anos, em muitos momentos esse espírito de insurgência se agudiza, ou seja, o sentimento de que é preciso insurgir se torna mais agudo.

A cidade nos livros que me ensinam é feita de um equilíbrio, de uma busca de equilíbrio, e nossa profissão de arquitetos e urbanistas, tem sido há milênios uma busca de equilíbrio entre o bom, o belo e o justo. A cidade não pode ser definida pela violência, pela morte. Temos que velar também para que ela seja o fluxo de relações e fricções e, sobretudo, o espaço onde a gente aprenda a exercitar o respeito pela diferença, assim como aprende a criticar, a refletir e a se insurgir contra o que deve ser combatido. Lugar onde se criam nós, e nós - entendido aqui como um comum - e onde se cultiva

uma certa ideia de humanidade não como uma espécie, mas como uma ideia de relação mais simbiótica com o que nos cerca e com o que precisa ser reforçado.

A cidade não é feita só de cimento e de máquina de destruir montanhas. A cidade também é feita de afetos, de sensibilidade. Apenas eu acho que a gente esqueceu completamente até disso e que também esta dimensão de outros mundos possíveis está completamente sufocada em uma lógica individualista, capitalista, competitiva. Sua fala, Ailton, nos coloca nessa posição de que parece ser possível a fruição desse mundo ao redor. Acho que é isso que você traz para nós.

Estamos em um momento justamente de não ficar no silêncio dos inocentes, mas buscar as palavras corretas, as palavras adequadas para construir as pontes entre visões e cosmovisões, onde em seu interior a gente perceba esse mesmo sentido vital, esse desejo da preservação da vida e onde a epistemologia não vai contra a ontologia.

Só podemos ambicionar como forma de conhecimento aquela que considera como seu patrimônio não apenas paisagens, mas uma atitude atenta em relação a esse ser e estar no mundo e com o mundo, como presença no mundo.

Não tenho perguntas para Ailton. Não tenho respostas. Mas começando por Ailton digo a ele e a cada um: nos ensine a encontrar de novo e trazer de novo o rumo para as cidades. Talvez tenham ocorrido desvios que não tomamos ou atalhos errôneos que, estes sim, nos embrenhamos por eles. Que a voz da floresta que está em muitos de nós e que você nos lembra, sirva-nos para construir cidades que não estejam tão distantes de nós mesmos como corpos no mundo, como corpos que sabem respeitar e conversar uns com outros e com a luz, com o vento, com a montanha, com o rio, com o visível e com o invisível. Bem Ailton, não existem perguntas, mas creio que não existem também respostas. Só existe o esforço de escuta da diferença e do respeito, quando se mostra a barbárie que também está em nós e em relação à qual temos sempre que estar atentos.

Ailton krenak

Há 40 anos atrás quando eu aportei pela primeira vez em Manaus, me perguntei por que aquele lugar maravilhoso não comungava com os corpos d´água. Ali estão os rios Negro e o Solimões e Manaus é literalmente um mundo de água. Eu me perguntava por que aqueles assentamentos urbanos não eram atracadouros. Por

que não inverter, ao invés deles ficarem se impondo à paisagem, que eles estabelecessem um diálogo com aquele mundo das águas. Que os ribeirinhos, os indígenas, aquela gente toda que vem para o mercado vender peixe, tivessem uma experiencia parecida com aquela da indonésia, da Tailândia, onde as pessoas aportam com as canoas dentro da área de comércio. Não há uma mediação física entre aquele corpo d'agua, aquelas pessoas e onde o peixe vai ser comido, vendido, servido.

Porque essa colonização portuguesa aqui no Brasil privilegiou a coisa do concreto, da pedra e do ferro em si, há alguns lugares do mundo que esse não é o vocabulário da arquitetura. Não me parece que o mundo inteiro só sabe fazer cidades de pedra, ferro e cimento. Em alguns lugares do mundo se fazem cidades de bambu, usa-se outros materiais que não se impõem trazendo para a cidade uma ideia de fortaleza. Eu acho que muito do discurso arquitetônico que aportou aqui vem da ideia medieval dos castelos. Era preciso construir uma fortaleza, pois alguém ia te atacar e você precisava de muralhas, muralhas enormes para se defender. Essas coisas foram sendo internalizadas: o menino que pensa em ser arquiteto já nasce com uma pedra daquela na mão.

Eu me pergunto e dei o exemplo de Manaus: por que esta cidade não poderia ser um lugar que se permite cruzar? Ali era o lugar ideal para uma experiencia dessas, inclusive porque Manaus está sempre alagada, todo mundo fazendo trapiche para ir de um ponto para outro, aquelas estruturas que nem são flutuantes e nem casa, aquele monte de lixo embaixo das palafitas, aquele esgoto, aquilo é uma tragédia.

Minha pergunta também é uma provocação para quem pensa o urbano. As pessoas que trabalham com a engenharia, a arquitetura, não poderiam fazer uma coisa parecida com aquela do Hélio Oiticica: os penetráveis, o parangolé? Por que a gente não pode ter uma arquitetura parangolé, arquitetura penetrável, que vai adentrar a floresta sem derrubá-la, que pode estar em um lugar aquático sem ter que transformá-lo em uma barragem? Se você faz uma barragem vai ter uma hora que ela vai arrebentar igual a que a empresa Vale do Rio Doce fez aqui em Mariana e deixou o Uatu em coma desde cinco anos atrás.

Eu não falo de um lugar muito específico, eu falo de um lugar irado em relação a esse modo de ocupação do mundo. Seja lá na Palestina ou ali do outro lado do rio, é uma constante agressão, um soco na terra. Quando trago Carlos Drummond é porque eu atribuo a ele uma potência e uma capacidade de questionar a máquina do mundo que não é só a cidade, é o modo de operar. É o que o

professor Muniz Sodré denuncia, dizendo que o mundo perdeu a civilidade. Ora, se o professor Muniz Sodré está dizendo que o mundo perdeu a civilidade, será que ele não está junto comigo dizendo que está na hora de colocar em questão esses assentamentos que juntam milhões de pessoas para morrer de frio e para matar uns aos outros?

Se as cidades produzem afetos, produzem também uma desigualdade monstruosa. É nas cidades onde fica gritante a diferença da pessoa que mora lá na cobertura e os miseráveis que moram lá embaixo em uma grota que vai ser alagada. Onde vai ter alguém que vai dar um tiro, mandar umas balas lá para cima.

Então tem uma cartografia desse mundo convencida de que o humano é o rei da farofa e está azarando o planeta. Podemos andar com o tema para além da questão urbana e avançar para a própria maneira, o modo de vida, esse que o professor Muniz Sodré diz ter perdido a civilidade. Eu fico pensando: bom, vamos fazer o que agora, então? Vamos ocupar todos esses aglomerados urbanos, comprar metralhadora, fazer bomba, meter bomba uns nos outros? O Rio de Janeiro continua lindo, mas está governado pela milicia. Onde está a sociedade civil no Rio de Janeiro? Então há uma série de questões altamente imbricadas com o cimento, pedra e ferro.

Margareth Campos da Silva Pereira

Se trata também de um campo de lutas, lutas políticas. Somos um grupo de arquitetos que tenta alargar essa visão, mas não se trabalha de cima para baixo, o arquiteto não vai mudar essa situação se não existir um movimento de baixo para cima.

Enquanto você falava aqui, houve uma manifestação enorme contra o desgoverno, a incompetência, a falta de afeto no sentido primeiro do termo, a incivilidade no primeiro grau. Na área de arquitetura, o arquiteto se confunde com o Deus que de cima para baixo resolve as coisas. Estamos dentro de sistemas de lutas, sistemas de luta inclusive de reflexão em torno do que significa desenvolvimento, crescimento, capitalismo, consumo. Então nós, cada vez mais, temos que buscar sair da disciplinarização e ter um pensamento mais transversal e capaz, talvez, de estar em sintonia com o mundo social para construir outras formas de viver em cidades.

É lógico que Manaus poderia ser diferente. Eu nasci em uma Cuiabá com 50 mil habitantes. Apenas no espaço da minha vida, a aglomeração reuniu mais de 1 milhão de indivíduos. Eu vi as

populações indígenas, descendentes de xavantes, com as quais eu brincava inclusive, ficarem abandonadas nas praças pelo resto da minha infância. O que foi isso? Isso é desenvolvimento? Temos que nos orgulhar das nossas metrópoles? A gente tem que se orgulhar de ter metrópoles de 12, 20 milhões de habitantes ou elas mostram para gente os limites do próprio pensamento sobre a cidade? Mostram para a gente a necessidade de estudarmos mais, de aproveitar o momento de crise para fazer protesto, mas também para debruçar nos diálogos, nos livros, nas palavras que podem nos ajudar. Acho que também a culpa de Manaus não é dos arquitetos, é culpa de um modelo de desenvolvimento, um modelo de destruição de montanhas e de homens, de indivíduos, de seres e de corpos. Tem uma juventude, jovens que estão nos assistindo e uma luta que está sempre sendo travada. Isso ultrapassa minha existência, a desmontagem de um sistema de enorme violência, de enorme opressão e que não pensa, só reproduz e amplia seu campo de ação.

Wilson Ribeiro dos Santos Júnior

Deixa-me colocar algumas questões: primeiro, estou muito contente de estar aqui. Acho que o lugar que você ocupa hoje, Krenak, é de extrema importância por nos colocar diante de uma dimensão mais profunda e nos permitir, inclusive, compreender uma leitura a partir do ponto de vista de alguém que questiona profundamente a evolução recente do sistema urbano.

Eu parto do seguinte princípio: a cidade talvez seja uma das grandes invenções da humanidade. Na verdade, é sinônimo de aglomeração, mas tivemos nos últimos 100, 200 anos um panorama terrível no sentido do crescimento das metrópoles nacionais e internacionais. A quantidade de pessoas que morava nas cidades em 1920 era de 17% da população total do país, no ano 2020 nós chegamos a 86%. Imagina o que é isso do ponto de vista das migrações internas, você deslocar um contingente de quase 100% da população que existia criando novas cidades ou ocupando as cidades já existentes. Isso só é similar às migrações internas na China, que é capaz de mover 100 milhões de pessoas sob as ordens do governo autoritário, quando alguma cidade atinge um alto grau de poluição.

Estamos hoje conflagrados, especificamente no Brasil, mas não só nele, em uma guerra aberta. No nosso país, em duas direções, ou três. Por um lado, continua a guerra contra as populações originarias cada vez mais forte. Perdemos o que havíamos

conquistado no quadro democrático mais recente, que foi seguido da selvageria, ou melhor dizendo, de uma ação genocida pelos controles políticos da nação, em todos os sentidos.

Além disto, nas cidades temos uma guerra contra a população negra e preferencialmente contra a juventude negra. Setenta por cento das mortes de jovens no Brasil são da população negra. E junto com isso temos um terceiro ponto que se trata de um processo pensado e articulado, não só do ponto de vista da violência policial, mas do ponto de vista da omissão em relação à pandemia: o extermínio da população pobre. Ou seja, hoje, no meu entender, estamos em guerra.

Gostei muito de uma frase que o Krenak falou na premiação Trip Transformadores. Você dizia que a virada do século XX para o XXI significou uma ruptura total de paradigmas. Os filósofos que a gente escutava no século XX foram embora, morreram, e os pensadores novos ainda não estão maduros para dar resposta a esse quadro de incerteza que nós vivemos.

Acho que essa questão é chave: como vamos criar agora espaços de diálogo ativos entre as camadas diferenciadas da população para poder, de fato, construir de novo uma aliança concreta pela defesa da vida, da democracia e da possibilidade de convivência no nosso país?

Manaus é uma contradição plena do ponto de vista ambiental. Está colocada em um dos lugares que tem mais água do planeta e não possui água potável. Outra discussão cabível é em relação as palafitas. Somente mais recentemente começamos a ter, no meio dos arquitetos e urbanistas, uma defesa mais clara da palafita como estratégia de moradia. Em vez de se aperfeiçoar uma tipologia que já era utilizada há um longo tempo e por povos diferentes, bastante aderente ao tema das energias renováveis e totalmente pertinente ao meio ambiente em que se inseria, pelo contrário, houve uma política de rejeição profissional em nome da afirmação da modernidade construtiva ao longo do século XX e a política de construção das cidades com materiais "duráveis".

Não é à toa hoje que Afuá, município brasileiro do estado do Pará que surgiu como entreposto de trocas comerciais de mercadorias que circulavam através dos rios e onde se desenvolveu a arquitetura vernacular de palafita, virou uma referência internacional de sobrevivência a partir da adesão a esta tipologia tradicional que respeita o meio ambiente e consegue ter um tipo de uso e controle muito positivo.

Não nos falta projeto, o que falta na verdade é ousadia política

para enfrentar coletivamente as soluções que não deram certo e elaborar novas políticas e ações para comandar a execução dessas intenções. Quando você fala do concreto, é fato que a partir do começo do século XX deixamos de pensar a natureza por si, ou a natureza como algo agregado ao construído. Por outro lado, a noção difundida de defesa do patrimônio arquitetônico, urbanístico e cultural, desde o século XIX, foi a de preservar as fortalezas, os obeliscos, os grandes edifícios, monumentos, e não os nós, o patrimônio silencioso, o temporário e o comum.

Mas eu queria dizer exatamente isso: há um condicionante do sistema de produção internacional que está em uma nova fase. A China em cinco anos, se não me engano nos dados, utilizou a mesma quantidade de concreto que os EUA usaram no século XX inteiro. E, por outro lado, quando a gente observa a mineração, que fornece o calcário, matéria prima do concreto, constatamos que nós estamos enfrentando um inimigo poderoso que, por sua natureza e objetivos, não tem gentileza, não tem civilidade e vai enfrentar quem se colocar na frente - seja milícia, exército, defensores empresariais ou coisas do tipo - com toda a sua força.

Do ponto de vista do patrimônio, tenho desenvolvido reflexões recentes ao acompanhar, por exemplo, um ex-aluno que foi trabalhar em um projeto de recuperação das comunidades do vale do Rio Doce depois da tragédia, procurando resgatar a autoestima de grupos jovens da região, respaldado também por um belíssimo documentário sobre a aldeia Krenak no rio Doce, o Uatu como o Ailton nos ensina. Constatou-se, com um alto grau de desespero, que aquilo que fazia parte da cultura, do fundamento da vida da aldeia, deixou de existir. É o mesmo caso de cidades ao longo de todo o curso do rio que foram destruídas na tragédia do Rio Doce, como Bento Rodrigues, subdistrito de Santa Rita Durão, no município mineiro de Mariana e ou Vila de Regência situada na foz do Rio no estado do Espírito Santo.

Então, dentro dessa discussão do patrimônio silencioso, exatamente a temática que este congresso está tratando, me pergunto qual será essa noção de patrimônio de fato estabelecida no vale do rio Doce a partir da tragédia de Mariana? O que eu achei interessantíssimo foram os resultados do trabalho de um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais acerca da questão de patrimônio em Bento Rodrigues, nos quais se reporta o fato de que a população opinou por manter como diretriz de preservação do patrimônio as ruínas resultantes da tragédia. Eles não quiseram o restauro ou a reconstrução, e sim a permanência daquilo que sobrou como um testemunho histórico

do que a ganância, a insensibilidade de quem produziu aquele fato, foi capaz de chegar.

O povo da floresta está sob ataque, assim como os povos excluídos da cidade também estão. Trata-se da mesma questão. Essa destruição não se dá só pelo controle, pela posse da terra. Há uma perversidade no tratamento das questões culturais. Dentre as coisas que mais me deixaram indignado, molestado mesmo, foram as cenas dos cemitérios de Manaus durante a pandemia em 2020. Acumular os cadáveres contraria todas as tradições religiosas, sanitárias, culturais e significa, desse ponto de vista, uma ruptura importantíssima no sentido sensorial, do afeto, das relações entre pessoas.

Essa ruptura de ritos centenários, seculares, sejam eles vinculados às culturas tradicionais ou históricas que chegaram aqui com os portugueses, significa um processo de demolição por completo de uma sociedade que foi erigida às custas de uma camada de trabalhadores escravizados, indígenas e escravizados quilombolas.

Krenak coloca que nós temos que mudar a postura em relação ao nosso planeta que é um organismo vivo. Temos que estabelecer com ele um diálogo direto, seja com os povos da floresta que têm uma sinergia adquirida há milhares de anos, fruto de uma sabedoria incrível, seja com os povos da cidade.

Está claro nos estudos que estão sendo feitos, que nós não temos reservas de recursos naturais para continuar mantendo o crescimento das cidades no ritmo que está, com a verticalização, com os sistemas construtivos que são usados para manter prédios com gabaritos de 50 andares, como no triste caso de Balneário Camboriú que tem a maior torre do país e em compensação perdeu a praia, pois os edifícios geraram uma enorme sombra sobre as áreas das praias de permanência dos banhistas.

Não é questão só de ser sustentável, chegamos no limite. Da crise hídrica de agora, a única certeza que resulta é de que a "tarifa vai aumentar", o que vai prejudicar mais ainda a situação dos menos favorecidos financeiramente. Por outro lado, eu acho que hoje reside nas cidades a possibilidade de se reverter estes sistemas. Eu diria que hoje a insurgência é fundamental nas cidades porque é a partir delas que nós poderemos enfrentar a crise socioambiental e fazer uma mudança significativa no mundo.

Acompanhei muito de perto as iniciativas da CUFA, a Central Única das Favelas e acompanho a atuação do presidente da G10, organização sem fins lucrativos que busca atuar na promoção do desenvolvimento econômico e protagonismo das comunidades

que vivem nessas áreas. Ele explicou numa palestra como foi o processo de auto-organização em Paraisópolis que fez com que os índices de óbito desta favela caíssem pela metade em relação aos bairros vizinhos de alta renda. Aquela organização que é composta pelo que foi chamado "prefeitos de rua", ao criar um sistema próprio e autônomo de atendimento médico visto que o governo do estado proibia a entrada de ambulâncias em qualquer favela, conseguiram, através de doação, um sistema de ambulâncias diretamente voltadas para o transporte de favelados.

Paraisópolis, Rocinha, Maré, Complexo do Alemão, no Brasil inteiro, vemos um processo de auto-organização dos excluídos. Nos anos 80 houve o primeiro encontro dos povos da floresta que se dispunha construir uma aliança entre as tribos indígenas, os seringueiros, os ribeirinhos etc. Hoje precisamos garantir que os povos da floresta sobrevivam juntamente com essas camadas de excluídos da cidade. Então deixo essa pergunta: como devemos construir esse diálogo para que possamos avançar?

Ailton krenak

Eu queria compartilhar com vocês uma observação que me ocorreu durante essa conversa. No Brasil, a luta ambiental por muito tempo ficou restrita ao ambiente cultural elevado, A questão da relação entre ambiente harmonioso e qualidade de vida tem cerca de uns 30, 40 anos no Brasil e era uma conversa vinculada a pessoas que tinham contato com a Europa. Aqui, estava se depredando tudo e tal fato era visto como correto.

A partir da virada do século se estabelece um campo de debate do que foi chamado racismo ambiental. Por exemplo, na década de 70, o Brasil decidiu asfaltar a BR 364 no trecho que vai de Cuiabá até Porto Velho. Era final de ditadura. Traçou-se uma linha reta, uma espinha de peixe que foi colonizando a floresta, arruinando a vida de quem vivia ali. Era como se latifundiários e capitalistas estivessem nos apontando uma flecha. Acabamos criando a Aliança dos Povos da Floresta em 1985 sob a liderança do ambientalista Chico Mendes, no 1º Encontro Nacional dos Seringueiros, em Brasília. Assim, algumas das mais importantes lideranças dos povos indígenas e seringueiros do Brasil se uniram para reivindicar demarcações de territórios e a criação de reservas extrativistas.

Estávamos, como hoje, diante de uma política intencional do estado brasileiro que era de aviltar as pessoas que vivem com autonomia e que tem a posse coletiva de seus territórios. Isso é

intolerável. Podemos falar de racismo ambiental. O que é isto? É quando você diz que aquele tipo de vida não pode continuar a existir pois não paga o que o capitalismo pretende dela. Não pode existir aquele monte de gente comendo, bebendo, pescando, fazendo festa no meio da floresta. Urge arregaçar com a vida deles, chamar as empreiteiras, colocá-los para construir hidrelétricas, mandar virarem garimpeiros e invadir as fronteiras da Amazônia.

É um pacote célere movido pelo racismo ambiental. É no mesmo sentido do que estávamos falando a respeito do pobre não ter direito à água limpa. As cidades brasileiras são cheias de esgoto e não tem problema. Nem se cogita de vacina pois, como se vive no esgoto, vacina seria desperdício. É esse tipo de mentalidade que produz o racismo ambiental e ele integra o racismo estrutural, porque só incide em quem não tem nada. É por isso que você pode fazer um espigão lá em Búzios, porque quem vai para o espigão ali não se importa com a praia, pois a que ele vai frequentar está em outro lugar, em outros continentes. Dane-se essa praia.

Quando ocorreu o episódio das manchas de óleo que apareceram em centenas de praias brasileiras entre agosto de 2019 e março de 2020, os pescadores ficaram se debatendo com aquele petróleo podre. As pessoas pensaram como a vida é frágil. Então o que é racismo ambiental? Será que não existe racismo vinculado à forma de habitar? Que exprima modos de vida outros, que não sejam adeptos à reprodução capitalista da cidade?

Porque mais adiante iríamos descobrir um vírus desgraçado que se perpetuou e que nunca para, está sempre produzindo uma outra coisa, uma réplica daquele modelo que consome, que exclui, que precisa de polícia, de hospital, de cadeia. Outro dia uma senhora que teve o filho assassinado pela polícia em um daqueles morros do Rio de Janeiro disse que não teríamos que construir mais presídios, mas escolas. Porque se construímos um presidio, estamos produzindo miseráveis para jogar ali.

Quando eu escuto alguém dizendo sobre reconfigurar a produção de energia limpa, para mim isto é igual dizer acerca do novo normal. Como vai haver energia limpa se estamos arrebentando os rios, as fontes naturais de energia? Energia limpa poderá acontecer pela via nuclear e quando uma delas vazar, produzirá uma mortandade que não é alheia ao projeto capitalista.

A próxima missão do capitalismo é se livrar de metade da população do planeta até 2050. Então será necessário pensar a vida só para a outra metade. Em vez de termos sete bilhões de pessoas, teremos um desenho para três bilhões. Os outros, se pega com uma retroescavadeira e joga-se em um buraco, sem

identidade, sem nome. Um holocausto. Há um infectologista aqui de Minas Gerais que é uma autoridade nessas pesquisas e ele diz que essa é a década da pandemia nas Américas.

Na América Latina devemos chegar na casa dos cinco milhões de pessoas que morreram só na pandemia. Contando com EUA e Canadá quem sabe chegaremos na casa dos 10 milhões. Nós estamos exterminando a população do planeta numa marcha irrefreável do consumo capitalista que cada vez mais quer mais montanhas, mais rios, mais florestas para devorar.

Se observamos a lista das espécies em extinção, daqui a uns trinta ou quarenta anos, nela vai constar o Homo sapiens. E quando entrarmos nesta lista alguns irão falar: agora somos nós? Greta Thunberg disse que o mundo adulto não merece a nossa confiança, que mentiu para nós, que roubou o nosso futuro. Mas há muitos espertalhões querendo abrir escolas. Como vai ser a nossa educação? Deveriam ter coragem de dizer: já deu.

Se vamos ter que repensar, reconfigurar uma sociedade para viver em um mundo possível, não pode ser mantendo vícios cretinos do oportunismo, do egoísmo e da meritocracia. Essa coisa que o capitalismo disseminou no mundo é pior que a peste da pandemia, porque é uma mentalidade.

Perguntaram à professora Conceição Evaristo, no ano passado na abertura do Festival de Inverno da UFMG, como poderíamos combater o capitalismo. Se você sair por aí perguntando para as pessoas se querem que o capitalismo acabe elas vão dizer que não. Acham que vai demorar muito. As pessoas acham mais fácil acabar o mundo do que acabar com tal regime.

Pergunte para um moleque que está patinando por aí afora nesse nicho ocidental se ele topa parar com isso. Claro que não. Então é shopping, metrô, facilidades, avião, aeroporto, biscoito Globo, aquele tombado como patrimônio cultural do Rio de Janeiro... É um pacote tão complexo que o sujeito não consegue mais se descolar dele a não ser se acontecer um evento climático tão abissal que pegue todo mundo que está no litoral, vire tudo de cabeça para baixo, feito um tsunami que viesse dos Andes. Os que sobrarem finalmente irão pensar que tudo estava errado, porque parece que de livre escolha ninguém vai sair do vício.

Wilson Ribeiro dos Santos Júnior

Em julho de 2020, foram publicadas duas pesquisas em uma mesma revista que alteraram completamente o panorama da demografia

no mundo. Existia a previsão que em 2100 a população mundial deveria chegar a dez bilhões e que na verdade não haveria recursos possíveis para sustentá-la. As novas pesquisas mostram o contrário: a população mundial vai crescer até 2060 chegando por volta de oito bilhões, mas com um decréscimo seguinte para cerca de sete bilhões em 2100. Está embutido nisso, na pesquisa, o papel da mulher decidindo se quer ou não procriar.

O governo da China acabou de permitir a possibilidade de as famílias terem três filhos, pois a previsão é de que vai haver um decréscimo muito grande. A questão da longevidade, a população mais idosa, leva a que se conclua, no meu entender, que o capitalismo hoje não precisa mais manter o mesmo exército industrial de reserva como antes.

Eu fiquei perplexo quando eu vi, lá no começo da pandemia, uma funcionária do Ministério da Economia divulgar que o número de mortes ia ser bastante grande e ia atingir a camada de menor poder aquisitivo. Consequentemente, afirmou ela, haveria uma diminuição dos problemas com a previdência.

A questão dos refugiados é parecida. Após essa nova onda deve chegar a 80 milhões. Essas questões de fronteiras e de pertencimento também estão indo por água abaixo.

Eu só colocaria uma questão para você. Tenho percebido, não só no meio dos alunos da universidade, mas também nas periferias principalmente, que existe hoje uma mudança muito clara, uma busca por novos valores. Eu diria que nesse momento, usando uma imagem que brinca com os termos da economia, dos estudiosos, etc.., o valor de troca está perdendo terreno para o valor de uso. Está valendo muito mais resgatar comportamentos que tínhamos - Margareth, no interior do Mato Grosso e eu no interior de São Paulo.

As novas gerações norte - americanas estão hoje, recusando o carro como modelo. O sistema está em pânico, tanto que algumas montadoras já decidiram investir na produção de bicicletas, inclusive a Renault, porque sabem que a venda de carros tende a cair.

Na questão, por exemplo, da transformação do combustível, a China tem dado alguns exemplos incríveis. Existem grupos de pesquisa da Unicamp que trabalham com questões chinesas e informam que ela já deixou de ser quem mais produz carbono no mundo. Ao mesmo tempo cidades como Shenzhen que tinha 50 mil habitantes em 1980 e hoje tem 12 milhões, já mudaram o combustível que abastece toda a frota de ônibus que percorre a malha urbana. Todo o combustível, todo o transporte público é feito com energia

elétrica, a cidade inteira tem carregadores, e há uma taxa pesada para quem optar por outro tipo de combustível.

Acredito que alimentar perspectivas de outros valores para as novas gerações é um dado fundamental para proteger a humanidade da extinção.

Margareth Campos da Silva Pereira

Também acho que nós estamos mudando. De qualquer forma a questão pandêmica vai provocar algum impacto, não sei se aquele que a gente desejaria, mas sinto isso e essa busca por outros valores, outros saberes, outras epistemologias têm marcado a universidade nesses últimos tempos.

Fiquei me perguntando sobre aquela questão posta anteriormente sobre os filósofos, os pensadores do século XXI ainda não estarem maduros para trazerem soluções. Creio que temos que aprender que não há solução final e pronta, um amadurecimento, enfim, alcançado. Temos que aprender também que o mundo não tem uma "solução" e que é o nosso estado de atenção permanente - que está em uma ideia de mundo que sequer é externalidade como algo que nos rodeia mas que está em nós – que estranha o que está diante de nós, como questões de conjuntura, e se desvia buscando onde está a força, a potência, o fluxo da vida? Acho que é isso que vai nos marcar. Estou vendo também alunos da universidade buscando outras formas de saber que não estão dentro do modelo rígido usual, com o saber todo recortado. São outras formas realmente que estão sendo engendradas. No horizonte de minhas observações vejo hoje que é preciso retomarmos questões epistemológicas que são indissociáveis de questões ontológicas e é nessa direção que creio que estamos nos encaminhando.

Acho que temos que aprender a viver nesse mundo sensível, onde temos que ficar atentos até às menores afetações. Temos que ficar atentos porque fomos embrutecendo, fomos ficando "civilizados", mas também engrandecidos e temos a tendência de não usar a reflexão e o cálculo de probabilidades ou as estatísticas até no sentido positivo que poderiam trazer. A gente tem reduzido isso a número: matam-se 27 pessoas no Jacarezinho, números e números.

A universidade já está sentindo isso, reitores começaram a suicidar. Nós estamos vivendo o cerceamento da nossa palavra. O que eu estou falando aqui não sei qual consequência vai ter, mas acho que é necessário. Está havendo mudança, está havendo resistência, está havendo capacidade de resiliência.

Agora temos que saber que nós se desatam e que nós se reatam e quais são as formas de organização, de associação que nós vamos ter e talvez, observar melhor, porque se trata não só de cosmovisões mas de cosmopoliticas. Temos também que tentar voltar a pensar em desarrumar, destruir as muralhas, as fronteiras.

Quando Ailton fala dos povos ameríndios da Venezuela, há todo um mundo de fronteiras que foram se sobrepondo com a ideia do estado nacional, com o mercantilismo. Penso agora, até na outra face do barroco como cultura da dúvida, cultura porosa que se pergunta no sentido profundo do termo e que sofrerá em contraponto um monte de repressões, autos-de-fé, violências simbólicas e de fato. A história por exemplo das perseguições no século XVIII aos cristãos-novos no Rio, e nem falo aqui da escravização de "homens pelo homem" no espaço de 25 anos. Foram mais de 400 processos, famílias inteiras desmontadas por conta de uma forma de mercantilismo, lucro, poder, intolerância e uma forma de estado nacional que se afirmava cada vez mais nesse período.

Mas eu desviei a conversa. Temos que falar também de presentes e futuros, desse tempo agora, desse tempo que é novamente de crise, e de crítica, de dor, de perda, mas onde temos que também "projetar" esses corpos feridos, esses corpos mutilados, esses corpos silenciados, corpos que às vezes são tratados apenas como números para um outro devir. Temos que colocar uma outra ideia de corpo. Um corpo que empurra nossa força e nossa potência para o futuro. Acho que esse é o grande desafio.

É uma honra, Ailton Krenak!!! Você é uma grande voz que vem lá de dentro do nosso território que eu insisto em chamar de hibrido, e que é meu! Que tem que ser nosso! Onde houve muito erro, mas houve também acerto. E se há alguma voz que diz houve erro, precisamos nos deter para meditar sobre o que é dito. Temos que descobrir como foram os percursos e os passos que demos. Temos que tentar recriar de alguma forma outras possibilidades de agoras e de amanhãs.

Construir fluxos. Vamos tecer teias e, talvez Ailton, simplesmente reaprender a fabricar e andar em canoas!

PERGUNTAS

Pensando nos paraquedas coloridos citados por você como um adiamento do fim do mundo, como construir pontes enquanto, durante e através do combate?

[Ailton Krenak] Tem uma observação que acho muito interessante que é: nenhum povo é capaz de compreender a tragédia que está vivendo quando ela acontece. Só depois. É por isso que a gente tem história. A história vai revisitar esses lugares de desvio e tentar compreendê-los. Eu aprendi que nós estamos fazendo isso, estamos construindo essas passagens, essas travessias, estamos fazendo-as aqui na nossa conversa, por exemplo. Estamos fazendo porque se você olhar para dez anos atrás, muito provavelmente vai ver um esforço coletivo do IPHAN, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de outras instituições ligadas a este campo, em dizer "vem cá, vamos ter uma conversa sobre paisagens e patrimônios silenciados."

Se a gente tivesse naquela farra capitalista de dez anos atrás, todo mundo cheio de dinheiro, teríamos um Brasil que estava pensando em recolonizar o resto da América Latina. Chegamos a dar dinheiro para os vizinhos. O Brasil foi para a África recolonizar a África. A gente, ao contrário, deveria ter limpado a nossa dieta doméstica. Quando você ganha musculo, em vez de você cuidar do seu quintal, você quer invadir o quintal do vizinho.

Eu não gostei quando construímos duas hidrelétricas em Rondônia e inundamos a Bolívia. E quando o Evo Morales, presidente boliviano, reclamou, o Brasil falou: vamos perdoar aquela dívida que vocês têm com a gente. Então é uma maneira capitalista de sacanear o vizinho e não fazer aliança. Construir pontes não é construir hidrelétricas à custa dos outros. Esse combate é agora, não é para depois. Durante e através do combate. Estamos construindo pontes e acho inclusive que a ideia de construir pontes é muito cartesiana, tem muito a ver com a lógica do Ocidente. Podemos fazer outras coisas. Ponte é engenharia, quem gosta de fazer ponte é engenheiro. Temos que pensar o seguinte: será que aranha faz ponte? A aranha tece e sobe o fio da teia, é essa a ciência da aranha.

A gente está sempre com esse ímpeto de querer fazer uma coisa rígida, que vai alterar o silencio da paisagem porque somos arrogantes, por isso temos estatuas, bustos, caras de concreto.

Eu acho ridículo monumentos que copiam o sujeito, seja lá quem ele for. Fazem-no de concreto e o colocam em pé em alguma praça. É por isso que, nos momentos de rebelião, as pessoas vão e derrubam aquilo. É uma imbecilidade, nenhum de nós é tão importante para virar uma estátua. Ao mesmo tempo, o sujeito para escrever uma biografia de si mesmo tem que ser muito imbecil.

O cara vai fazer estátua, vai construir ponte... É melhor a gente aprender com a aranha como fazer teia. A gente usa uma linguagem que incide em outros corpos de uma maneira inconsciente. Quando você faz uma ponte você pega uma

margem de um rio e vai para outra, entendeu? É muito mais fácil fazer ponte do que imaginar a terceira margem do rio. Eu acho que a gente deva pensar mais na terceira margem do rio, mais na aranha tecendo redes e sair dessa ficção ou dessa fixação.

Fazer ponte, fazer barragem é coisa de governador. Teve uma pessoa que foi inaugurar uma ponte que dá acesso à região do Parque Nacional do Pico da Neblina. Usou madeira, material e tecnologia locais. Então, só o sujeito é que era de fora. Então não precisa, uma coisa que sirva para invadir o Parque Nacional do Pico da Neblina é de muito mal gosto.

Mas não vamos terminar nossa conversa invocando esses monstrengos. Temos algumas pessoas ali no chat falando: fora Bolsonaro!

[Wilson Ribeiro dos Santos Júnior] Só para fechar, tem uma coisa interessante acontecendo, não sei se você acompanha, Margareth, fenômeno semelhante no Rio. Existem alguns movimentos criativos como o Levante Popular da Juventude, que tomou como missão no governo Lula a troca dos nomes dos viadutos: tirar o nome dos militares e trocar a localização de certas estatuas. Agora em São Paulo começou entre o povo jovem a derrubada das estatuas dos bandeirantes, pela perversidade, pela escravização envolvida na ação destes personagens. Essa coisa, ao mesmo tempo que expressa um poder hoje, expressa também o que não pode ser.

Nesse sentido fora Bolsonaro e todas as suas mazelas!

[Ailton Krenak] Fora e viva a alegria que é a prova dos nove! Maravilha estar com vocês.

E viva também nossa querida anfitriã que provocou a nossa vinda para cá.

Maravilha!

[Maria Angélica da Silva] Gente, que noite animada! Eu imagino se estivéssemos todos juntos... Estou vendo no chat as pessoas falando como seria bom aplaudir vocês, continuar com a conversa, ir com esse entusiasmo para casa ou para um

barzinho a debater estas ideias. Super obrigado por essa noite tão incrível, tão inspiradora. Tão bom ver vocês, tantas ideias que vão ficar nas nossas mentes, nos nossos corações, planos e expectativas de tentar mudar esse quadro que vivemos atualmente.

Povos da floresta, povos da cidade: vamos nós!

Muito obrigada aos debatedores por terem levado essa discussão com tanto brilho! Muito obrigada Ailton Krenak pela generosidade, por todo esse tempo que você compartilhou conosco!

Muito obrigada de coração.

E obrigada ao público que ficou persistente, até o fim!

Agradeço a todos vocês! Vamos embora a tecer teias de aranha paisagem afora!

NOSSA VIDA COMO GAIA

Rita Mendonça

Quando recebi o convite para dar uma palestra no Nós - I Congresso Internacional Estudos da Paisagem, em agosto de 2021, me lembrei do quanto sinto falta dos encontros presenciais, em que o meu planejamento sobre o que vou dizer, as minhas percepções sensíveis no momento da fala, as trocas de olhares e de contato com o espaço se integram produzindo algo sempre novo e inesperado. Assim gosto de estar em relação com as pessoas que me ouvem. Estando confinados e trabalhando quase que exclusivamente online, iniciei a palestra com um exercício de visualização, para que pudéssemos, de alguma forma nos aproximar, eu, os organizadores, os ouvintes, e que nos colocássemos num mesmo campo, em uma mesma sintonia.

> Propus um exercício que, se de um lado parece nos colocar "ao lado", fora do contexto do seminário, de outro, nos leva a refletir que talvez seja exatamente o contrário, que é quando nos esquecemos da irmandade dentro da qual estamos imersos, quando nos esquecemos da história do Cosmos, do nosso Planeta e da nossa própria enquanto cultura, é que estamos vivendo "em separado". Na verdade, estamos sempre conectados, mas a falta de consciência disso produz efeitos bem contraditórios em relação ao sentido de nossas ações, da fabricação de nossos mundos.

Para fazer o exercício, convidei os participantes a fecharem os olhos e a imaginarem as cenas conforme as propunha. A fazer uma viagem juntos, cada um em seu lugar, mas ao mesmo tempo, juntos:

Por alguns instantes preste atenção no seu próprio corpo, nos apoios, em como está sua respiração.

Podemos todos respirar juntos e imaginar.

Imagine que você está sentado em uma cadeira e que os seus pais estão sentados atrás de você com as mãos em seus ombros. Em seguida você imagina seus avós, sentados atrás de seus pais, e da mesma forma, com uma mão no ombro de seu filho e filha. Em seguida, o mesmo com seus bisavós. Procure observar com que nitidez você os imagina. E continue com seus tataravós, e vai seguindo na direção dos seus ancestrais.

A cada geração você duplica os números de ancestrais.

Em algumas gerações você já tem uma multidão atrás de você. Então estamos visualizando a sua história pessoal e a nossa história coletiva. A história de todos nós.

E indo para trás na história de cada um, nós vamos chegar nos primeiros **Homo sapiens**, que surgiram na África. Assim, podemos nos dar conta de que estamos todos conectados por relações de sangue com toda a humanidade, desde o primeiro **Homo sapiens** até hoje. Somos todos parentes.

Antes do aparecimento do gênero Homo, os chimpanzés, há cerca de 2 e meio milhões de anos. Indo muito mais para trás no tempo, o último ancestral comum entre humanos e chimpanzés viveu há 6 milhões de anos. Antes deles, uma diversidade enorme de seres se desenvolveu na superfície terrestre.

Assim, voltando sempre para trás no tempo, vamos chegar à primeira célula viva, aos primeiros organismos, há 3.8 bilhões de anos, e percebemos que somos todos parentes. Toda essa vida foi sendo transmitida por meio de formas variadas a cada vez, a cada geração, até chegar nessa forma que nós tomamos hoje.

Para que tudo isso acontecesse precisamos da água, primeiramente a dos oceanos e depois de toda a água circulando incessantemente e permitindo que nos formássemos. Ao mesmo tempo, foi a existência dos seres vivos com os seus metabolismos que garantiram a retenção da água na Terra. A água poderia ter evaporado se não tivesse surgido a vida.

E aí então, a gente andando para trás no tempo e na imaginação, chegamos no início da formação do planeta Terra, há 4.6 bilhões de anos. Mas o Universo não começou com a Terra, então vamos incluir todas as estrelas, os sistemas solares, todo o Universo, porque somos feitos das mesmas substâncias que os corpos celestes, o hidrogênio, o oxigênio, o carbono, o nitrogênio, o fósforo e o enxofre, são dos mais abundantes no sistema solar.

Somos poeira de estrelas, como se diz poeticamente. Então você imagina que você está na ponta de uma pirâmide cuja base é a totalidade de tudo o que existe e existiu. Imagine todas as linhagens de seres que existem e que existiram formando esse todo.

Uma força viva, um fluxo de energia que vem do Universo em sua direção, animando você, te dando vida, te conectando com tudo quanto existe. Foram 13.8 bilhões de anos de investimento do universo em você.

Os povos originários, acredito que todos eles, em todos os lugares do mundo, tenham essa vinculação com toda a história da vida na terra e por meio de diversas práticas cotidianas, criam mecanismos para se lembrarem desse nosso chão comum. Para se lembrarem dessa ponte que vem de longe e que chega até nós e que nos atravessa. Essa reverência ao fluxo nos conecta ao território. É no território onde essa identidade é gerada e onde a vida pode ser observada em toda sua singularidade.

Essas culturas emergem junto com os ecossistemas, com as características daquele ecossistema, elas não pretendem ser maiores do que o mundo em que vivem.

Mas, desde o início do chamado processo civilizatório, digamos, há mais ou menos 6 mil anos atrás, o conceito de natureza e a relação com o território foi se transformando. A ideia de natureza como uma generalização foi crescendo, permitindo que essa desterritorialização fosse possível. Hoje empregamos a palavra Natureza sem precisarmos estar conectados a ela, nos referindo a uma entidade abstrata.

Então, começa a haver essa separação entre o que é selvagem e civilizado, com todas as contradições que hoje podemos perceber nessa aparente oposição.

Se a espécie **Homo sapiens** emergiu há cerca de 200 mil anos, e se o processo de formação de sociedades complexas, cidades, etc não tem mais de 10 mil anos, então podemos afirmar que em 99% da nossa história praticamos um modo de vida conectado ao dos demais seres que compunham cada território, numa experiência de integração e participação.

Ao longo da história nós fomos desnaturalizando a ideia de natureza e fomos criando uma dicotomia entre os artefatos humanos e a natureza, como se isso fosse possível.

A filósofa Nancy Mangabeira Unger, em seu livro "Da foz à nascente - o recado do rio" afirma: "A expulsão do sagrado do Cosmos traz como consequência a progressiva divisão entre ciência e sagrado, entre conhecimento e sabedoria".

Tornamos o sagrado como algo fora da experiência, fora das coisas vivas, fora da Natureza. E entende-se que o que está dessacralizado pode ser feito dele o que bem se entender. Fica como que autorizado.

Quando olhamos para os impactos ambientais, essas questões todas dentro das quais nós vivemos, consciente ou inconscientemente, nós estamos implicados nelas. Vivemos em uma sociedade que se relaciona com a natureza de uma forma muito diferente do que com que se relaciona com o sagrado.

A sociedade em que vivemos olha para as coisas vivas como se elas fossem máquinas. Entre nós prevalece o pensamento mecanicista, que passou a ser valorizado há cerca de 200 anos, e passou a ser a forma principal de se fazer ciência e de construir a sociedade.

> Os corpos dos animais, as florestas e os ambientes são vistos como se fossem compostos por partes que, engrenadas umas às outras funcionariam como máquinas. O próprio corpo humano é visto assim, e quando vamos ao médico precisamos fazer verdadeiras peregrinações entre especialistas, para termos uma ideia imprecisa sobre os nossos próprios corpos.

O pensamento mecanicista nos trouxe muitos avanços, porém ele talvez não seja tão adequado para pensar as coisas vivas, nem tampouco adequado para as relações entre as pessoas. Ele requer dominação e controle, e as coisas vivas passam ao largo disso.

> Por exemplo, se se observar bem, em toda cidade, mesmo a mais bem cuidada, está cheia de vida espontânea se expressando a todo instante, seja nas frestas do cimento da calçada, nos casulos de insetos nos muros, nos ninhos de passarinhos nos postes, etc. Em todo canto tem vida. Nosso planeta é vivo, podemos colocar mais e mais cimento, e a vida continua pulsando.

Tudo em nosso Planeta está em um processo de permanente metamorfose, de forma que um elemento ou fenômeno se transforma em outros em um processo dinâmico e incessante.

> Eu tenho aprendido muito a partir de diversas fontes, e uma das que mais me influencia, tanto na reflexão quanto na prática é a ciência goetheana (baseada na obra científica do célebre poeta alemão Goethe). Nessa abordagem, é proposta uma observação tão profunda de cada fenômeno a tal ponto que não se pode mais separar o observador do que é observado, uma vez que você, como observador, participa da vida do fenômeno e ele da sua. E propõe que quanto mais você se dedica a essa observação livre e profunda, mais preparado fica para observar mais profundamente,

criando assim, novos órgãos de percepção em si. Você se transforma junto com o fenômeno que você está investigando.

> Isso tem forte aplicação na educação. O que é aprender e como aprendemos?

A observação profunda promove uma autonomia na produção do conhecimento, ao invés da atitude passiva que o ensino tradicional oferece para os estudantes. Nessa abordagem, entende-se que o aprender se dá pela experiência, diretamente com os fenômenos. Dessa forma, todos somos sempre aprendizes. O que é bem diferente das formas usuais de ensino, em que nos habituamos a disciplinar o conhecimento, a hierarquizar os saberes, a estabelecer formas de controle e dominação disciplinando também os gestos, os comportamentos.

Ativismo ambiental, ativismo delicado

Em relação às questões ambientais, é fundamental nos engajarmos em atitudes respeitosas com o mundo ao redor e críticas em relação à industrialização, ao colonialismo, aos mais variados preconceitos que vigoram em nossa cultura.

> Ao lado disso, e principalmente, a conexão com o mundo vivo é importante para nossa evolução enquanto espécie, junto com a evolução da vida na terra. Uma forma de evoluir pela consciência que temos desse mundo. E a consciência se amplia com experiência, com o corpo como base para a mente, e não com informações sobre as coisas de forma desconectada, separada, abstrata.

Quando nos vemos em separado nós dessacralizamos, desvitalizamos a nossa própria participação no mundo vivo. Essa conexão e integração com o mundo vivo influencia nossas escolhas, faz com que a gente faça escolhas diferentes, nos ajuda a sair do automatismo a que estamos treinados. É importantíssimo a gente se engajar em como tomar consciência de quem nós somos.

A visão de mundo dos últimos 200 anos transformou-se de forma radical, as máquinas passaram a ser mais importantes que as pessoas, que as relações, uma vez que se passou a desconsiderar suas qualidades, suas singularidades, seus mitos e sonhos.

Nos anos 60, um cientista britânico chamado James Lovelock trabalhava em pesquisa para a NASA, em um programa que buscava vida em Marte. Ele observou que a atmosfera deste planeta era estável, sem oscilações importantes das concentrações das substâncias atmosféricas.

Ao estudar a atmosfera da Terra observou uma variação incrível, o tempo todo. Observou muita variação e ao mesmo tempo uma estabilidade, um equilíbrio, que é garantido pela diversidade de metabolismos dos habitantes desse nosso Planeta. É a atividade dos seres vivos que mantêm essa taxa de gases atmosféricos estável, que tem, portanto, um papel de regulação para que o ambiente permaneça favorável para todos.

Essa é uma descoberta incrível, que a atmosfera terrestre é produzida e regulada pelos seres vivos! Nós, assim como todos os demais seres vivos deste Planeta, precisamos de exatamente 21% de oxigênio para sobreviver, por exemplo. Cada espécie é importante, assim como as populações de cada uma delas. Entre tantas outras questões que isso implica, a extinção de espécies e a diminuição violenta das áreas biodiversas estão comprometendo os mecanismos reguladores dessa atmosfera. Essa descoberta foi confirmada por inúmeros estudos científicos e tem o nome de Teoria de Gaia, um fato científico e também uma homenagem à deusa Gaia, a Terra na mitologia grega, a que deu nascimento a todas as coisas.

Na década de 1960 a bióloga marinha Rachel Carson publicou um livro chamado Primavera Silenciosa, em que despertou o mundo com suas pesquisas atestando que a atividade industrial estava provocando distúrbios gravíssimos aos ecossistemas, provocando contaminação e doenças. Desde então, muitos outros estudos e movimentos ambientalistas

começaram a surgir em todo o mundo, em busca de parar, diminuir, relativizar, responsabilizar os impactos ambientais que este sistema econômico provoca.

Um filósofo norueguês, bastante conhecido em seu país, Arne Naess, trouxe uma provocação para tudo isso: ainda que fossem fundamentais as atitudes ambientalistas, que por si já requerem enormes esforços, isso ainda é insuficiente, pois não alcança a origem dos problemas. Ele propõe a Ecologia Profunda, um movimento que questiona esse posicionamento do humano como um lugar de privilégio. Considera que a vida é maior do que o humano, apesar de nossa capacidade de transformar violentamente as paisagens em relação às formas que teriam espontaneamente. Sua visão é biocêntrica, em que o humano é entendido como parte da Terra, não superior nem com privilégios.

A Ecologia Profunda reconhece que nossos corpos se formaram com uma reciprocidade delicada com as múltiplas texturas, sons e formas de uma terra animada. Nas palavras de David Abram, em seu livro **"The spell of the sensuous"**: "nossos olhos evoluíram em interações sutis com outros olhos, assim como nossos ouvidos estão sintonizados, por sua própria estrutura, ao uivo dos lobos, ao grasno dos gansos. Isolar-nos dessas vozes, continuar a condenar, através do nosso estilo de vida, dessas outras sensibilidades ao esquecimento da extinção, significa roubar nossos sentidos de sua integridade e roubar a coerência de nossas mentes. Apenas somos humanos quando estamos em contato e em convívio com o que não é humano" (ABRAM, 2017, p. 22, tradução livre da autora)

Experiências profundas com o mundo mais que humano e que precisam levar a um questionamento profundo. E um compromisso profundo.

Começar a fazer escolhas diferentes, que possam nos direcionar para caminhos diferentes.

Quando olhamos para uma paisagem, que "óculos" estamos usando para olhar? As experiências diretas podem nos ajudar a tirar os véus que encobrem nosso olhar, formatado por nossos padrões emocionais, familiares e culturais.

Como podemos incluir a integralidade desse mundo, desse Planeta em nossa vida cotidiana?

Será que nossa consciência pode alcançar seja a dinâmica viva da Terra, seja a de todo Universo?

Sensações, intuição, sentimentos são formas tão legítimas de aprendizagem quanto o pensamento. Caso contrário, a visão mecanicista, tão familiar para nós, vai acabar prevalecendo.

Experimentos de novas formas de estar no mundo

Vejo as Ecovilas, as comunidades intencionais, como experimentos voltados para criar novas formas de viver, e conviver.

No campo da educação, considero as Escolas da Floresta experimentos fundamentais que nos fornecem referências sobre o potencial da natureza como educadora, pois são escolas que reconhecem que a natureza tem muito mais a ensinar do que os livros, são escolas que não têm prédio, não têm edificações, e as crianças passam todo o seu período escolar do lado de fora, em bosques e florestas.

Na área de produção de alimentos, as agroflorestas, em que a intervenção humana vai na direção de aumentar a produção de biomassa, dentro da própria lógica do ecossistema e não impondo uma outra lógica sobre ele.

Estudos profundos sobre a água e de como ela é viva e tem as suas preferências em ternos de movimentos, levaram à criação de sistemas de tratamento altamente eficientes, apenas realizando os movimentos naturais da água. São chamados de **Flow Forms**.

Há inúmeras experiências práticas que vêm ao encontro das reflexões colocadas acima.

São experimentos práticos, gerados a partir de muita pesquisa, ousadia e muito conhecimento. Mas nossos povos originários têm tal conhecimento já integrado a suas concepções de mundo, e precisamos ouvi-los não só porque temos muito a aprender com eles como também para honrá-los, reconhecendo sua potência, diante da resistência a processos extremamente violentos a que foram submetidos desde a chegada dos colonizadores em nosso território.

> Mais do que nunca nós precisamos ouvi-los. Ailton Krenak é um grande sábio, que nos transmite generosamente seu pensamento por meio de suas falas e livros, nos provocando com afirmativas como: O futuro é ancestral. A vida não é útil. Precisamos ter coragem de ser radicalmente vivos.

E lembrarmos sempre de nos perguntar:

Que tipo de ancestral nós queremos ser?

PERGUNTAS

Como você relaciona a Teoria de Gaia à pandemia da covid-19, uma vez que surge um choque entre a mecanização (sistematização) da vida que vínhamos construindo e a noção de finitude e limitação?

> Eu entendo que, como a Terra funciona nesse processo de interconexão constante, a permanência desse vírus significa que ele encontrou condições para se reproduzir. Nós transformamos o ambiente de tal forma que favorecemos a sua reprodução tanto no ponto de vista ambiental, pela diminuição dos habitats dos animais que naturalmente funcionavam como seus hospedeiros, os morcegos, quanto no ponto de vista das nossas facilidades de comunicação, que aceleraram a transmissão da doença. Nós criamos as condições favoráveis para sua dispersão.
>
> Existe um choque entre a mecanização que vínhamos construindo e a noção de finitude e limitação. Outras pandemias são possíveis se a gente não parar de agredir os ambientes silvestres.

E, nestas circunstâncias, para sobrevivermos, devemos escutar a ciência mecanicista à risca, com vacinas, com as quarentenas e o que mais vierem a nos recomendar.

Mas para um efeito mais duradouro precisamos conservar os habitats originais dos morcegos, que são portadores de numerosos vírus, potencialmente transmissores de doenças para os humanos. Precisamos manter os ambientes silvestres protegidos, mas é exatamente o contrário que estamos fazendo em toda parte, mas com muita velocidade, no Brasil.

Nossa conexão com a terra (a vida como Gaia) sofre pelo processo histórico da construção de um mundo mecanizado. Entretanto a vida resiste e se ergue nas frestas do concreto. Quais são os caminhos que você acredita serem capazes de nos apontar soluções positivas entre o diálogo e a vida econômica versus a vida natural? O que você sugeriria, a partir de seus estudos sobre educação?

Olha, no campo da educação eu sugiro sair da sala de aula completamente. Eu tenho trabalhado bastante ajudando professores e gestores de escolas a criar uma cultura de aprendizagem ao ar livre. Acho que temos que parar imediatamente de dizer para as crianças que o mundo é perigoso, que o mundo é cimentado, que o mundo é eletrônico.

Isso está deixando as crianças doentes, desvitalizadas e pouco preparadas para enxergar o mundo lindo e maravilhoso em que vivemos. Ajudar os professores a dar aula fora da sala e ficar mais vulneráveis às variações do tempo, às variações de tudo ao redor.

Que aprendizados o mundo está trazendo e como como podemos, nesse processo de transição, conectar os conteúdos às experiências diretas, e priorizar o que é verdadeiramente importante para a formação da criança.

A economia precisa mudar, existem novas experiências nesse campo e isso é muito importante: deixar de achar que há um tipo de economia único, voltado para o capital e a concentração. Modificar a noção de riqueza.

Sair das prisões a que estamos submetidos, experimentar outras formas de obter o que se precisa, existem diversos

caminhos de troca e de permuta ou mesmo de moedas alternativas que ajudam as pessoas a ficarem mais conectadas com seu próprio território e comunidade. Essas novas economias estão conectadas com uma vida mais natural.

Precisamos lembrar que, ao trabalhar em uma grande instituição, sua participação precisa fazer sentido para você, precisa valer a pena, não em termos de rendimentos, mas em termos de sentido, pois você está vendendo seu tempo existencial, seu tempo de vida. Precisa valer a pena não só para você e toda a sua coletividade, mas também para o Planeta.

Com essa apresentação, fico pensando na ideia que aparece nas cosmovisões indígenas sobre os elementos da natureza como sujeitos (personificados), e não só como recursos (a serem utilizados). Acho que esse entendimento pode mudar nosso pensamento projetual de fato... Queria saber mais sobre o olhar da Rita nesse sentido.

Sim, o animismo vê sacralidade e vê cada ser vivo como sujeito que pode conversar com você, que você pode conversar com eles, com quem se pode interagir de igual para igual. Então, cabe conversar com eles, ficar atento aos seus sinais. Realmente os povos originários sabem muito bem escutar a montanha, sabem ouvir os seus sinais.

Nós sabemos também, é só entrarmos nesse processo de querer saber, de observar, de prestar atenção. Gregory, Bateson, importante antropólogo, cientista social, linguista e semiólogo inglês comentou que ao menos que aprendamos a pensar com a natureza, os desastres serão inevitáveis.

Ouvi uma história real, que me foi confirmada pessoalmente pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que, enquanto estavam realizando a reforma da Pinacoteca do Estado, em São Paulo, verificaram a presença de uma paineira bem na frente, entre as escadarias, que parecia sem vida e não florescia havia cerca de 10 anos. Então decidiram cortá-la, e enquanto a empresa contratada para fazê-lo programava sua retirada, ela amanheceu florida. E então decidiram deixá-la onde está, local em que permanece até hoje.

Acho essa história muito inspiradora. Nós precisamos entender, os seres vivos estão nos dizendo coisas o tempo todo, e precisamos poder moldar, poder ouvir mesmo, incluir isso como importante atitude em nossos planejamentos, em nossos cuidados, em nossas ações.

Vocês que são arquitetos, precisam ouvir os sinais!

REFERÊNCIAS

ABRAM, D. **The spell of the sensuous:** perception and language in a more than human world. New York: Vintage Books, 2017.

BATESON, G. **Mente e Natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

MEMÓRIAS GUARDADAS NA TERRA

Jorge Luiz Lopes da Silva

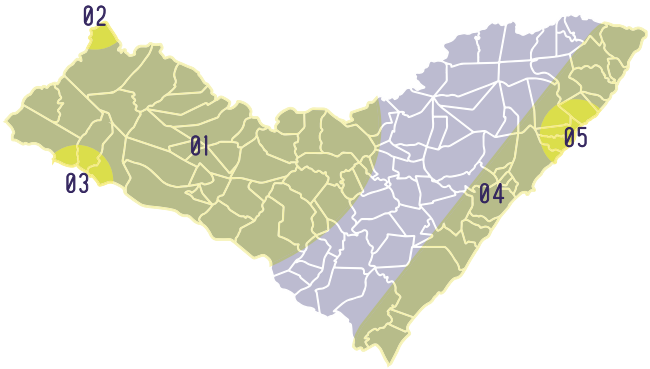
Quando falamos ou escrevemos sobre memórias, a primeira concepção que se tem, refere-se às que guardamos no nosso cérebro, porém, nosso planeta também tem suas memórias. Essas podem ser buscadas e interpretadas com um conhecimento específico, pois, trata-se do que foram nossos antepassados e o que realizaram, dos seres que viveram em épocas pretéritas e finalmente, daquilo que está guardado na estrutura geológica do planeta. Estamos falando dos Patrimônios Arqueológico, Paleontológico e Geológico.

Em junho de 2021 discorremos no "I Congresso Internacional Estudos da Paisagem", organizado pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, sobre as memórias guardadas na terra, em especial para essas memórias no estado de Alagoas.

Memórias do passado fóssil

Os estudos sobre os patrimônios da memória do planeta em Alagoas, revelam importantes descobertas tanto na arqueologia quanto na paleontologia, desde o litoral até o interior na região semiárida do estado, indo de idades antigas até as mais recentes do ponto de vista geológico e histórico.

Figura 01: Mapa de Alagoas com destaque para as áreas de pesquisa de fósseis pelo Laboratórios Integrados de Paleontologia e Espeleologia do MHN/UFAL.



01. Depósito de Tanques
02. Bacia do Jatobá
03. Bacia do Tucano Norte
04. Bacia SE/AL
05. Formação Maceió (K Aptiano)

No que se refere ao patrimônio paleontológico, as principais ocorrências dos fósseis estão localizadas nos depósitos de "Tanques" que são depressões nas rochas produzidas pela ação de águas de rios sobre essas rochas, posteriormente preenchidas por sedimentos e restos de animais do Período Pleistoceno. Outro tipo de ocorrência se concentra nas rochas sedimentares das Bacias Sergipe/Alagoas e Tucano Norte.

Começando pela Bacia Sergipe/Alagoas, no lado alagoano, encontramos fósseis que representam o Período Cretáceo da Era Mesozoica. As idades estão em torno de 110 milhões de anos antes do presente, com a ocorrência de fósseis de peixes, vegetais e coprólitos (fezes fossilizadas) de peixes, principalmente de tubarões.

Outros fósseis que se destacam são das pistas de deslocamentos e habitação, deixadas por organismos marinhos quando a região semiárida alagoana esteve submersa durante a Era Paleozoica, mais precisamente no fim do Período Siluriano e início do Devoniano, com cerca de 400 milhões de anos. Os fósseis desses períodos, nos contam a história de quando essa parte do semiárido alagoano esteve no fundo de um mar raso, lembrando a frase de Antônio Conselheiro que dizia que um dia "o sertão vai virar mar e o mar virar sertão." Nesse caso o nosso sertão já foi fundo de mar. Isso é parte dessas memórias guardadas nas rochas.

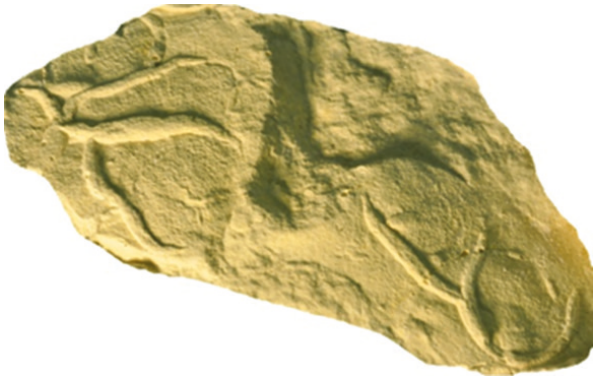


Figura 02: Icnofóssil denominado de **Planolites** (ramificações em destaque na imagem), encontrado no sertão alagoano, pertencente ao acervo do Setor de Paleontologia do Museu de História Natural da UFAL.
Fonte: acervo pessoal.

Remanescente de eras mais antigas, encontra-se em Alagoas troncos de uma floresta de parentes das araucárias, com uma grande concentração de troncos silicificados, popularmente conhecidos como petrificados. Alguns possuem mais de quatro metros de comprimento, bem preservados e com sua morfologia íntegra. Essa floresta data do Período Jurássico Superior, Era Mesozoica, quando os dinossauros dominavam as terras emersas do planeta.

Figura 03: Tronco silicificado de araucariácea do Período Jurássico.
Fonte: acervo pessoal.

Os fósseis do Pleitoceno de Alagoas

Um destaque especial se deve aos fósseis encontrados em Tanques, Paleolagoas e Paleocanais Fluvial, a partir da região agreste do estado e em grande parte dos municípios do sertão alagoano. São ossos fossilizados de mamíferos que viveram durante o último período glacial.

Esses animais aparecem em praticamente todos os sítios paleontológicos estudados pelos Laboratórios Integrados de Paleontologia e Espeleologia (LIPE) do MHN/UFAL, do tipo Tanques, Paleocanais e paleolagoas. São animais de um porte magnífico e devem ter causado grande impressão aos indivíduos das nossas populações originais.

Figura 04: Locais em que os fósseis de mamíferos do Pleistoceno são encontrados em Alagoas: depósito do tipo Tanque (1); depósito do tipo Paleocanal Fluvial (2) e depósito do tipo Lagoa (3).
Fonte: acervo pessoal.

A busca por essa memória guardada na terra tem levado as equipes de pesquisa do LIPE-MHN/UFAL a fazerem descobertas importantes na região semiárida do estado. Um exemplo pode ser dado pelas escavações no município de Piranhas, onde se pode ver ossos de uma preguiça terrícola chamada de **Eremotherium laurillardi**, que pesava próximo das cinco toneladas, chegando a cinco metros de comprimento. Um grande herbívoro que viveu nas áreas de vegetação semelhante às do Cerrado brasileiro. Esse fóssil é muito importante, pois além do animal adulto, encontrou-se ossos de um filhote entre as costelas, o que possibilita ser uma fêmea e seu filhote.

Figura 05: Imagens da escavação no Sítio Paleontológico Picos II no município de Piranhas, um dos principais fósseis de preguiça encontrado no Brasil.
Fonte: acervo pessoal.

Os demais animais dos sítios paleontológicos de mamíferos pleistocênicos do estado, possuem uma importante representatividade. São três espécies de preguiças terrícolas (**Eremotherium laurillardi, Catonix cuvieri e Ocnotherium sp.**), seis de tatus (**Holmesina sp., Glyptotherium sp. Panocthus sp., Pampatherium sp. Doedicuros sp. e Tolypeutes tricinctus**), felino dentes de sabre (**Smilodon populator**), cervídeo (**Ozotocerus sp.**), palaeolhama (**Palaeolama major**), toxodonte (**Toxodon platensis**), mastodonte (**Notiomastodon platensis**), cavalo (**Hippidium principale**) e um icônico xenorinotherium (**Xenorhinotherium bahiensis**).

XENARTHRA

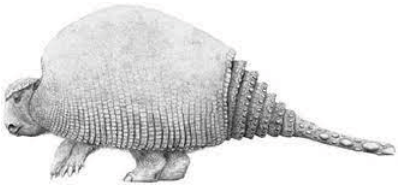
PILOSA

Eremotherium
laurillardi

Catonyx
cuvieri

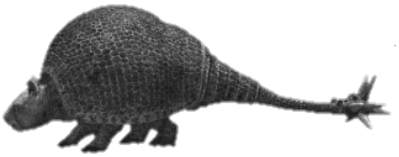
Ocnotherium
sp.

GLYPTODONTIDAE | CINGULATA | ?



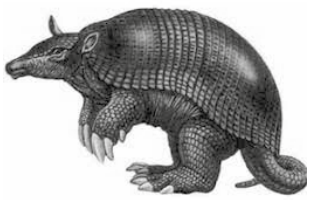
Panocthus
sp.

Glyptotherium
sp.



Doedicuros
sp.

PAMPATHERIIDAE | DASYPODIDAE



Pampatherium
sp.

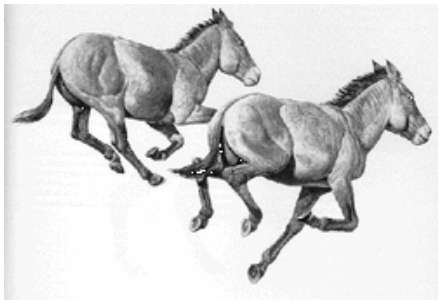
Holmesina
sp.

Tolypeutes
tricinctus

Figura 06: Reconstituição dos mamíferos encontrados em sítios paleontológicos de Alagoas.
Fonte: acervo pessoal.

PERISSODACTYLA

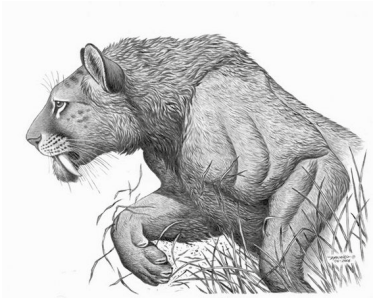
EQUIDAE



Hippidium
sp.

CARNIVORA

FELIDAE



Smilodon
populator

ARTIODACTYLA

CERVIDAE

Ozotocerus
sp.

CAMALIDAE

Palaeolama
major

PROBOSCIDEA

Notiomastodon
platensis

NOTOUNGULATA

Toxodon
platensis

LITOPTERNA

Xenorhinotherium
bahiensis

Figura 07: Reconstituição dos mamíferos encontrados em sítios paleontológicos de Alagoas.
Fonte: acervo pessoal.

Presença humana em solo alagoano

A presença do homem pré-histórico em território alagoano é marcada pelas dezenas de sítios arqueológicos com registros de pinturas, cerâmicas, materiais líticos e ósseos. Esta é mais uma memória guardada na terra e nas rochas.

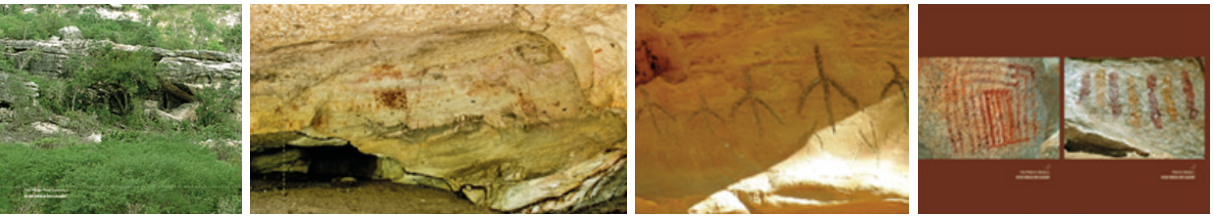


Figura 08: Sitio arqueológico Platô do Talhado 9 e algumas gravuras encontradas nos paredões de rochas na região semiárida alagoana.
Fonte: Livro patrimônio arqueológico e paleontológico de Alagoas.

Considerações finais

As memórias preservadas nas rochas e no solo alagoano, como nas demais regiões do Brasil e do planeta, ilustram bem o quanto esses patrimônios científicos e culturais devem ser preservados para estudos e posterior divulgação, tornando-se um atrativo público, importante para toda população. São conhecimentos que nos retratam o passado e nos permite entender ou projetar o futuro, já que tudo nesse planeta é cíclico e os eventos do passado tornam-se a repetir.

Sem conhecimento não temos como mostrar a importância desse patrimônio, nem lutarmos pela preservação dos mesmos para as futuras gerações. Conhecimento e entendimento são primordiais para mantermos as memórias da terra e nossas próprias memórias vivas e ativas. Conhecer para preservar.

Eu escolhi esse tema justamente porque atuo na linha reichiana e Wilhelm Reich trouxe para a dimensão clínica, o corpo. Mas quando a gente fala em corpo, que corpo é esse? O que a gente entende por corpo?

> Então, quando a gente fala de corpo, a gente está se referindo à corporeidade e esta envolve como a gente se percebe, como a gente percebe o mundo, como a gente se movimenta no mundo. De forma que nossa estrutura física, traz toda a nossa história desde a fase da nossa concepção.

Nosso corpo, ou melhor, nossa corporeidade, é construída pelo biológico, pelo psicológico e pelo social. E é nessa interação que a gente vai se relacionando com o mundo, construindo a nossa forma de estar presente no mesmo.

> Então, Reich traz para a psicoterapia essa dimensão psicológica, da qual ele não separa a dimensão física. Para ele o corpo e a psique são manifestações de uma mesma energia.

E para começar, quando a gente fala de corpo, há de se colocar que a vida acontece no corpo, ela não acontece fora dele.

> Então, eu gostaria de pedir a vocês para sentirem um pouquinho o corpo de vocês, sentirem o que é que seu corpo silencia. Na verdade, essa é uma pergunta que depois eu vou pedir para vocês deixarem que ela fique reverberando dentro de vocês. Onde estão as zonas de silêncio? Qual é a história que seu corpo conta?

Para Reich, tudo que aconteceu com a pessoa, desde a época de concepção até hoje, está guardado no corpo, não tem outro lugar para guardar.

E qual é sua paisagem interna? Quando você olha para dentro de você, o que é que você encontra? Você encontra uma manhã de sol? Você encontra uma tarde de outono? Você encontra o ar fresco das montanhas? Você encontra o caos?

Quando você tem a coragem de olhar para dentro de si, qual é a paisagem que você enxerga?

Então, a psicologia é uma das disciplinas mais antigas e ao mesmo tempo uma das mais modernas. Reich era discípulo de Freud, e foi analisado por ele.

Como se sabe, em uma sessão de psicanálise tradicional, o psicanalista não olhava para o paciente, pelo contrário, a técnica psicanalítica ortodoxa é a técnica do divã, onde o paciente se deita e o analista se posiciona por trás dele.

E Reich começou a perceber que as pessoas resistiam à terapia. Por mais que elas se queixassem, dissessem que queriam melhorar dos sintomas, muitas vezes o tratamento não lograva êxito. Ele começou a investigar de que forma as pessoas resistiam a essa terapia. Então ele descobriu sinais através dos movimentos corporais, através do tom da voz, através das posturas físicas. Então, ele passou a olhar o paciente e a analisar, a enxergar, exatamente essa postura física como técnica terapêutica.

Reich também trabalhou, ainda junto com Freud, nas clínicas populares. Nelas ele começa a observar os trabalhadores, a inserção social dos mesmos, os seus corpos. Simultaneamente à atividade no consultório, esse trabalho com os trabalhadores lhe trouxe todo um questionamento social. Ele entra para o Partido Socialista Alemão e antes já havia participado do Partido Comunista.

O que ele mais sonhava era exatamente fazer a prevenção da neurose para não ter que tratar depois. E essa prevenção, ele acreditava que deveria começar no útero. Então, ele passa a cuidar das gestantes, dando palestras sobre formas de não engravidar,

sobre a liberação das mulheres, sobre a independência sexual e neste caminho, foi criando a sua própria técnica onde ele não dissocia o indivíduo do social.

> Essa forma de ir observando e de ir inserindo a pessoa, observando-a funcionando no social, vai trazendo para ele essa concepção de como se cria a sociedade e, ao mesmo tempo, como o indivíduo é formado por esse social.

E aí, essa análise vai deixando de ser psicológica e ele vai acessando diretamente o sistema neurovegetativo. Uma das observações super importantes que ele fez é que nas situações de prazer o corpo expande, e aqui quando a gente fala expansão, é um movimento que vem desde as células, desde o núcleo das células, dos tecidos, dos órgãos e da musculatura. Ao contrário, nas situações de dor, de angústia e de desprazer a tendência vital, como mecanismo de defesa do corpo, é de se contrair.

> A grande sacada de Reich, a sua grande descoberta, é que ele fundamenta a neurose no corpo. Então ele traz o inconsciente tangível. Enquanto na psicanálise o inconsciente é um postulado, para Reich o inconsciente se mostra, fala através dos sintomas, através das tensões, do movimento. E são movimentos que podem ou não acontecer.

Então, tudo o que a gente sente, a gente sente no nosso corpo, não tem outro lugar para a emoção estar. E emoção quer dizer o quê? O movimento para fora. Portanto, emoção é movimento.

> A atitude muscular, nossa postura muscular, ela é exatamente igual à nossa atitude psíquica e à mesma rigidez muscular corresponde uma rigidez psíquica.

Quando a gente toca nosso corpo, estamos tocando camadas arqueológicas da nossa história. Experiências infantis, os conflitos, as repressões, as alegrias, as frustrações, as dores. Todas essas sensações, elas estão fixadas no nosso sistema muscular.

Então, isso ele chamou de couraça. As couraças são contrações musculares crônicas que interferem na economia energética do nosso organismo. Quando Reich fala em energia, ele está falando de energia biológica, energia que vem através da respiração, dos alimentos e do movimento. Agora essa couraça, como ela é composta de tensões, vai limitar nossa ação no mundo.

Ela atua na nossa capacidade perceptiva, no nosso contato com a realidade, ela limita nossa capacidade sensorial, nossos movimentos e principalmente os recursos naturais do corpo.

O funcionamento natural do nosso organismo é um funcionamento em fluxo. Agora, desde o útero, situações sentidas como ameaçadoras, desprazerosas ou angustiantes provocam esse movimento de bloqueio como um mecanismo de defesa. A pessoa, para não sentir, ou para diminuir a intensidade desse sentimento, dessa sensação, diminui a respiração e contrai a musculatura. E assim é que vai se formando a nossa casca, a nossa couraça muscular do caráter.

Reich a chama couraça do caráter porque são as tensões crônicas que vão dando a forma que nosso corpo tem. E caráter, não é caráter bom ou ruim, mas sim a forma que é possível a gente funcionar no mundo com essas contrações.

A couraça é o nosso mecanismo de defesa. Então, é o nosso modo de não sofrer de novo o que já sofremos antes. Só que, ao mesmo tempo que a gente se defende daquilo que pode nos machucar, a gente se fecha para tudo que é bom, para tudo que alegra, que possa nos dar prazer.

É dessa forma a gente vai se encouraçando, é dessa forma que a gente vai se fechando para o mundo, e é dessa forma que a gente vai limitando as nossas trocas e a nossa autopercepção, principalmente.

Agora, Reich percebeu que essa couraça está disposta em segmentos. Ela forma uma anel em torno do nosso corpo, na musculatura do nosso corpo. E esses segmentos, que são sete, eles compreendem todos os

órgãos e grupos de músculos que tenham um contato funcional entre si. São músculos que se mobilizam para expressar certa emoção, e um segmento começa quando deixa de afetar o outro nessas ações emocionais. Então, são verdadeiros anéis com estrutura horizontal que fazem toda essa volta no corpo, nunca no sentido vertical.

> Se você agora imaginar que está com vontade de chorar, como você faz para reprimir o choro? Se você quiser nesse momento, você pode experimentar o movimento da sua garganta, da sua boca. Então, não é só o seu lábio inferior que vai ficar tenso para segurar o choro, vai ser toda a musculatura da boca, do queixo e da garganta que estão envolvidas como se fosse uma unidade funcional, segurando o choro ou segurando o grito ou segurando qualquer expressão que vai passar pela garganta. São assim que trabalham os sete anéis de tensão que o Reich identifica.

Brevemente falando, o primeiro anel traz um prejuízo na leitura e na interpretação que a gente faz do mundo. Ele está ligado à nossa percepção. O segundo anel influencia nos aspectos depressivos de dependência ou de autonomia. O terceiro atua em aspectos narcisistas e principalmente de autocontrole. O quarto, traz uma ambivalência dos sentimentos. No quinto anel é onde se localiza toda a nossa ansiedade, que é o diafragma. No sexto, os aspectos compulsivos e anais. E o sétimo anel está ligado à possibilidade do prazer.

> O primeiro anel está relacionado com a etapa da concepção até os primeiros dias de vida. Ele abarca os olhos, os ouvidos, o nariz, a nossa pele e o cérebro. Toda essa região constitui o anel ocular, é por onde se dá o nosso primeiro contato com o mundo, o primeiro contato com a realidade. Ele traz a sensação de pertencimento, de contato seguro.

Quando o bebezinho nasce, enfrenta até os primeiros anos de vida um ambiente hostil, agressivo. Ele vai contrair essa musculatura como uma forma de sentir menos as emoções do ambiente, ou pelo menos de

senti-las com menos intensidade. Então, são essas regiões dos olhos, nariz, ouvido, cérebro e testa que estarão envolvidas.

Eu vou pedir para vocês experimentarem isso no próprio corpo, descobrir vários movimentos que vocês podem fazer: com a testa, com os olhos, olhando para cima, olhando para baixo, para os lados, sem mexer o pescoço. Abrir um pouco as asas do nariz, sentir se você está com a musculatura mais tensa, se o seu movimento é mais rígido ou se flui.

Vou pedir também para vocês respirarem e observarem se existe aí nessa região alguma tensão. Essa região bloqueada é responsável por toda doença de visão, desde um leve astigmatismo até uma miopia mais severa, também é responsável pelos problemas de audição e por todas as distorções que a gente faz da realidade, da forma mais leve, por exemplo de uma neurose até uma psicose mesmo, até uma esquizofrenia em que entram inclusive os delírios.

O segundo segmento é o oral. Constitui-se da região da boca, dos dentes e onde entra também as glândulas salivares. A boca é o eixo da nossa vida emocional, da relação com o outro. É por isso que está ligada à vida emocional. Quem é o outro? É aquele que não é você.

Através da boca a gente se carrega de energia, tanto pela alimentação como pela comunicação, pela palavra. A alimentação para o recém nascido não é apenas a necessidade de comer, é o significado de ser aceito, de ser amado, de ser cuidado e principalmente de poder se entregar, de poder se abandonar àquele repouso depois de saciado.

Então uma amamentação mal feita, um desmame mal feito, uma falta de cuidado nessa fase, traz como consequência a sensação de frustração, de rejeição, de medo do abandono. Então, uma criança que passa por situações muito severas nessa fase, ela não tem condições mais tarde de desenvolver a própria autonomia. Então, o bloqueio, nesse segmento, está ligado a todo tipo de dependência: a dependência às

drogas, ao fumo, ao álcool, as dependências emocionais. Enfim, a tudo que tira a autonomia da pessoa.

Vou pedir para vocês experimentarem agora o movimento da boca. A língua ainda não entra nesse anel. Experimentem o movimento do lábio inferior, do lábio superior, o movimento de mandar um beijo, de abrir bem a boca, o movimento e sentir a articulação do maxilar. Respire e sinta o movimento que você está fazendo e veja qual é a sensação de estar fazendo esse movimento com sua boca, o movimento de sucção, de morder, de apertar os dentes.

O terceiro segmento é o cervical, que abarca o pescoço, a nuca, a língua, laringe, o músculo esternocleidomastóideo, as carótidas e as jugulares. O pescoço faz exatamente a ligação do nosso peito ao nosso sentir, e o cérebro, à nossa cognição e percepção.

O pescoço faz o transporte do sangue para o coração e o cérebro e se vocês observarem a sua estrutura, ele funciona como se fosse um pedestal em cima do qual nossa cabeça está colocada. E a nossa cabeça, nossa expressão, nosso rosto, é onde estão os telerreceptores que fazem parte do primeiro anel. É exatamente a parte do nosso corpo que entra em contato com o mundo.

O pescoço sustenta essa expressão no mundo, sustenta nossa carinha no mundo. E ele vai criando uma certa rigidez muitas vezes para sustentar o que está relacionado na vida aos papéis que temos que desempenhar e assumir.

Então o pescoço é uma região que pode ficar extremamente rígida e essa rigidez pode se estender a toda a coluna vertebral.

Como o pescoço está ligado aos papéis que a gente desempenha, ele também está ligado ao nosso narcisismo, à nossa necessidade de reconhecimento e a questão do autocontrole. Pessoas que passam por situações, desde pequenininhas, em que recebem um amor condicional, elas tendem a ir desenvolvendo uma

natureza secundária que não corresponde à verdadeira natureza dela ou ao verdadeiro temperamento dela. Assumem uma rigidez que elas vão levando para todas as áreas da vida. O perfeccionismo, por exemplo, nasce daqui, e a necessidade de reconhecimento é muito grande.

Agora, a rigidez do pescoço... o pescoço permite que sua cabeça se mova, ele permite que seus olhos alcancem uma amplitude maior. Então, ele está ligado à visão de mundo. A pessoa com o pescoço rígido tem uma visão limitada de mundo e de si mesma, além de tender a fazer uma dissociação entre razão e emoção. Sente de uma forma e pensa de outra.

Eu vou convidar a vocês, então, para respirarem e experimentarem todos os movimentos possíveis que possam fazer com seu pescoço. E para movê-lo, se quiser, podem fechar os olhos, respirar e ir detectando pequenas tensões, músculos doloridos ou sentindo até onde dá para soltar o pescoço. Até onde você pode "entregar" sua cabeça. Guardem essas informações para vocês. Devagarinho vamos cessando o movimento.

Vamos passando para o quarto segmento que é o anel torácico ou segmento torácico. Envolve os ombros, o peito, os braços e as mãos, e os órgãos vitais. Coração, pulmão, timo, seios, costelas, as omoplatas estão nessa região.

O coração é a sede dos afetos, é de onde parte a expressão ou a inibição dos sentimentos, onde se sente se temos permissão para expressar algo ou não. As funções sentidas e que são inibidas fazem parte de uma rigidez peitoral, de uma imobilidade deste quarto segmento.

O anel peitoral envolve o peito, os ombros, os braços, as mãos e os dedos. Então as suas mãos, quando elas estão integradas com o peito, vão fazer ou expressar exatamente aquilo que seu coração sente. Se esses bloqueios nos ombros, no centro do peito, nas costas, se essas musculaturas ficam rígidas demais, então o

seu fazer na vida vai ser dissociado do que você sente. É aquela sensação bem típica de amar uma coisa e fazer outra, querer uma coisa e fazer outra.

Então, a gente pode ir mobilizando um pouco esse anel, sentindo um pontozinho lá atrás das omoplatas, lá onde nascem as suas asas. Vamos sentir se esta musculatura está solta, ou se está rígida, se está dolorida, inclusive as articulações do cotovelo, dos pulsos e dos dedos das mãos.

Depois, o quinto segmento é o diafragma, que é um músculo que se estende por baixo das nossas costelas. Este anel envolve, além deste músculo, nosso estômago, o duodeno, fígado, a vesícula, o baço e o plexo solar, por onde passam várias inervações. O diafragma divide nossa coluna entre a parte toráxica e a lombar. O diafragma preso é uma defesa contra as sensações, tanto as de prazer, quanto as de angústia.

É o músculo que se contrai horas após o nascimento da criança e é nele que está localizada exatamente a nossa liberdade de ser realmente quem a gente é. E toda a produção de ansiedade é condicionada por sua contração porque quando o diafragma contrai ele não deixa a energia descer para ser descarregada.

Então, o que acontece quando a pessoa fica ansiosa? Ela sente o quê? Taquicardia, dificuldade para respirar, o peito não expande, porque é como se a energia ficasse toda concentrada nessa parte de cima do corpo. E uma característica do diafragma preso é quando a gente tem muita dificuldade de vomitar quando dói para fazer esse movimento que é totalmente involuntário. Ou então, quando a pessoa sente enjoo constante.

O movimento do anel do diafragma é mais difícil de ser identificado porque se eu peço para você mover seu ombro você o move com toda facilidade, mas se eu peço a você para mover o diafragma é mais difícil, porque ele é um músculo que tende para um movimento mais involuntário.

Mas você pode ser capaz de sentir se o seu diafragma está mais bloqueado ou mais solto. Geralmente dores de estômago, gastrite, problemas de fígado e de vesícula são sinais dos bloqueios no quinto segmento.

Já o sexto segmento é o nosso abdômen. Aí se encontra o intestino delgado, o cólon ascendente e descendente do intestino e os rins.

Se você perceber todo o seu corpo, constatará que todo ele é protegido por ossos. Temos a caixa craniana, os ombros, as costelas, a pelve, mas o sexto segmento, a barriga, é totalmente vulnerável e por isso as sensações de medo estão localizadas exatamente nas vísceras. Os nossos sentimentos não vivenciados acumulam-se na barriga. Memórias muito fortes, memórias muito intensas da vida estão inscritas aí.

E como o intestino está nessa região, existe uma função muito importante nos processos de carga que se relacionam com a absorção da energia dos alimentos nessa área. Tanto que, se você colocar sua mão três dedos abaixo do umbigo, o que os orientais chamam de Hara está exatamente aí, que é esse ponto que é seu centro de gravidade. E na parte de trás os músculos lombares, principalmente na altura das suprarrenais, é onde se localiza um medo instintivo de ser atacado. Então, é exatamente essas glândulas suprarrenais que secretam a adrenalina e o cortisol que são os hormônios do estresse e do medo. O medo aqui não é uma fobia que é facilmente identificada, não, é um medo visceral, é um medo generalizado.

Por isso, perante tais sensações, o intestino é tão ativo, tanto na prisão de ventre ou no caso de uma diarreia. A diarreia é a descarga do medo e as pessoas que têm muita necessidade de controle geralmente sofrem de muita prisão de ventre.

Eu vou pedir para você deixar o seu corpo descobrir os movimentos que você pode fazer para sentir toda essa região, todo esse anel abdominal, os músculos lombares, a barriga.

O sétimo é o segmento pélvico, o da sexualidade genital. Na linguagem reichiana, genitalizar quer dizer amadurecer. E aí envolve a pelve e todos os seus músculos, principalmente os adutores das coxas, os órgãos genitais, os órgãos urinários, as pernas e os pés. Assim como os braços são extensões do segmento torácico, as pernas e os pés o são do segmento da pelve.

Agora, as pernas são responsáveis pela nossa sustentação, não só no sentido físico, mas, principalmente, no sentido psicológico. Quando você é capaz de ter sua autonomia, quando você é capaz de ir para onde você quer, quando você é capaz de sustentar seus posicionamentos e suas escolhas de vida, os pés, que são as únicas partes do corpo que fazem contato com o chão, mostram de que forma a gente está posicionado na realidade, de que forma a gente está pisando no mundo, de que forma a gente está interagindo com o real.

Uma pelve presa limita o próprio prazer, não só o prazer da vida, que para o Reich é a mesma coisa que o prazer genital. Então, a pelve e os nossos genitais são os principais órgãos de descarga energética.

E quando se trabalha com o desbloqueio dos anéis ou couraças, trabalha-se sempre do primeiro, dos olhos, para baixo. Do primeiro para o sétimo porque a descarga vai para terra em forma de potência orgástica. Quando você descarrega, na verdade, você está pronto para se carregar novamente.

Então, todos os problemas que envolvem a pelve, por exemplo frigidez, impotência sexual, ejaculação precoce, cisto de ovário, mioma de útero, problemas mesmo de joelhos, eles estão todos ligados à repressão sexual, iniciado desde a fase em que a criança começa a desenvolver a sexualidade.

Então, o que o Reich chama de encouraçamento é exatamente essas contrações crônicas do primeiro até o sétimo anel, do topo da nossa cabeça até a sola dos nossos pés. A energia que deveria estar circulando em

fluxo, fica presa em grupos musculares e quando acessamos essas contrações, as memórias voltam através de lembranças ou de sensações de situações quando se teve que contrair o corpo para não sofrer, para diminuir a intensidade do que se estava sentindo.

> O funcionamento natural do nosso organismo é um funcionamento em fluxo, esses bloqueios limitam nossa identidade, a nossa capacidade de sentir prazer, a nossa potência de ação no mundo. Então, quanto mais encouraçada a pessoa, mais insegura, mais dominável ela é. Consequentemente, mais preconceituosa e maior a sensação de estar sendo ameaçada. Uma pessoa muito bloqueada usa a sua energia para se defender enquanto a pessoa desencouraçada, tem um funcionamento em fluxo, com um contato direto com a realidade. E desse contato direto, ela tem a potência da ação, de poder fazer aquilo na vida que ela realmente quer.

A pessoa desencouraçada tem couraça, claro, mas é uma couraça flexível, para ir se adaptando às diferentes experiências do mundo, a pessoa pode se abrir e se fechar para o mundo quando é necessário. Ela não tem complexo de inferioridade, não tem complexo de culpa, enquanto a pessoa encouraçada desenvolve as suas relações com o mundo de forma mais artificial. Ela não pode amar intensamente, ela tem uma incapacidade de entrega afetiva e sexual. Muitas vezes a pessoa é monogâmica, não pelo prazer da relação, mas pelo medo.

> Acerca do funcionamento em fluxo, Reich o denomina de caráter genital porque é um funcionamento maduro. Pessoas presas a situações do passado, de caráter neurótico, são orientadas pelos conflitos. Trazem o passado em todas as suas reações e compensações, a energia dessas pessoas está implicada em uma defesa.

O que Reich traz, principalmente dentro das suas teorias, é uma imagem do mundo da unidade, agora implicada a um método de pensamento e de conhecimento da natureza, que se aplica ao meio ambiente e à sua preservação, à vida social, ao trabalho e à educação, principalmente à educação infantil. Preocupado com a profilaxia das neuroses, via educação infantil não autoritária como um de seus ideais.

> Trago uma frase que é praticamente o carimbo do Reich: "Amor, trabalho e conhecimento são as fontes da nossa vida. Deveriam também governá-la."

Eu acho que hoje, mais do que nunca, a gente está vendo claramente esse desvio da ciência, esse desvio do trabalho prazeroso, esse desvio das relações prazerosas. A sociedade está extremamente encouraçada e temos que estar muito atentos para entender como a gente reproduz esse encouraçamento na vida social e como a vida social vai imprimindo esse mesmo encouraçamento no nosso corpo.

PERGUNTAS

Considerando que a emoção é movimento e uma vivência encapsulada precisa vir à tona em algum momento, qual o caminho para começar a pensar o corpo do sujeito que sofre a encriptação de um trauma?

Quando a pessoa passa por um trauma, aquilo que ela sentiu, a atitude muscular que ela teve naquele momento é como se ficasse congelada na musculatura. Na terapia, quando você começa a chegar perto dessa zona traumática, é preciso caminhar com muito cuidado para que a pessoa não se re-traumatize, para que aquele medo não volte e o comportamento não se repita. Eu não entendi direito a pergunta, mas de uma forma muito cuidada, é como se a pessoa fosse sendo levada a sentir esses movimentos que ela teve que fazer para se defender do trauma. Eles vão sendo desmanchados

devagar. O que é importante que ela sinta é que depois do trauma ela sobreviveu. O que fica gravado no corpo é o medo, o medo da própria sobrevivência. Então, através da respiração e do contato com essa musculatura presa ela vai podendo trazer essa energia de volta, trazer esse desencouraçamento.

Os segmentos da couraça de Reich têm alguma relação com os chakras?

Reich não fala em chakras, mas quando você conhece um pouco deles e os sete segmentos, há proximidades. Por exemplo, o segmento do quarto **chakra** é o do sentimento e onde está o nosso coração. Na terapia, o chamamos anel torácico. Reich não fala sobre **chakras**, eles estão ligados à psicologia oriental, mas eu não posso dizer que não tem relação. Quando você vê na teoria, há várias correspondências.

PATRIMÔNIOS EM SILÊNCIO NA SARDENHA

Massimo Faiferri

Meu nome é Massimo Faiferri, vivo e trabalho na Sardenha, uma belíssima ilha situada no meio do mar Mediterrâneo. Sou arquiteto, trabalho em um escritório em Cagliari, chamado **Studio Profissionisti Associati**, mas também sou professor de projeto arquitetônico na Faculdade de Arquitetura de Alghero, da Universidade de Sassari, localizada no norte da Sardenha.

> "Patrimônio silencioso na Sardenha": por que proponho este título? Porque a terra onde vivo e trabalho tem muito a ver com o silêncio e o patrimônio, incluindo patrimônios muito antigos. Esconde enormes heranças dentro dela e hoje gostaria de contar uma história que tem a ver com um patrimônio material e imaterial da nossa terra e que emerge precisamente do seu silêncio.

A Sardenha é de fato uma das mais antigas e, obviamente, para mim, uma das mais belas terras do mundo. Estima-se que tenha 600 milhões de anos, surgindo no Carboniferno. A Sardenha é a terra mais antiga da Itália e também uma das mais antigas da Europa. As suas rochas datam do período Cambriano (Paleozóico Inferior: 570 a 500 milhões de anos atrás) e afloram no sul da Sardenha, na região mineira de **Sulcis-Iglesiente**.

Figura 01: Localização da Sardenha.
Fonte: acervo pessoal.

Mas é também uma terra antiga que, no século XX, foi o berço da segunda mulher no mundo e a primeira da Itália a ganhar o Prêmio Nobel da Literatura em 1926: Grazia Deledda Nuoro, nascida em 28 de setembro de 1871. Nas suas obras, a escritora falava frequentemente do silêncio da nossa terra. "Primavera", escreveu Grazia Deledda, "(...) desperta a Sardenha, habitada por duendes e atravessada por cavaleiros." Figuras fantásticas que a escritora capturou do silêncio e das cores que dominavam a paisagem. Em muitas das suas histórias, fala da quietude que envolve os lugares, a suspensão de todo o som na floresta, nas ruas estreitas, na estrada solitária, no pátio, na casa de campo, na sala escura. A partir do silêncio dos lugares, Deledda narra o silêncio do tempo misterioso e sagrado. É o silêncio da noite clara, do amanhecer triste, do lugar e do tempo que acompanham a imobilidade das coisas, a escuridão da noite, o luar, e infunde na natureza uma sensação de solidão, de quietude profunda, de morte.

> O resultado é o que a própria escritora chamava de um "vasto quadro silencioso" no qual as suas personagens se movem, e no qual o silêncio esconde muitas palavras e é carregado de significados. O silêncio parece ser quase uma condição natural para o ambiente e as personagens que caracterizam a história de Deledda. Uma literatura, portanto, que narra o silêncio, que utiliza palavras para expressar a ausência de palavras e sons.

Na escrita de Deledda, este silêncio tem características e atributos, e de fato, é comum encontrar o termo "silêncio" acompanhado de um ou mais adjetivos. Ele pode ser subitamente maravilhoso, um pouco pesado, muito intenso, arcano, grande (no livro **Anime Oneste**), imenso, lunar, puro (em **Elias Portulu**), trágico, repentino, misterioso (em **L'dera**), grave, perfumado, trêmulo, ansioso, doce, profundo, sério (em **Canne al vento**). Há também uma série de adjetivos ou expressões que aparecem em todos os textos analisados, juntamente com a palavra silêncio: profundo, infinito, melancólico.

Figura 02: Livros de Grazia Deledda.
Fonte: acervo pessoal.

Gostaria de mencionar um lugar extraordinário situado no interior desta maravilhosa terra silenciosa narrada por Grazia Deladada, quase no centro da ilha. Trata-se de uma área que podemos definir como marginal, localizada no centro-leste da Sardenha, na província histórica de Nuoro, um pequeno centro caracterizado por uma economia agropastoril. O sistema de povoamento destes territórios históricos preserva a sua matriz constituída por uma teia de pequenas aldeias distribuídas pelo território caracterizada pelo sistema ambiental do Monte Albo, que domina e caracteriza a paisagem de Lula e o território histórico de Baronie.

Esta terra entre as regiões de Nuoro e Gallura, apresenta uma paisagem caracterizada por um bastião de calcário alongado que se estende na direção Sudeste – Nordeste: o Monte Albo. Na figura 03 podemos perceber a importância da presença deste imponente relevo calcário que tem cerca de vinte quilômetros de comprimento e é caracterizado por formações muito antigas (Período Jurássico), com um sistema de cavernas naturais esculpidas na suas rochas.

Figura 03: Monte Albo.
Fonte: acervo pessoal.

Nas encostas do Monte Albo encontra-se a pequena cidade de Lula que se pode ver no centro do mapa da figura 04. É um município montanhoso e sua economia baseia-se no setor agropastoril mas também em uma razoável produção industrial. O setor primário inclui o cultivo de cerais, trigo, vegetais, forragens, oliveiras, vinhas e outras frutíferas, bem como a criação de bovinos, suínos, ovinos, caprinos e equídeos. Mas Lula é também uma cidade cheia de surpresas, cultura e tradições. Na central Piazza de sas Faulas, encontramos um mural que recorda a importância da floresta de árvores próximas ao Monte Albo, e que está ligado a toda uma tradição dos murais da região da Barbagia.

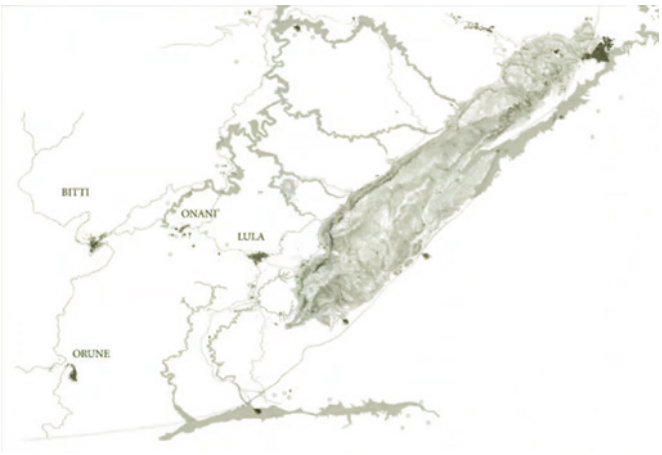


Figura 04: Localização de Lula.
Fonte: acervo pessoal.

Entre as tradições locais, vale a pena mencionar **su balla** e **as vaglia**, a dança das viúvas, uma espécie de ritual destinado a anular o poder do mau-olhado e curar pessoas doentes. A máscara de **su Battileddu**, refere-se ao protagonista do carnaval de Lula. Também o Projeto Tramas, referente à indústria de lã, oferece uma leitura e interpretação das paisagens da cultura agropastoril típica dos territórios dos cinco municípios próximos ao Monte Albo.

Mas a história do centro urbano e do seu território estão indissociavelmente ligadas à paisagem da mineração, que em Lula tem origens antigas. De fato, é possível reconhecer três locais de extração próximos da cidade de Lula e até mesmo observar sinais da indústria mineradora que se desenvolveu particularmente na segunda metade do século XIX.

Na vista aérea da figura 05 podemos localizar a mineração de Sos Enattos, a mais conhecida no território de Lula. A mina de Sos Enattos iniciou a sua atividade já na Era Nurágica, na qual encontrou-se artefatos de chumbo. Nos tempos seguintes, a mina manteve uma certa atividade mesmo durante o período romano. Mas, como já referido, foi desde a segunda metade do século XIX até os dias atuais que a indústria mineira se desenvolveu na mina de Sos Enattos, em particular com a extração de blenda e galena.

A figura 06 mostra o local da mina tal como está hoje, onde se constata como a instalação desta indústria mineira alterou profundamente a estrutura e a forma do terreno, através de edifícios e do maquinário indispensáveis para o seu funcionamento. A fim de contar a história destes lugares, existem espaços expositivos como o Museu da Mineração, que exibe peças de uma maquinaria extraordinária utilizada para operar a mina.

Figura 05: Localização da Mina de Sos Enattos.
Fonte: acervo pessoal.

Figura 06: As edificações da Mina de Sos Enattos.
Fonte: acervo pessoal.

Ainda hoje é possível visitar as suas intermináveis galerias onde se pode perceber a longa história de um povo cujo destino estava ligado à função da mina, construindo ao longo do tempo uma paisagem mineira e um assentamento produtivo de interesse histórico e cultural, um lugar caracterizado por uma forte identidade em relação a processos de produção de importância histórica distintiva da organização territorial desta região.

Mas no caso da Sos Enattos, o cultivo parou definitivamente em 1996, embora a manutenção, a segurança das instalações e abertura ao público com visitas guiadas tenham permanecido. A questão que se colocou foi o que se fazer com o local. O próprio silêncio oferecido por esta terra antiga pareceu oferecer uma nova oportunidade.

A história antiga da nossa ilha, a sua estabilidade e o seu silêncio geológico são um patrimônio precioso de onde partiu uma nova perspectiva de uso para estes territórios. O silêncio e a estabilidade geológica foram os pré-requisitos para a criação de uma grande infraestrutura subterrânea capaz de ouvir os sons do universo: a instalação do Telescópio Einstein, um observatório avançado de ondas gravitacionais. Mas esta oportunidade não pode e não deve terminar apenas com a criação das grandes infraestruturas subterrâneas, deve buscar encontrar novas relações e correspondências com o território que o acolhe, com a sua cultura e tradição. Com estes objetivos em mente, decidimos discutir e estudar esta questão como parte de um projeto de pesquisa que temos realizado há vários anos, incluindo uma série de escolas de verão internacionais sobre a concepção de espaços de aprendizagem inovadores – **Innovative learning spaces**.

O que se vê na figura 08 é o local do Parque Científico e Tecnológico do Porto Conte Richerche, perto de Alghero, no norte da Sardenha. Nele se desenvolve a pesquisa que estamos realizando em conjunto com o INFN – Instituto Nacional de Física Nuclear, como parte de um projeto maior e de grande interesse nacional financiado pelo governo italiano, que conta com a contribuição da Sardegna Richerche e da Fundação Sardenha, que apoiam projetos de pesquisa de interesse regional.

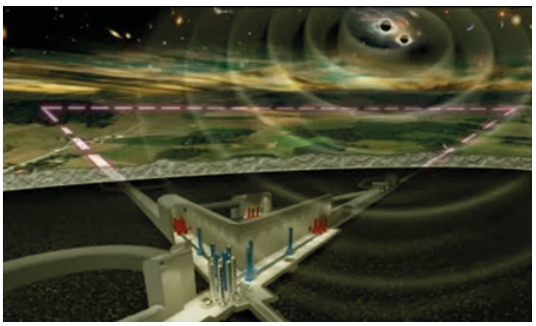


Figura 07: Estruturas subterrâneas do Observatório Einstein.
Fonte: acervo pessoal.

Figura 08: Parque Científico e Tecnológico do Porto Conte .
Fonte: acervo pessoal.

Trata-se de uma pesquisa que, ao longo dos anos, implementou colaborações internacionais, alcançando na última edição mais de vinte parceiros em todo o mundo. Abarcou temas que foram abordados em quatro edições de uma escola de verão que organizamos desde 2016 e sobre a qual gostaria de expor brevemente. O principal objetivo da primeira edição, em 2016, foi procurar um modelo para construção ou adaptação de edifícios escolares, focando em particular o conceito e o papel da sala de aula nos processos de aprendizagem.

> Sabendo que o papel da sala de aula mudou radicalmente no âmbito dos processos pedagógicos e, consequentemente, na concepção dos edifícios escolares. Neste sentido, a segunda edição da escola de verão tentou alargar o conceito de aprendizagem, buscando ir além, tentando reinterpretar a cidade como espaço de aprendizagem urbana, um espaço que estimula a ação e traz conhecimento que podemos reconhecer na definição de uma "plataforma urbana de aprendizagem conectiva".

A ideia de que toda a cidade pode ser reinterpretada como um lugar de incentivo do processo de conhecimento, foi o ponto de partida para a nossa terceira escola de verão, que explorou o tema das dificuldades de aprendizagem, ou melhor, diferentes formas de aprendizagem. O tema orientador de 2018 foi assim, "uma cidade para todos", apoiando a ideia de que um espaço de aprendizagem escolar ou num sentido mais amplo, urbano e público, tem de ser aberto e inclusivo, especialmente para os sujeitos à margem da dinâmica social e fragilizados nos processos padrão de utilização e apropriação da cidade.

> Já a última edição, ocorrida em 2019, tratou de um tema extremamente importante para a ciência, que pode ser resumido como a definição de formas e métodos para a difusão do conhecimento científico. Gostaríamos de investigá-lo a partir do papel de grandes infraestruturas de pesquisa. Centros de excelência que, na nossa opinião, não podem ignorar

as suas relações físicas, sociais, ambientais e econômicas com o território em que se situam. Também o território sardo representa uma importante plataforma de investigação e de experimentação difusa, a partir dos principais centros de investigação científica e tecnológica da Sardegna Richerche com a sua vasta rede de empresas inovadoras e de importantes projetos em curso sobre ondas gravitacionais como o que tratamos nessa edição da escola, que será explicado posteriormente com pormenor. A questão que se coloca, portanto, é: como é que todas estas iniciativas de grande impacto poderiam ser acolhidas pelas comunidades locais e partilhadas sob a forma de disseminação generalizada da produção científica, contaminando o conhecimento local e gerando oportunidades?

A partir desta pergunta, inicia-se a quarta edição da nossa escola de verão, tentando imaginar possíveis cenários futuros oferecidos por esta incrível oportunidade do centro de investigação das ondas gravitacionais – o Telescópio Einstein - para o desenvolvimento deste território marginal da nossa terra. A escola foi obviamente baseada numa forte relação com o contexto, construída através do contato direto com os lugares, e seguida de uma série de atividades baseadas no diálogo e também no confronto de ideias, sobretudo entre diferentes disciplinas, através de workshops, conferências e de associações focais.

Vários grupos de trabalho coordenados por arquitetos de prestígio puderam refletir sobre a paisagem mineira como um patrimônio importante destes lugares, buscando construir uma relação entre os aspectos materiais e imateriais, entre os elementos geográficos naturais e elementos sociais e culturais, tentando buscar uma síntese entre arquitetura e paisagem. Os resultados desta semana de confronto não podem ser considerados como projetos reais, mas certamente podemos vê-los como reflexões sobre o tema geral da escola, nomeadamente a construção de uma "paisagem de conhecimento". Discorrerei brevemente sobre a atuação de alguns destes grupos.

A partir da equipe coordenada por João Nunes, famoso arquiteto paisagista português, o tema eleito foi a relação entre o acima e o abaixo, entre o cheio e o vazio, o visível e o invisível, o material e o imaterial. O grupo tentou, portanto, construir uma paisagem complexa que pudesse ter em conta estes contrastes que caracterizam o patrimônio dos lugares em estudo. Construir sobre estruturas existentes para criar espaços à sua volta, em uma relação com o subsolo e com os edifícios existentes.

Já o grupo do arquiteto e professor Zoran Dhjukanovic, da Escola de Arquitetura de Belgrado, concentrou-se na concepção paisagística baseada na construção de serviços para infraestrutura de investigação para pesquisadores e para a população local: casas e dormitórios, praças e espaços públicos para todos.

A equipe de Sebastian Irrarazaval, arquiteto e professor chileno, trabalhou na construção de algumas máquinas de percepção paisagística que poderiam contar a história das investigações e estudos realizados no subsolo, no âmbito das infraestruturas de investigação. Ao entrar nestes dispositivos, os visitantes poderiam compreender melhor não só os mistérios do universo que nos rodeia, mas, poderiam também acompanhar o que estava acontecendo no subsolo através de dispositivos empregados para a transmissão de conhecimento.

O grupo de Francisco Mangado, arquiteto e professor em Madrid, trabalhou a relação entre paisagem e sociedade, tentando imaginar o papel social desta infraestrutura cientifica na área. O projeto centrou-se principalmente na relação entre o solo e o subsolo, projetando um sistema horizontal combinado com um vertical.

O grupo do Professor Massimo Ferrari, da Politécnica de Milão imaginou um centro de investigação que seria um importante ponto de referência na área, com uma arquitetura capaz de sinalizar a presença da infraestrutura subterrânea e ligada a ela através de percursos na paisagem. A proposta se baseou na concepção de arquiteturas capazes de assinalar a sua

presença com geometrias simples, dentro das quais seria possível redescobrir as infraestruturas científicas localizadas no subterrâneo.

O grupo brasileiro, que não precisa de introdução porque os seus coordenadores incluem a professora Maria Angelica da Silva e Gabriella Restaino, raciocinaram sobre a relação entre paisagem, história e um centro de ciência. Estes três elementos podem ser considerados uma síntese do potencial deste território, capaz de ser sintetizado em uma arquitetura a meio caminho entre acima e abaixo do solo, capaz de contar aos visitantes sobre a história e a cultura desses lugares.

O último trabalho que gostaria de mencionar é o da equipe de Giancarlo Mazzanti, famoso arquiteto e professor de Bogotá, Colômbia. Neste trabalho, tentou-se montar um sistema que conectava todos os lugares e países envolvidos nesta grande infraestrutura cientifica. Propôs-se uma rede de fios ligando os pontos que tivessem uma relação com a infraestrutura subterrânea, idealizando assim um projeto que também funciona em seções, em pontos específicos da área transformando-os com apenas alguns sinais.

A partir da experiência desta escola de verão, a pedido dos nossos amigos físicos responsáveis pelo projeto ET – Telescópio Einstein - tentamos desenvolver um pouco mais um dos projetos propostos, partindo da ideia do grupo de trabalho Mazzanti. Assim, o nosso próprio grupo de investigação Ecourbanlab em conjunto com o de Mazzanti, desenvolveu a ideia. O título que demos ao projeto foi "Como tornar visível o invisível através dos fios que compõem e organizam a vida". A proposta na sua parte acima do solo foi pensada como uma grande oportunidade para repensar o território, para definir uma rede física e conceptual, um aparelho capaz de tornar visível o invisível através de uma nova paisagem, caracterizada por fios coloridos que se uniriam e tornariam cada parte da paisagem perceptível, procurando construir uma nova relação entre os diferentes elementos.

A **Land Art** foi utilizada como estratégia de visualização juntamente com a referência a trabalhos de artistas como Maria Lai e outros como Christo, Smithson, Michael Heizer. A principal referência foi notadamente a obra de Maria Lai, uma grande artista sarda. O sinal cardinal do universo simbólico desta artista é, de fato, o FIO. Para ela, a vida é um conjunto de relações a tecer, uma teia de fios que une e cria harmonia entre as pessoas. O fio pode parecer um objeto trivial, mas na realidade, tornou-se algo robusto e duradouro.

A mensagem de Maria Lai é de arte, amor e respeito mútuo. Foi ela que, nos anos 80, amarrou fitas coloridas azuis e brancas, vermelhas e verdes desde as montanhas perto de sua aldeia (Ulassai) até as casas dos seus habitantes "para manter a natureza e o homem unidos, para manter a sacralidade das montanhas e a sacralidade das famílias unidas".

A tradição sarda dos têxteis constitui o pano de fundo do seu trabalho, o bordado e a costura locais fazem parte do seu mundo figurativo.

A nova paisagem de fios proposta por nosso grupo organiza-se em três sistemas diferentes. O primeiro deles visa restaurar o sentido da mina em direção à superfície, repropondo a geometria do triangulo dos tuneis subterrâneos. Envolve as grandes torres de transmissão com cabos de propileno que propõem a figura geométrica do triangulo, ligando cada vértice do projeto ET. Em cada canto do triangulo haverá informação sobre o projeto com locais destinados à divulgação científica e para se ter contato com as atividades de pesquisa desenvolvidas no subsolo.

Figura 09: Projeto em redes .
Fonte: acervo pessoal.

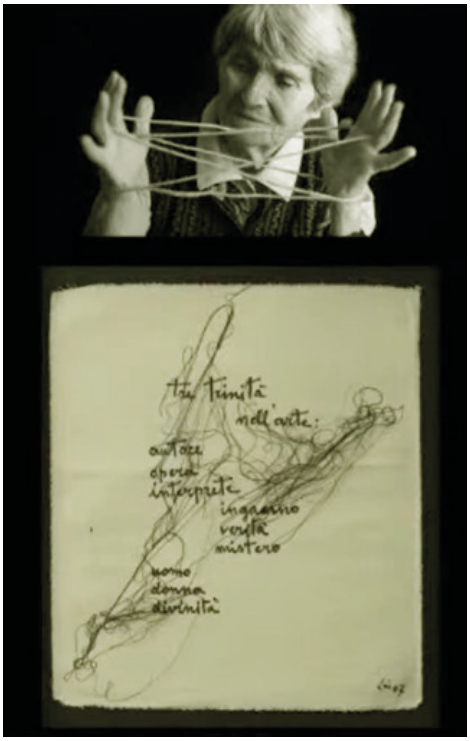


Figura 10: Localização do projeto .
Fonte: vídeo de apresentação no I Congresso Internacional Estudos da Paisagem. 2021.

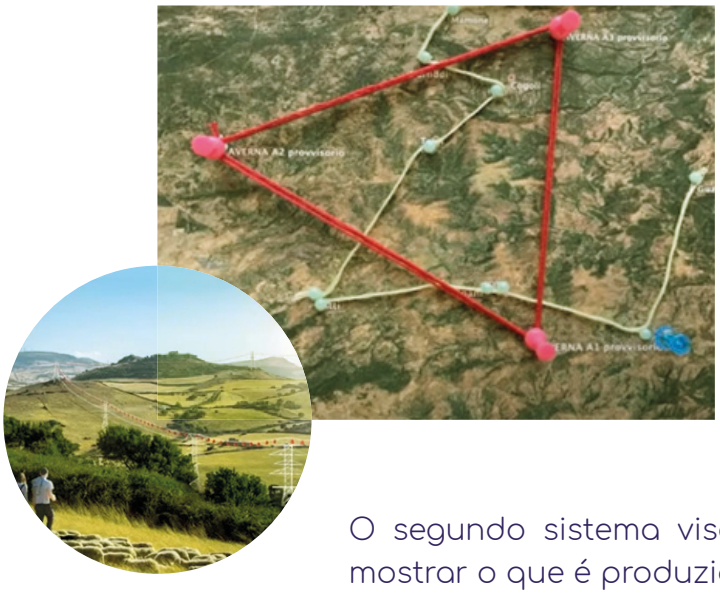


Figura 11: Esquema do primeiro sistema triangular.
Fonte: acervo pessoal.

O segundo sistema visa unir os centros urbanos e mostrar o que é produzido nos territórios em questão. O gosto pelo desenho seria traduzido em um novo caminho entre as cidades e suas zonas rurais. Para tal, propôs-se um sistema, constituído por fios coloridos que uniria as aldeias e onde a informação sobre os locais seria pendurada. São fios que se entrelaçam com os elementos da paisagem, fios em que as pessoas podem pendurar coisas e brincar, fios sobre os quais as crianças podem saltar, em uma teia que permite a interação dos habitantes locais e os visitantes.

Figura 12: Esquema do segundo sistema triangular.
Fonte: acervo pessoal.

No terceiro sistema, propõe-se o uso de postes de cerca de cinquenta metros de altura, onde tiras de tecido de várias cores seriam penduradas, demarcando lugares de valor paisagístico e ambiental, como a torre histórica do arquiteto John Hejduk. Em cada local haveria uma ligação wifi disponibilizando informação sobre o território e a sua história.

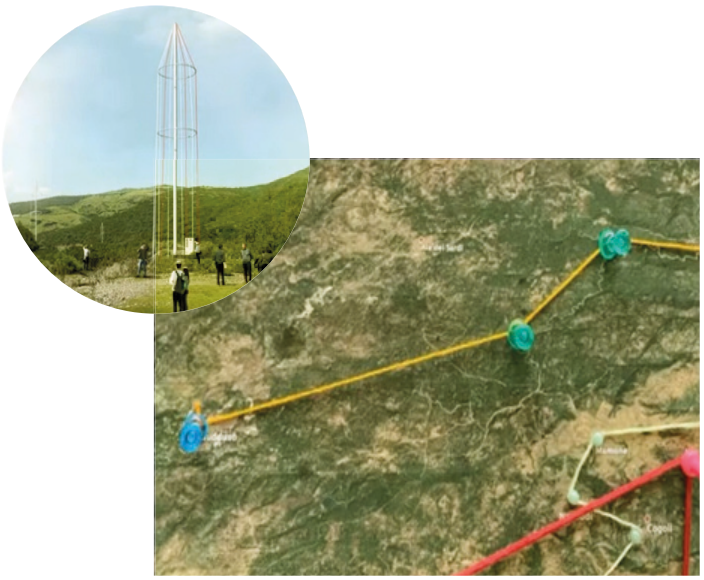


Figura 13: Esquema do terceiro sistema triangular.
Fonte: acervo pessoal.

Este projeto, juntamente com o conteúdo das escolas de verão ILS, foi muito apreciado pelo curador do pavilhão italiano na última Bienal de Arquitetura de Veneza, que decidiu inclui-lo na exposição intitulada Comunidades Resilientes. Dentro do pavilhão, criamos uma instalação que relata a experiência do projeto de infraestrutura científica do Telescópio Einstein, as escolas de verão e o projeto de superfície que desenvolvemos em conjunto com Giancarlo Mazzanti, tentando oferecer uma experiencia sinestésica. Usamos uma série de elementos denominados diabolôs, objetos lúdicos que lembram um carretel formado por dois troncos de cones unidos pelas bases mais finas, que se atira ao ar com o uso de fios. São eles que definiram o percurso da exposição, acolhendo conteúdos transmídia em que são narradas experiencias relevantes do projeto desenvolvidas por todos os atores envolvidos, como físicos, arquitetos, investigadores, mas também as comunidades locais e estudantes da escola de verão ILS.

O projeto conceitual avançou remotamente através de conexões entre todos os curadores: Eugenio Coccia, Michele Pinturo, Giangarlo Mazzanti e eu próprio, juntamente com Lino Abras e Fabrizio Pusceddu, membros do nosso grupo de investigação Ecourbanlab que trabalharam neste projeto. O único material utilizado para a instalação foi o painel de álamo, cortado automaticamente por uma máquina que produziu parametricamente todos os círculos de diferentes tamanhos que compõem os diabolôs.

Estes círculos obtidos a partir dos cortes foram então sobrepostos, colados e lixados para compor todos os elementos. Devo dizer que o processo de produção do material e de todo o conteúdo transmídia foi feito em um mês. Na verdade, um mês antes da abertura da Bienal, perdemos uma bolsa que recuperamos no último minuto, e assim podemos falar de uma corrida desesperada, que começou com a criação dos cones, cortados, colados uns sobre os outros e depois lixados. A figura 13 mostra imagens dos diabolôs acabados e polidos.

Figura 14: Confecção dos diabolôs.
Fonte: acervo pessoal.

Todos os elementos foram de fato produzidos na Sardenha e tiveram de ser enviados para Veneza. Lá tinham que chegar prontos para serem montados rapidamente. O material foi transportado por van da Sardenha até acessar um navio e chegar à Itália continental. Daí novamente foi transportado de van para Veneza, onde as caixas foram carregadas num barco e levadas para o Arsenal. Devo agradecer publicamente a dois jovens investigadores, Fabrizio Pusceddue Lino Cabras pela sua valiosa contribuição. Felizmente, a montagem não trouxe grandes problemas e no espaço de um dia pudemos reunir todos os elementos.

A figura 15 mostra o resultado final do nosso sistema de exposição. Compreendo que a situação em todo o mundo ainda é complicada, mas espero que alguns de vocês tenham a oportunidade de visitar a Bienal deste ano. Este é o layout acabado com as duas paredes a olhar uma para a outra. Os sistemas multimídia consistem em seis vídeos e dez imagens que contam a história do projeto do telescópio Einstein, da escola de verão ILS e do projeto de superfície.

Figura 15: Exposição na Bienal de Veneza.
Fonte: acervo pessoal.

Todos os vídeos foram legendados porque o único som que se podia ouvir era o do universo, um som distante que só se pode ser acessado por causa do silêncio da nossa terra.

> Se quiserem saber mais sobre minhas atividades de pesquisa universitária, podem visitar o website do laboratório Ecourbanlan. Sobre o meu trabalho como arquiteto, o website do meu escritório. Mais uma vez obrigado pelo convite e espero que minha história de descobrir e narrar heranças silenciosas e ocultas da Sardenha tenha tido algum interesse. Aguardo por vocês em breve, na nossa bela ilha.

ECOLOGIAS DA MEMÓRIA

Sara Zewde

Sou norte-americana, descendente de etíopes que imigraram para os Estados Unidos. Cresci na Luisiana. Depois da ocorrência do furacão Katrina, comecei a ficar mais curiosa sobre a relação entre a resiliência cultural e ecológica e a partir daí tornei-me uma arquiteta paisagística para poder intervir nessa relação. Agora, dirijo um escritório sediado em Nova York e também sou professora na Universidade de Harvard, concentrando-me nesta mesma temática. Parte da minha jornada inclui um projeto para o Rio de Janeiro no qual estou trabalhando desde 2010 e que irei apresentar aqui.

Inicio com a representação mais antiga que achei do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, datada de 1835 e denominada "Desembarque". Ela foi realizada pelo artista alemão Johann Moritz Rugendas. Este cais foi o ponto de desembarque para milhões de africanos trazidos para as Américas. Cerca de 22% do comércio transatlântico de escravos passava pelo Rio de Janeiro. Portanto, este sítio que fica na Zona Portuária. do Rio de Janeiro é importante não só para a cidade e para o Brasil, mas para o mundo. Como a escravidão se tornava cada vez mais lucrativa e com a vinda da família real para o Brasil e esta, escolhendo como sede a Praça XV, alguns investidores decidiram transformar esse deque de madeira em um cais de pedra. Esses investidores tiveram um bom retorno no investimento que nos primeiros 20 anos assistiu à chegada de mais de um milhão de africanos.

Depois de uma série de projetos urbanos ao longo de décadas, incluindo operações de aterro, o cais foi sepultado e removido da vista.

Figura 01: Desembarque de escravizados no Cais do Valongo. Pintura de Johann Moritz Rugendas. 1835. Fonte: acervo pessoal.

No desenho gráfico abaixo, observa-se a linha da costa contemporânea. O cais permaneceu sepultado e removido da vista até dezembro 2010 e janeiro de 2011, quando começaram os trabalhos de reforma da avenida Barão de Tefé.

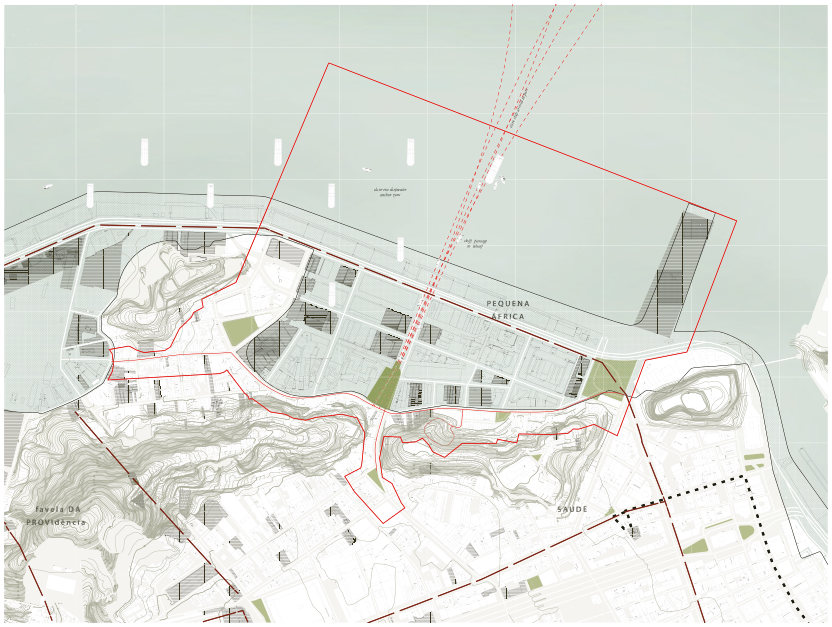


Figura 02: Mapa produzido pela autora.

Os trabalhadores das obras descobriram as ruínas das pedras do Cais do Valongo abaixo do nível da rua. Ele estava surpreendentemente bem preservado e se pensou que seria importante realizar alguma demarcação do lugar. À época eu estava morando no

Rio e trabalhando nos planos de transporte do Porto Maravilha.

Figura 03: Fotos do Cais do Valongo.
Fonte: acervo pessoal.

Sabia que não existia realmente um modelo para tal. Eu já havia desenvolvido uma teoria que chamei de Urbanismo Negro e então fiquei curiosa para saber o que realmente a prefeitura queria projetar para aquela área. Foi estabelecido formalmente um grupo de trabalho por decreto municipal em novembro de 2011. Mas, sabe-se que a história da arquitetura é dominada pela história europeia e os autores raramente fazem referência nestas obras, aos africanos. Além disso, não há muitos negros estudando ou trabalhando na área da arquitetura.

> A prefeitura mostrou um interesse pela minha participação no projeto e quando a prefeitura disse que queria um memorial no Cais do Valongo, eu imaginava o que eles tinham em mente, provavelmente, a tipologia do memorial baseada na noção de monumentalidade dos antigos impérios romanos e gregos, nas quais se utiliza a altura e a sensação de uma escala esmagadora em relação ao corpo como uma demonstração de poder. Estes movimentos são implantados no contexto de um evento marcante em uma guerra, em fatos relacionados a um herói, ao triunfo, à tragédia, para provocar emoções fora do comum. Mesmo os memoriais existentes sobre a escravidão, que não são muitos, tendem a se apropriar de aspetos formais da monumentalidade deixando sem solução o fato de que a escravidão não foi um evento marcante e sim um modus operandi de cerca de 400 anos cujos efeitos ainda estão presentes nos dias de hoje.

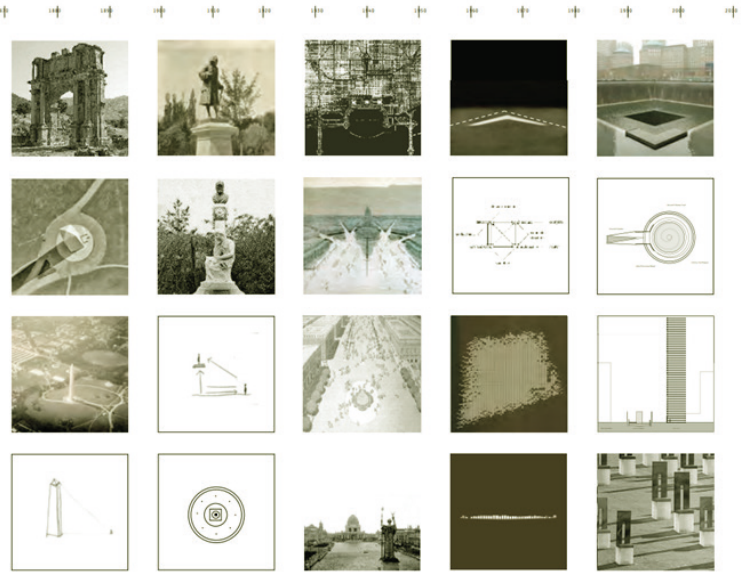


Figura 04: Montagem produzida pela autora.

A arquitetura de um memorial sobre a escravidão deveria ser diferente, a memória afro-brasileira funciona diferente das emoções despertadas por outros memoriais. Penso nas letras do samba. Quando eu comecei a entendê-las, fiquei chocada com canções que transmitem tanta alegria mas que falam sobre dor e tristeza, opressão. O fato é que não se pode viver numa raiva constante, você não sobrevive se você sente raiva todos os dias. Faz-se necessário que este sentimento seja integrado em sua vida quotidiana a outras emoções. Portanto, escrever e cantar sobre sua dor na alegria de um samba se torna parte de sua sobrevivência. A memória afro-brasileira no Cais do Valongo é uma memória cultural que causa tensão nos limites do conceito do memorial, por isso ele deve romper com as tradições arquitetônicas tradicionais.

Propus três pontos como uma maneira de romper e expandir as tradições do memorial a partir da cultura espacial afro-brasileira. O primeiro ponto é o Tempo. A memória dos afro-brasileiros está relacionada às práticas espirituais. O tempo, nessa concepção, não é linear, é composto por eventos do passado, presente e futuro. Assim, o resgate histórico é importante para a construção de um futuro.

O seguinte ponto são as Artes, especialmente as performáticas como a dança, música, teatro, que estão relacionadas às tradições afro-brasileiras e são acessíveis a todos, atualmente difundidas na sociedade, permanecendo vivas e recordando aspectos específicos e significativos da cultura afro-brasileira. O projeto considera as produções culturais dos afro-brasileiros como um registro vernacular.

O último ponto refere-se às Sobreposições. Tradições do urbanismo brasileiro e carioca geralmente apresentam uma sobreposição entre os limites entre os espaços públicos e privados, entre espaços internos e externos e entre tipos de uso no que tange à interação entre eles. Os memoriais apresentam um uso único, no entanto, nos projetos vamos empregar tais tradições para expandir o conceito de memorial. Nesse sentido o projeto se sobrepõe às demandas urbanas da região e ao desenvolvimento dos espaços coletivos e comemorativos, que é a meta a ser efetivada. O conceito se apoia na ideia de que a memória afro-brasileira está entrelaçada na vida quotidiana.

Nesse mapa nós olhamos para trás, uns trezentos milhões de anos e vemos que o Cais do Valongo, marcado pelo ponto preto, tocou o que é hoje em dia a costa do sudoeste da África. Essas terras possuem o mesmo tipo de solo e características florísticas.

Figura 05: Localização do Brasil e costa da África produzido pela autora.

Neste outro mapa, vê-se a rotas do comércio de escravos nas linhas cinza claro e a região do latossolo vermelho tropical compartilhada pelas duas regiões. A partir daí, é possível supor a propagação de plantas e culturas entre as regiões. Os africanos trouxeram plantas nos navios que floresceram na paisagem brasileira. Estas foram inclusive usadas para reconstruir rituais a base de plantas. Aqui mapeamos também correntes do holoceno. Algumas das espécies de plantas fizeram a mesma viagem devido a seus dispositivos de flutuação e chegaram antes mesmo dos africanos. Dizem que quando eles aqui chegaram e viram o solo vermelho e essas espécies ao longo da costa como por exemplo o pé-de-cabra (**Ipomea pes-caprae** ou salsa da praia) e a abóbora d´ água, ficaram sabendo que seus orixás estavam presentes nessa nova terra.

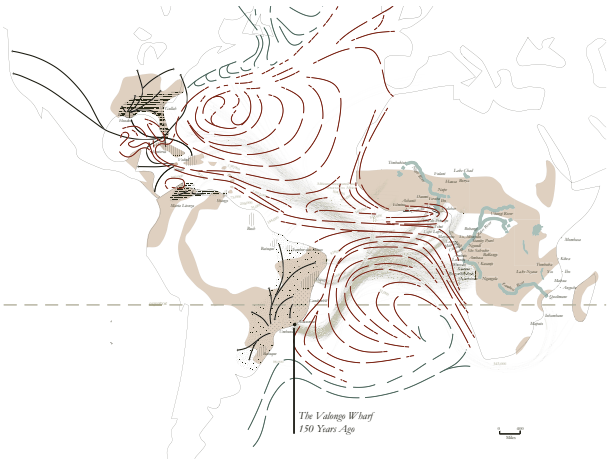


Figura 06: Mapa de comercio de escravos produzido pela autora.

Vamos dar um zoom no ponto preto que marca o Cais do Valongo: é a vista que os africanos tinham quando chegavam ao Cais da Baía de Guanabara, onde tinham os primeiros vislumbres do mesmo solo vermelho e espécies de plantas na paisagem. Os grandes navios paravam no começo das linhas vermelhas e os pequenos barcos iam até o pier do Cais do Valongo projetado sobre o mar. Dessa vista você consegue ter uma dimensão da infraestrutura necessária para transportar, armazenar, comprar, vender e trocar milhões de pessoas.

Realmente havia toda uma infraestrutura necessária para apoiar tal indústria. Se o africano chegava ao Cais do Valongo doente, era levado ao hospital para se obter um preço melhor com a sua futura venda. Se não, ia para o Cemitério dos Pretos Novos. Se fosse capaz de fugir e estabelecer-se em um quilombo, este seria o da Pedra do Sal. Mas o destino mais provável era ir parar no Largo do Depósito, onde os escravos eram domados e engordados por duas ou três semanas, e mantidos num desses armazéns ao longo da rua. Ao final eram levados para uma das pracinhas na região para venda, o que resultou em uma série de espaços públicos.

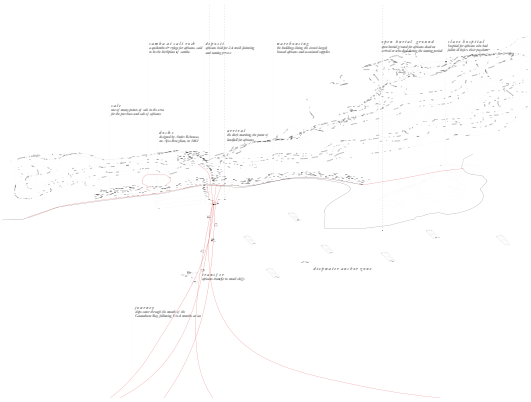


Figura 07: Mapa da vista que os africanos tinham quando chegavam ao Cais da Baía de Guanabara produzido pela autora.

É possível conectar essa análise histórica com a cidade contemporânea. Descobri que muitos desses espaços e prédios ainda existem, por vezes sem nenhum sinal que os identifique. Alguns deles estão disponíveis para o uso pela prefeitura. No primeiro mapa estão demarcados os locais (figura 08), o que nos dava a oportunidade de criar não apenas um memorial discreto, mas uma constelação de locais entrelaçados com o espaço quotidiano da região portuária.

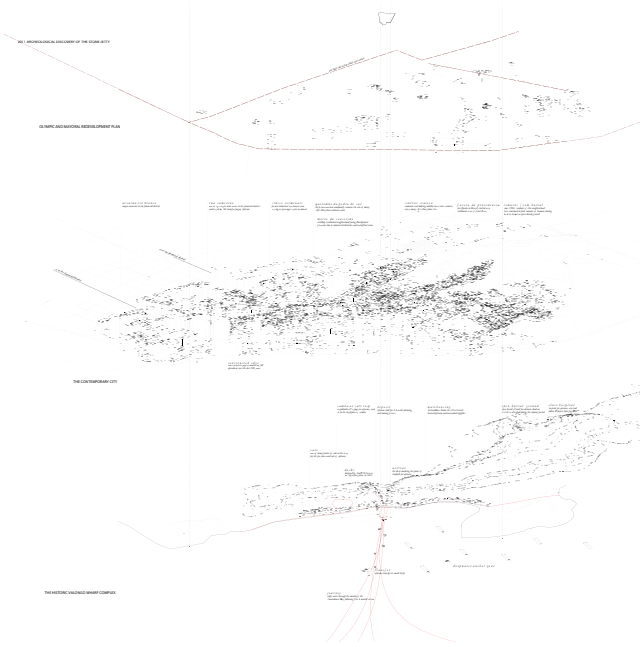


Figura 08: Mapa dos locais demarcados produzido pela autora.

Fazer esses diagramas foi um modo de representar as culturas espaciais da memória afro-brasileira antes de projetar. Assim ficou claro que a memória já estava incorporada nos usos e nas tradições destes espaços e nosso projeto deveria destacar isso de algum modo. Então, eu projetei um memorial discreto, mas o que está aqui era uma constelação de projetos e entrelaçada entre o espaço conhecido entre 1850 e 1920 como Pequena África, e a zona portuária. São oito projetos discretos que a prefeitura poderia incluir nos planos de desenvolvimento do circuito.

Figura 09: Propostas de projetos discretos para a prefeitura produzido pela autora.

Além disso, eu trouxe a pesquisa das espécies de plantas que foram trazidas da África, para que possamos usá-las como uma ferramenta de projeto em torno dessa constelação.

Vamos dar uma olhada em algum desses oito projetos. Por exemplo, o epicentro do Cais do Valongo, para ver como tudo isso se conecta. O obelisco da imperatriz Teresa Cristina fica no lugar criando um diálogo entre o nosso projeto e a monumentalidade do obelisco. Estamos dizendo que o poder da nossa memória é maior do que a do monumento.

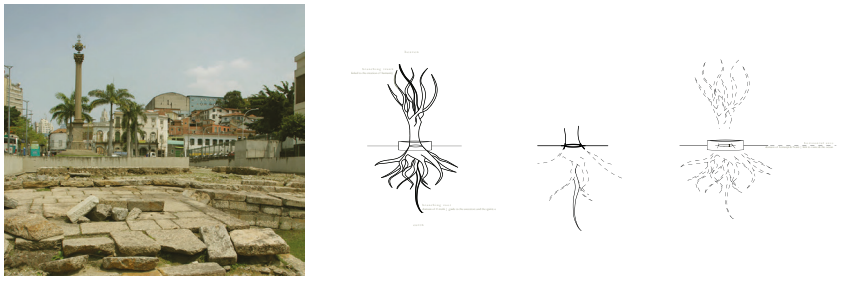


Figura 10: Proposta de projeto para o Cais do Valongo.
Fonte: acervo pessoal.

Identifiquei gêneros nativos em ambos os continentes. Como no Candomblé, eles dizem que a base da árvore é o lugar onde seus antepassados se reúnem. Então, a tradição é marcar isso com tecido branco e paredes brancas ao redor da base da árvore. Assim, explorei isso em diversas formas que esse envoltório de tecido pudesse sugerir.

Figura 11: Desenhos e Imagens do Candomblé.
Fonte: acervo pessoal.

Fiz este envoltório branco de tecido em torno de formas circulares com a função de conectar a favela da Providência e a sua entrada no contexto urbano. Ele continua conectando o sítio e a favela com as docas projetadas por André Rebouças, um engenheiro negro, em 1871.

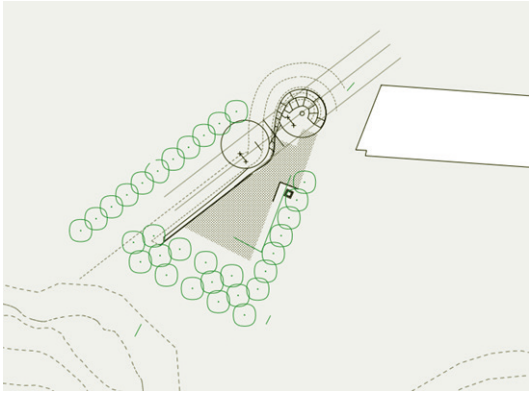


Figura 12: Desenho produzido pela autora.

O Obelisco da imperatriz Teresa Cristina realmente faz um diálogo com nosso projeto porque há um plantio de árvores próximo e na nossa proposta, sugerimos plantações de árvores para sombra e também para marcar onde nossos antepassados se reuniam, para reforçar o poder dos mesmos. Então, em oposição aos procedimentos que se adota na escavação de sítios arqueológicos, onde normalmente se tem este envoltório branco em todo o perímetro do local escavado, apagando a delimitação entre arqueologia e cidade, e entre o passado, presente e futuro, pode-se, no caso, ter alguém sentado no envoltório esperando o ônibus ou numa roda de capoeira. Tudo misturado, acompanhando o ritual do cotidiano.

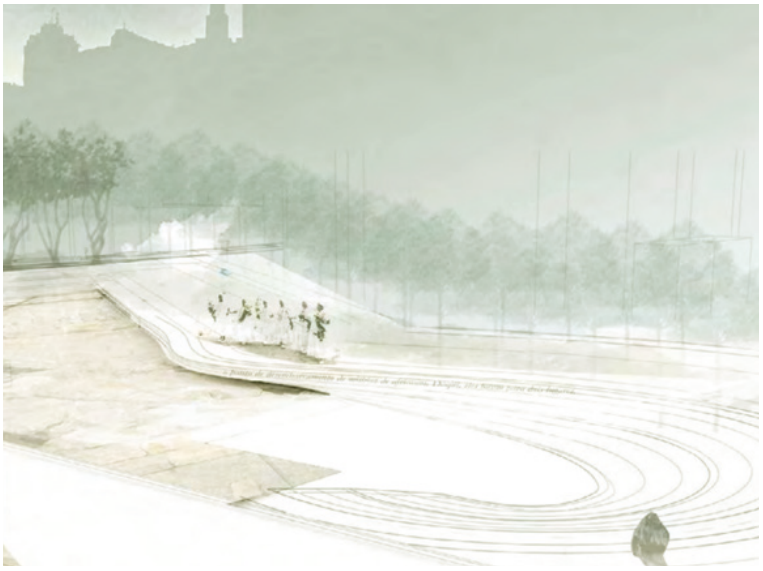


Figura 13: Desenho produzido pela autora.

O seguinte projeto localiza-se ao final da avenida Barão de Tefé, onde hoje em dia estão os armazéns de propriedade da prefeitura. Eles não são tombados mas possuem um grande significado histórico porque foram construídos em um aterro, em uma área que historicamente era domínio do mar, na aproximação ao Cais do Valongo. A prefeitura propôs manter estes armazéns como ponto de desembarque para navios e cruzeiros mas no projeto, eu gostaria de sugerir a remoção de um desses armazéns para reconectar o circuito com o mar.

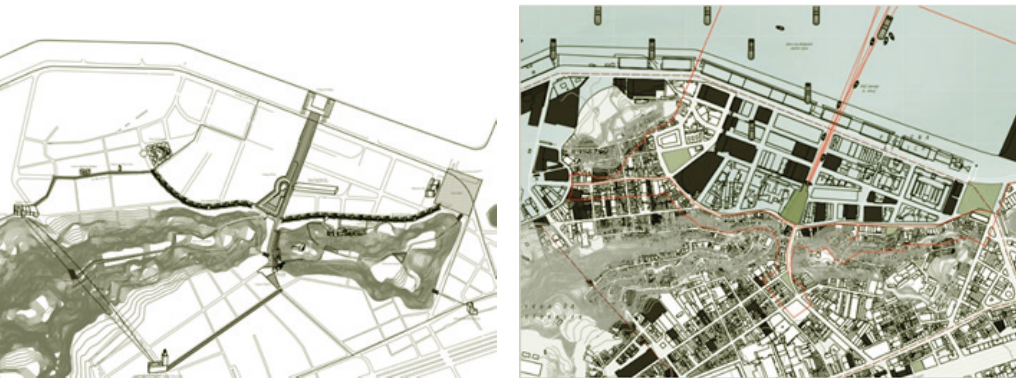


Figura 14: Desenho produzido pela autora.

Existem inúmeros rituais afro-brasileiros ligados ao mar especialmente vinculados à iemanjá. Como um convite a vê-los de perto da água, podemos ativar uma nova praça ao final da avenida Barão de Tefé. Ela incorporaria uma camada fina de cerca de quinze milímetros de espessura que refletisse o céu. Seria basicamente uma plataforma bem sutil, trazendo uma sensação do infinito como se realmente se flutuasse em cima do mar. Essa camada de água serviria como microclima que refrescaria as pessoas mas também as convidaria a tocar a água. Imagino que crianças gostariam de brincar ali, mas ao mesmo tempo seria um momento de limpeza conectando ao ritual da nossa memória.

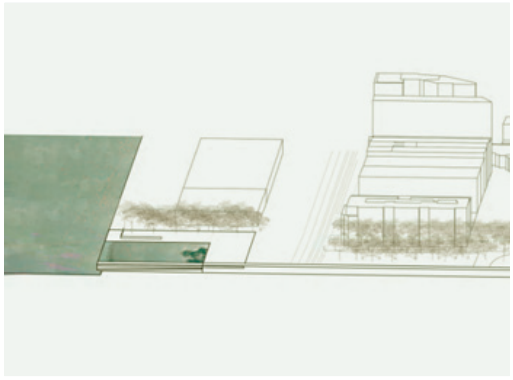


Figura 15: Desenho produzido pela autora.

Para a rua Sacadura Cabral, estudei uma ideia gráfica para a sua pavimentação e vegetação. A rua constitui historicamente a linha da costa e portanto a costura entre o Brasil e o continente africano. Então o gráfico faz como um padrão zíper com as plantas estourando da costura. A pavimentação se faria de tijolos representando o solo vermelho das duas costas e poderia ser iluminado para se ter uma leitura mais dramática do mesmo e também para poder ser visto ao longe, das favelas.

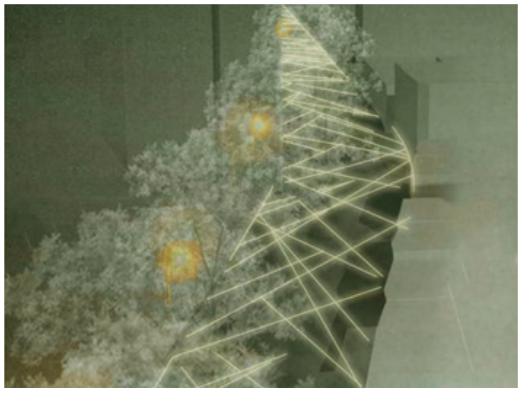


Figura 16: Desenho produzido pela autora.

Na área do jardim do Valongo, poderíamos trazer um conjunto de belas escadarias brancas partindo do Quilombo da Pedra do Sal. O jardim do Valongo está abaixo e pode se conectar com o largo onde ficavam os depósitos. Nas laterais das escadas caberia a colocação de vegetação africana. Já deve haver um Axé no local, e assim nós poderíamos projetar as escadas para oferecer lugares para sentar, como uma pausa para contemplação.

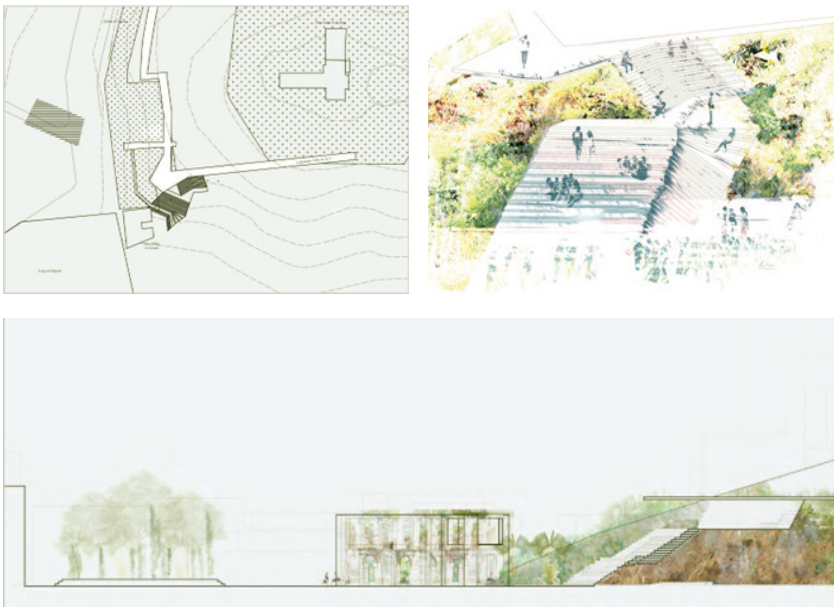


Figura 17: Desenho produzido pela autora.

A sede do afoxé dos Filhos de Gandhy foi restaurada em nossa proposta, as escadas poderão conectar os quatro pontos históricos do largo, do depósito até o quilombo. Pesquisei o uso do concreto para formar um envoltório criando algo que possa ser um banco, ou uma caixa de meditação ou alguma descrição do significado da área, tudo em um único objeto, no qual as crianças possam brincar, as pessoas se sentarem e outras lerem as inscrições, em uma mistura de tudo como ocorre nas letras tristes de um samba.

Figura 18: Desenho produzido pela autora.

Fiz um modelo em grande escala da área mostrando a interação entre os projetos e como o Cais do Valongo se constituiu seu epicentro. Vê-se a circulação ao redor desse sítio arqueológico e ao lado do hospital, a conexão com o circuito que vai até o teleférico da favela da Providência. Então essas seriam as vistas do teleférico, na qual se vê a praça que está ao redor do sítio arqueológico até àquela praça no final da avenida Barão de Tefé, que receberia as águas da baía.

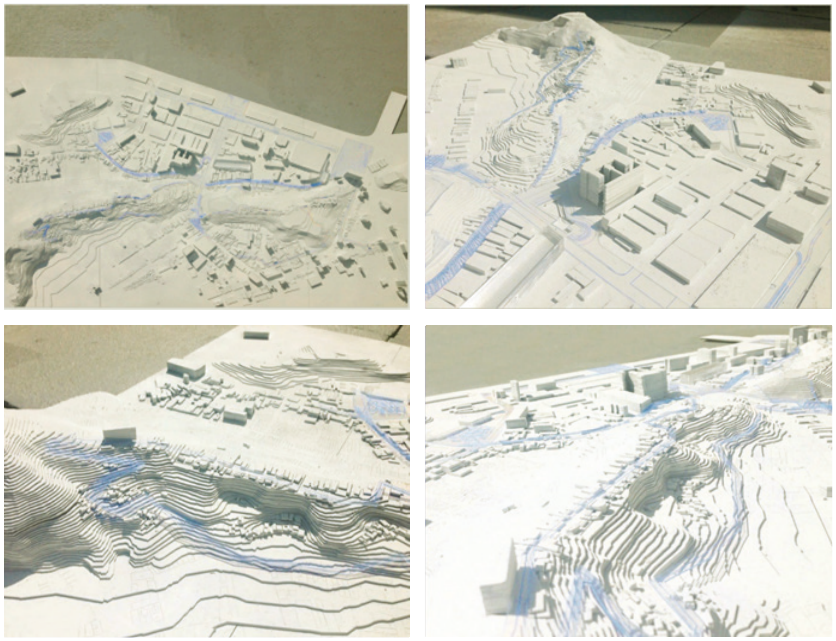


Figura 19: Desenho produzido pela autora.

Uma pequena vitória incluiu o plantio de um baobá duas semanas antes das Olimpíadas do Rio de Janeiro ao lado do Cais. Ainda estamos defendendo a continuação deste projeto dez anos depois mas essa pequena vitória foi importante pois, pela filosofia afro-brasileira, as raízes do baobá, na África e no Brasil se tocam sob o fundo do Oceano. Então pensamos que esse é um sinal que o projeto vai continuar.

Figura 20: Imagens do circuito em momentos diferentes.
Fonte: acervo pessoal.

Diante disso, a luta continua, esse projeto continua e por isso eu gostaria de concluir dizendo que esse diálogo de hoje é muito importante para projetos assim, para expandir as ferramentas da arquitetura e nosso entendimento sobre o que é necessário para que os arquitetos façam projetos relevantes culturalmente e ecologicamente, e que essas duas dimensões possam ser integradas. Por isso eu quero agradecer a vocês por organizar este congresso e pelo convite para participação.

Figura 21: Imagens produzidas por Sara Zewde.
Fonte: acervo pessoal.

TEIAS

Karina Oliveira

Marina Medeiros

Roseline Oliveira

Asher Kiperstock

João Areosa

Louise Cerqueira

Josemary Ferrare

Juliana Michaello Dias

SAUDADES DO MEU VIZINHO. memória, arte e catástrofe

Karina Mendonça Tenório de Magalhães Oliveira
Marina Milito de Medeiros

Buscamos, através desses escritos, transpor em palavras toda a intensidade que se fez presente naquilo que chamamos de Teia. Uma trama emaranhada de tecidos, de linhas e nós, de pontas soltas e presas. Uma grande colcha de retalhos que se embaraçam e entrelaçam diante de gritos e de silêncios. Aqui, são tecidos fios de experiências, ouvindo-se vozes que se cruzam a partir de uma tragédia, com relatos que ora se prendem, em um nó bem apertado, ora se deixam afrouxar, se desvelando em uma dor da experiência única, vivida.

Essa roda de conversa, denominada Saudades do meu vizinho: memória, arte e catástrofe, se produz a partir dos rasgos da materialidade, dos ruídos, mas também dos vestígios, das feridas dos corpos, da memória, das ausências. Aborda mais uma história de desastre ambiental no Brasil causado por uma grande empresa mineradora que atinge cinco bairros na cidade de Maceió e transborda além.

Aqui, serão expressos recortes dessa roda de conversa proposta no I Congresso Internacional de Estudos da Paisagem – Patrimônios em silêncio, destacando falas importantes que nos conduzem a refletir sobre as nossas cidades e nossa forma de permanecer no mundo. Talvez possamos nos apropriar da fala do mestre Ailton Krenak em seu livro Ideias para adiar o fim do mundo (2019):

> "Neste encontro, estamos tentando abordar o impacto que nós, humanos, causamos neste organismo vivo que é a Terra, que em algumas culturas continua sendo reconhecida como nossa mãe e provedora em amplos sentidos, não só na dimensão da subsistência e na manutenção das nossas vidas, mas também na dimensão transcendente que dá sentido à nossa existência." (KRENAK, 2019. p.32)

A catástofre

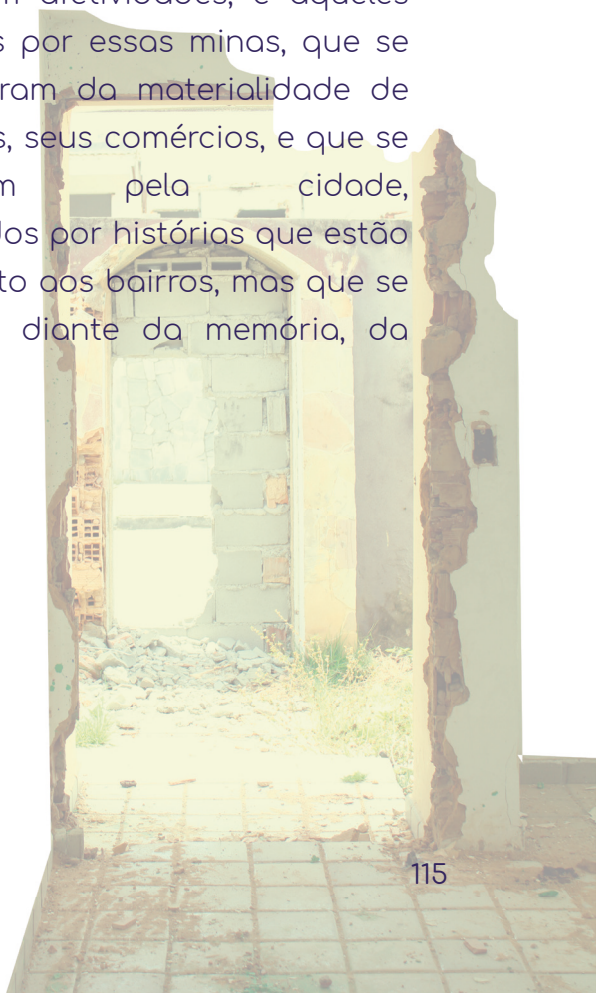
A história que precede essa teia se inicia em 2018, a partir de um tremor de terra no bairro do Pinheiro em Maceió, e que ao longo dos anos vem se espalhando em outros bairros de Maceió como o Mutange, Bebedouro, Bom Parto e Farol. Esse fato se deve à exploração e extração de sal-gema

no subsolo da cidade pela indústria cloro alcoolquímica Braskem, que se instalou na capital alagoana nos anos de 1970, no bairro do Pontal da Barra.

Essa exploração intensa ao longo de mais de 40 anos se dispôs em 35 minas de sal, perfuradas em até 1 km de profundidade cada, até o ponto de colapso, ocorrendo o desabamento desses "buracos" e, em consequência, promovendo a movimentação do solo acima delas e o surgimento de rachaduras nas ruas e imóveis da região[1].

De imediato, moradores do Mutange foram removidos das margens da Lagoa Mundaú, diante da iminência de um desastre ainda maior. O bairro era habitado por famílias em situação de vulnerabilidade social, com moradias precárias, e que, por vezes, dependiam da dinâmica construída diante da lagoa, dos ofícios da pesca e do marisco. A desocupação seguiu para os bairros do Pinheiro, Bom Parto, Farol e Bebedouro, esse último, reduto histórico de Maceió, que abrigava grandes casarões e monumentos arquitetônicos tombados e protegidos por órgãos estaduais, e que agora se encontram junto aos outros, junto às memórias materializadas e abandonadas em um imenso vazio, aguardando os dias de sua iminente destruição.

Esse longo processo já atingiu aproximadamente 55 mil pessoas, e ainda se encontra sem estabilização. Há aqueles que permanecem em suas casas e que se negam a largar sua história para trás diante de uma promessa de indenização; aqueles que moram em bairros adjacentes, que mesmo não sendo atingidos diretamente, tiveram suas vidas afetadas diante dessa terra arrasada, famílias que dependiam de serviços encontrados nos bairros esvaziados, que cristalizaram amizades, construíram afetividades; e aqueles perfurados por essas minas, que se desprenderam da materialidade de suas casas, seus comércios, e que se espalharam pela cidade, atravessados por histórias que estão ruindo junto aos bairros, mas que se solidificam diante da memória, da saudade.



[1] Informações retiradas da transcrição da Teia: Saudades do meu vizinho, a partir do depoimento da arquiteta e urbanista Gardênia Nascimento Santos, secretária adjunta de estratégia e projetos prioritários da Prefeitura Municipal de Maceió.

Arte e memória

A partir dessa Teia propomos então um debruçar sobre vozes que nos fizessem entender essas formas de resistência, em um permanecer intangível diante da arte e da memória. Um debate a partir de personagens e corpos que por certo nunca se cruzaram em seus cotidianos, mas que se aproximam e marcam os enlaçamentos desses bairros que se desprendem diante da materialidade, mas que fincam cicatrizes na intimidade de cada um deles e também na história de um corpo cidade.

Maria Gardênia Nascimento Santos, arquiteta e urbanista e especialista em conservação e restauração dos Sítios e Monumentos Históricos; Maria José da Silva, conhecida como Zeza do Coco, patrimônio vivo do Estado de Alagoas desde 2015 e mestra do coco de roda Raízes que começou a dançar aos 5 anos e em 1975 fundou o Grupo de Pagode Comigo Ninguém Pode; e Paulo Accioly, artista e realizador audiovisual nordestino, responsável pelo projeto "A gente foi feliz aqui", em que retratou as histórias de famílias que foram removidas de suas casas no bairro do Pinheiro. Diante dessa diversidade das vozes convidadas, existe a convergência naquilo que as toca: a tragédia causada pela Braskem em Maceió.

Marina: "Dona Zeza não está na área atingida, não está no mapa, mas ela está praticamente ilhada. Como ela reside na parte alta do bairro, para chegar na casa dela , tivemos que passar pela avenida principal de Bebedouro, avenida que a Gardênia mostrou anteriormente e que ligava o bairro ao centro da cidade. Este trecho já está totalmente interditado com portões, nem pedestre e nem bicicletas podem passar. Assim, para chegar na Chã de Bebedouro, onde eu fui buscar a Dona Zeza hoje, a gente tem que passar por toda uma área destruída, e é o único caminho para acessar a casa dela."

Dona Zeza: "Nós estamos com quase nada lá. Quando a gente queria comprar qualquer coisa, um peixe que quisesse, tinha em Bebedouro. Além da gente ter perdido os motivos folclóricos essas coisas assim, a gente perdeu o mercado. O mercado que a gente fazia as compras todo sábado, é como se fosse o mercado da produção, mas

[2] Vídeo exibido durante a teia que mostra o caminho percorrido até a casa de Dona Zeza e o esvaziamento do bairro de Bebedouro. Acesso em: https://youtu.be/1u8EBwSxpr8

que era menor, né? Mas era a feirinha de Bebedouro. Tinha o açougue, tinha o supermercado, as escolas... Foram oito ao todo entre o Flexal de Baixo e Bebedouro por ali, foram oito escolas fechadas, e a gente da Chã de Bebedouro já estamos quase sem nada, o transporte já não é o mesmo. A gente quer ir no comércio, é um sacrifício, não temos lotérica. A gente agora tem que pegar um carro lá na Chã de Bebedouro para a gente chegar no centro da cidade pra poder ter acesso à lotérica ou ir para outro bairro, na feirinha por lá. E quanto a gente tinha tudo isso em Bebedouro a gente não pagava o transporte para ir. E hoje a pessoa vai receber e se não tiver um dinheiro antes, guardado para pagar o transporte para ir, não pode receber, porque tudo é longe, não pode ir de pés. Aí quando tinha Bebedouro, era tudo normal lá, não tinha essa bagaceira que fizeram."

Figura 01: Zeza do Coco. Patrimônio vivo dde Alagoas.
Fonte: Rafael Almeida.

Dona Zeza, mestra do coco de roda, também nos faz refletir sobre a relação das manifestações culturais com o espaço, com a cidade que nos cerca. Nos faz perceber os limites tênues entre o patrimônio material e o imaterial, como essas instâncias se cruzam, se enlaçam em uma grande teia em que se apresentam indissociáveis. É nesse lugar do dia a dia, das caminhadas, da compra no mercado da esquina, das conversas na praça, nesse lugar de relações por vezes momentâneas, que se faz viva a construção desses sinais intangíveis na paisagem.

A mestra criou vínculos com outros grandes representantes do folguedo alagoano, como Mestre Benon, um dos mais importantes líderes do guerreiro, manifestação cultural de canto e dança muito popular em Maceió, por meio desses encontros estabelecidos através do território. São as celebrações de bairro, as procissões, as festas do padroeiro, esse emaranhado de relações, essa rede de histórias que vão, aos poucos, desmoronando junto às edificações.

Dona Zeza: Mestre Benon veio morar lá no Bebedouro, eu já morava lá. Só que eu conheço Mestre Benon de quando eu tinha 6 anos de idade, que ele era de Santa Efigênia e a gente dançava no guerreiro do finado Mané, primeiro mestre de guerreiro que eu dancei, e Mestre Benon era embaixador do guerreiro. E passou muitos anos, muitos anos, eu não vi mais Mestre Benon, aí eu vim morar em Bebedouro. Muita gente morava em Bebedouro e meu marido era da Chã de Bebedouro. Minha sogra criou dez filhos, tudo em Chã de Bebedouro. Ela foi uma fundadora daquela Chã onde ela morou mais de 80 anos. [...] Quando foi 1975, foi inaugurado o Bruno Ferrari, o conjunto que fizeram em Chã de Bebedouro. Aí foi o tempo da doutora Viviane Calheiros, foi ela que deu (inaudível) para tirar o pessoal e ela lá fez o Centro Comunitário Hélio Porto Lages e as psicólogas, o pessoal, ela botou lá, né? Que era pra gente ter uma assistência melhor, ter reuniões, ter artesanato, tudo a gente fazia lá. Então, a gente observando assim, muita gente da terceira idade que vieram quase todos do interior, a gente conversava, muitos eram do interior. E no interior, a pessoa que não souber dançar o pagode, que é o coco de roda, que aqui em Alagoas tem 3 nomes: pagode, coco e samba, se resume tudo em coco de roda. [...] E eu, mais minha sogra, a gente criou uma quantidade de gente para dançar e a gente formou um grupo de coco de raiz, de antigamente mesmo, de trupé mesmo, que agora está se perdendo essa tradição, e tão dançando aí de todo jeito, mas está bonito. E a gente conseguindo o traje, conseguimos fazer a

apresentação em vários cantos. E sempre se reunia lá, no Centro Comunitário, ali era o QG da gente e um dia a gente conversando na porta, mas minha sogra, tinha uma planta chamada "Comigo-ninguém-pode" [...] a gente conversando sobre como ia ser e que a gente estava com quantidade de gente e instrumento para tocar, que eu sabia qual era também, aí eu disse "Comigo-ninguém-pode" aí, ela disse, "é mesmo, né Duarte? Vamos colocar "Comigo-ninguém-pode". [...] Aí a gente criou uma quantidade, 22 pessoas dançando, e só tocava ganzá e pandeiro [...]

O meu sogro também era mestre de coco e ele era o meu par também para dançar. Eu cantava ali com ele e quando era, fazia o refrão, as coisas assim, era embolada, eu corria pro meio, ia dançar também mais o povo. E assim, a gente... esse grupo ficou comigo e ela e a turma até 2009. [...] E eu cantei com grandes mestres que já Deus levou. Uns dos grandes mestres foram Mestre Venâncio, Mestre Verdelinho, Mestra Hilda, Mestra Virginia, Mestra Celsa, e por aí afora, vai... muitos mestres e mestras. Foi uma perda muito grande, mas faleceram muito bem com a idade bem avançada. Na época que a gente fez um grupo, só tinha nova eu, que tinha 20 anos.

Dona Zeza: [...] eu já estou velha, com 66 anos... preciso indenizar também o meu coco de roda, eu vou morar em outro canto, se eu for morar, onde vai parar tudo?... meu terreiro de candomblé, e o pessoal que a gente conhece, lá a gente tudo se conhece, é tudo uma família. E agora não só eu penso por mim, mas todo mundo que estava no Pinheiro, nesses bairros todos... era tudo... ninguém sabe para onde estão, cadê os vizinho? Aquela vizinhança tem de tudo, né? É uma pena que tenha acontecido e Chã de Bebedouro não vai ser diferente, eu acho que vai acontecer. [...] E você sabe, o coco de roda é a primeira manifestação folclórica do estado de Alagoas. [...] Porque nasceu da tapagem de casa, aí junta assim, com a influência dos africanos com os índios: no africano tem mais o trupé e nos índios tem mais a roda. E também o trupé por quê? Para fazer a casa de pau a pique, o chão ficava molhado e não tinha cimento, nada [...] aí ele jogava areia e depois fazia o trupé pra enxugar o piso, porque no outro dia a pessoa ia morar naquela casa. A minha mãe é artesã, fazia as portas de palha e janela, e as casas eram cobertas de palha. Eu participei muito da tapagem de casa, fiquei na lida, ia buscar água no rio, para aguar o barro e caia e me melava toda de barro, mas tá valendo bem. Tava no sonho, não tinha jeito não [...]

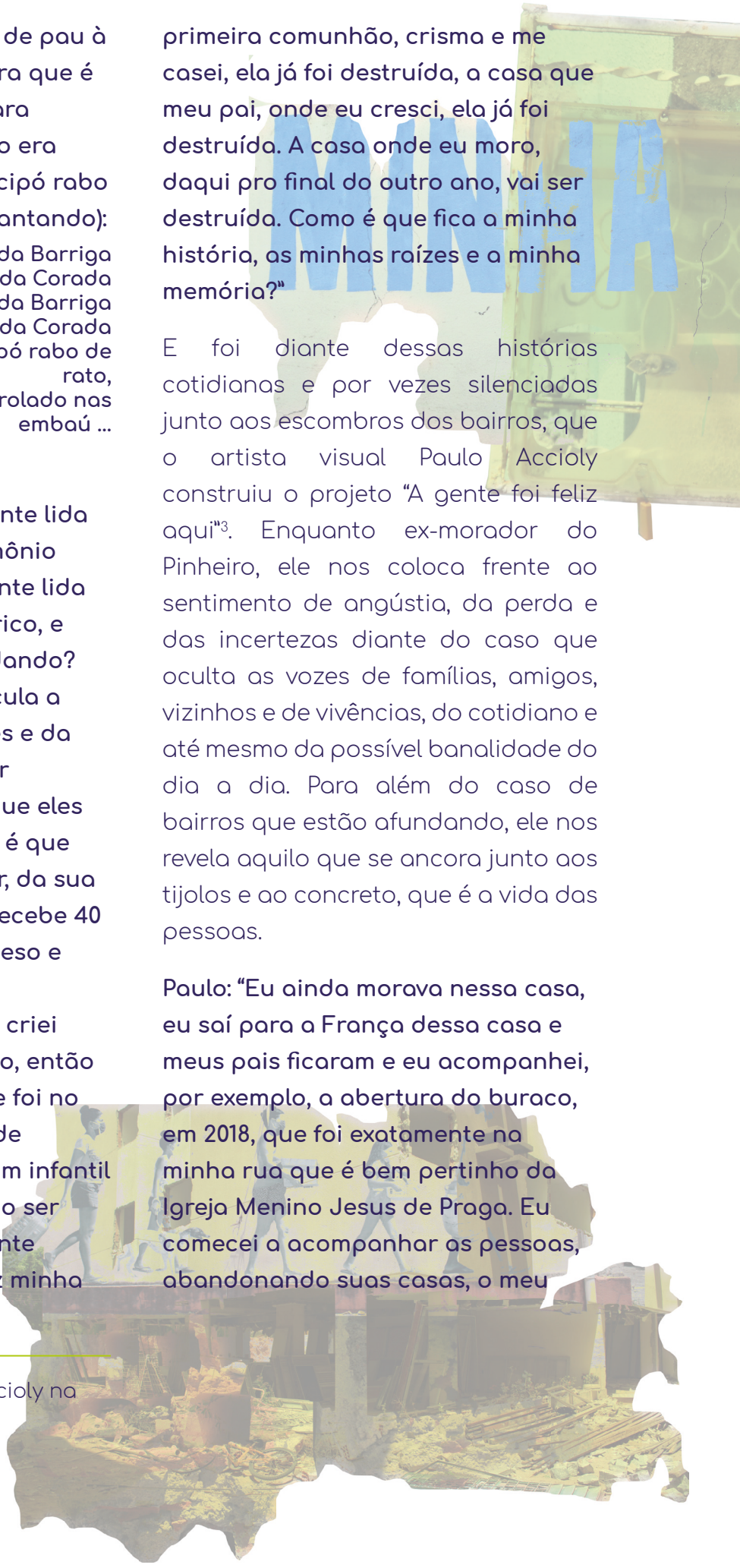
Eu sou engenheira de casa de pau à pique [...] eu sei toda madeira que é pra fazer a casa e o cipó para amarrar, que naquele tempo era assim, amarrava com cipó, cipó rabo de rato. [...] Aí dizia assim (cantando):

Nós vamos assubir a serra da Barriga
Lá pelo alto da Corada
Nós vamos assubir a serra da Barriga
Lá pelo Alto da Corada
Lá no Alto da Corada tem cipó rabo de rato,
Tem catinga de macaco, enrolado nas embaú ...

Gardênia: "Como é que a gente lida com a destruição do patrimônio histórico? Como é que a gente lida com um bairro, que é histórico, e que está literalmente afundando? Eu não sei. [...] Como se calcula a perda da história, das raízes e da memória da população? Por exemplo, os danos morais que eles estão recebendo. [...] Como é que você é arrancado do seu lar, da sua história, das suas raízes e recebe 40 mil reais por família? Que peso e que medida é esse? Eu particularmente nasci e me criei dentro do bairro do Pinheiro, então a escola que eu estudei que foi no CEPA (Centro Educacional de Pesquisa Aplicada), do jardim infantil ao Moreira e Silva, todas vão ser desocupadas e provavelmente destruídas. A igreja onde fiz minha primeira comunhão, crisma e me casei, ela já foi destruída, a casa que meu pai, onde eu cresci, ela já foi destruída. A casa onde eu moro, daqui pro final do outro ano, vai ser destruída. Como é que fica a minha história, as minhas raízes e a minha memória?"

E foi diante dessas histórias cotidianas e por vezes silenciadas junto aos escombros dos bairros, que o artista visual Paulo Accioly construiu o projeto "A gente foi feliz aqui"[3]. Enquanto ex-morador do Pinheiro, ele nos coloca frente ao sentimento de angústia, da perda e das incertezas diante do caso que oculta as vozes de famílias, amigos, vizinhos e de vivências, do cotidiano e até mesmo da possível banalidade do dia a dia. Para além do caso de bairros que estão afundando, ele nos revela aquilo que se ancora junto aos tijolos e ao concreto, que é a vida das pessoas.

Paulo: "Eu ainda morava nessa casa, eu saí para a França dessa casa e meus pais ficaram e eu acompanhei, por exemplo, a abertura do buraco, em 2018, que foi exatamente na minha rua que é bem pertinho da Igreja Menino Jesus de Praga. Eu comecei a acompanhar as pessoas, abandonando suas casas, o meu



[3] Perfil idealizado por Paulo Accioly na rede social Instagram. Acesso:@agentefoifelizaqui

vizinho de três casas depois da minha, foi o primeiro a abandonar o bairro, porque foi em frente à casa dele que abriu o buraco e foi o primeiro também a pixar as paredes. Então eu comecei a ver esse movimento desde muito cedo (...) Os meus pais estavam procurando uma casa para morar e eu meio que tomei a frente dessa busca à distância para poder ajudar. Ao mesmo tempo em que fui buscar uma casa, fui buscando informação {sobre o crime ambiental] que você não tinha um acesso muito fácil. As informações sobre o bairro, sobre as pessoas, sobre as histórias me fez pensar: 'Caramba, eu estou estudando Arte e Imagem, eu estou tendo uma formação que me

Figura 02: Colagem do Projeto Ä gente foi feliz aqui'' - Gabirel. filho de Maria Cará.
Fonte: Paulo Accioly e Renata Baracho.

Figura 03: Colagem do Projeto Ä gente foi feliz aqui'' - Dona Eliliet.
Fonte: Paulo Accioly e Renata Baracho.

permite falar de temáticas e eu estou vivendo uma situação muito, muito particular, então por que não falar sobre o bairro do Pinheiro? Por que não tentar encontrar uma forma de falar sobre ele para as pessoas? De chegar em mais gente, encontrar um meio mais doce, digamos assim, de conseguir chegar nas pessoas?' E o meio mais doce que eu encontrei na época que eu estava voltando, foi desenvolver a ideia de fotografar as famílias, colar as fotos dessas famílias nos muros das casas e em algum momento que eu não sabia quando era, fotografar e filmar a demolição desses muros com as famílias, isso foi minha primeira ideia."

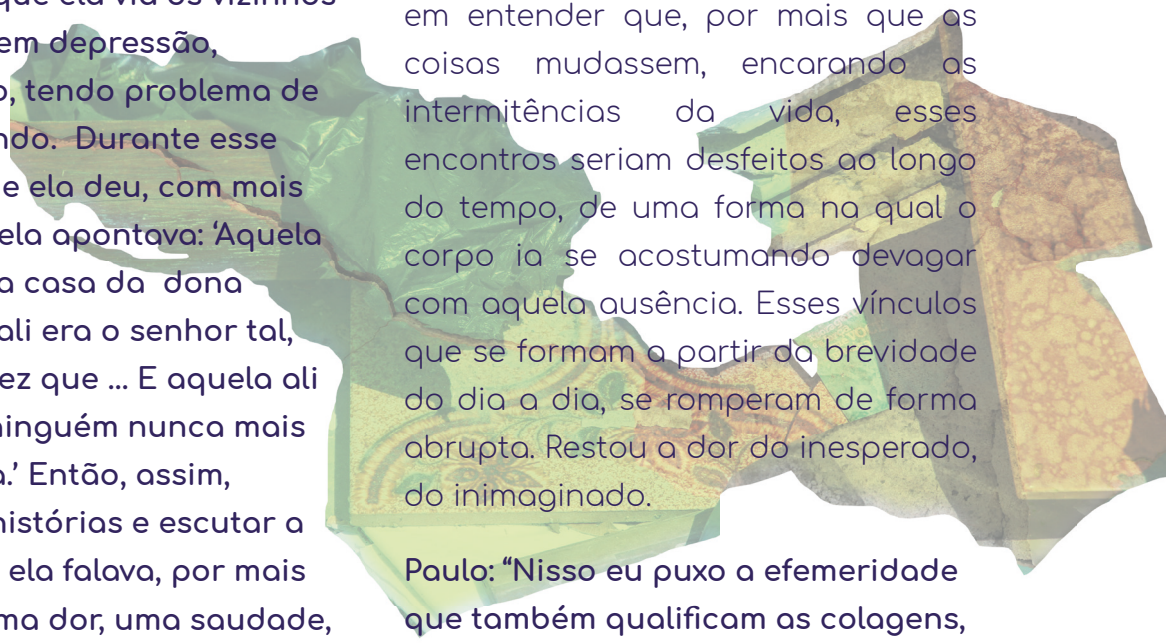
Em sua primeira experiência, o artista se debruça na história da artesã Maria Corá. O contato com essa ex-moradora que construiu sua vida ao longo de 40 anos no mesmo bairro, o fez sentir a potência dessas narrativas. Ocorria a divulgação, através das redes sociais, dessas tantas vozes que tecem o que chamamos de Pinheiro.

Paulo: "E esse primeiro dia foi muito esclarecedor para mim, por entender que eu não conseguiria filmar a demolição desses muros, então assim, essa ideia inicial era fraca, ela não ia resistir porque havia casas com tapumes, eu tinha que colar dentro de algumas casas, então não conseguiria entrar durante a demolição. Entendi também, já no primeiro depoimento da Maria Corá, que muito mais importante, muito mais forte e muito mais impactante do que um muro sendo derrubado, era dar oportunidade para essas famílias falarem pela primeira vez sobre suas histórias. Elas nunca tiveram oportunidade de contá-las para alguém. Elas conversavam com os vizinhos que passavam mais ou menos pela mesma situação, mas as pessoas não paravam para ouvir... E existia um sentimento misturado de tristeza, de saudade, um sentimento de paixão e de pertencimento que eu, particularmente, não conhecia. Então, conversar com essas famílias foi assim, uma aula do que era saudade, do que era não ter mais um lugar seu. [...] E aí, eu passei da ideia de derrubar os muros para contar histórias. [...] Essa colagem (figura 1), que é a que mais me toca até hoje, a que eu mais gosto e é mais forte para mim, é a do Gabriel, filho da Maria Corá. Eles moravam nessa casa claramente ampla e Gabriel subia em árvore, andava de bicicleta, brincava na rua com os vizinhos e eles tiveram que deixar a casa deles no meio da pandemia. Com o valor do aluguel social, só conseguiram alugar uma casa extremamente pequena na qual Gabriel não conseguia fazer absolutamente nada além de ficar no computador e jogar videogame. A forma que eles encontraram de Gabriel poder fazer alguma atividade física que remetesse um pouco ao que ele fazia antes, quando ainda estava na casa dele, era andar de bicicleta. Mas isso só foi possível em um suporte que fazia com que, por mais que ele pedalasse, não saísse do lugar. Quando eu vi essa cena, quando a fotografei, e também quando a colei, foi uma virada de chave para entender a particularidade de cada uma dessas situações, como cada família, cada pessoa estava vivendo uma história, uma situação, um pesar, único, singular, próprio e que essas histórias deveriam ser

contadas.

Paulo: "Só para explicar um pouco a dona Eliliett, que é essa senhora que está colada no muro, esse dia foi o último que ela dormiria na sua casa e ela morou no bairro, algo próximo de 60 anos, nessa mesma casa. E ela confidenciava que ela via os vizinhos dela entrando em depressão, desaparecendo, tendo problema de saúde e morrendo. Durante esse depoimento que ela deu, com mais de 20 minutos, ela apontava: 'Aquela janela ali era da casa da dona fulana. Aquele ali era o senhor tal, que teve uma vez que ... E aquela ali desapareceu, ninguém nunca mais ouviu falar dela.' Então, assim, escutar essas histórias e escutar a forma com que ela falava, por mais que existisse uma dor, uma saudade, um pesar, ela parecia que já estava meio acostumada com isso, porque foram tantos casos de mortes, desaparecimentos de tristezas agudas e isolamentos, que ela já estava, não sei se calejada, não sei se assustada, ou se anestesiada. E aí nesse dia ela saiu, ela foi embora e ela disse que sabia que nunca mais ia ver os vizinhos dela, que ela não usava celular, que ela não tinha um computador. Esse depoimento foi um dos mais fortes e mais duros de escutar."

Para onde foram essas relações? Onde se encontram essas famílias, esses vizinhos? Alguns contatos e amizades construídas se faziam naquele espaço e necessitavam dele para perdurar. O olhar do dia a dia, as caminhadas e conversas despretensiosas em frente à padaria, no banco da praça. Eram, por vezes, relações momentâneas, mas de certo, eram preenchidas por um conforto em entender que, por mais que as coisas mudassem, encarando as intermitências da vida, esses encontros seriam desfeitos ao longo do tempo, de uma forma na qual o corpo ia se acostumando devagar com aquela ausência. Esses vínculos que se formam a partir da brevidade do dia a dia, se romperam de forma abrupta. Restou a dor do inesperado, do inimaginado.



Paulo: "Nisso eu puxo a efemeridade que também qualificam as colagens, como algo muito efêmero. A gente cola, as pessoas podem arrancar, a chuva pode molhar, o vento pode fazer com que desmanche, alguém pode pichar... Assim como é muito efêmera a colagem em um muro, pode ser muito efêmero um projeto artístico. Às vezes, a gente é um elo relativamente fraco nessa disputa, nessa briga. É muito fácil tentar calar a gente, sabe? Tentaram calar a gente de algumas formas."

Assim, vamos lançando uma luz sobre a arte e as manifestações artísticas, nas diferentes formas de expressão poética, refletindo sobre seu compromisso em cenários de

tragédia, costurando o depoimento desses convidados, com a presença de Dona Zeza, enquanto patrimônio vivo, da Gardênia, com sua fala que expõe de forma técnica as camadas da tragédia anunciada mas que também se coloca enquanto moradora, e o projeto construído por Paulo, que buscou, em meio ao caos, uma forma "mais doce" de construir narrativas, de ouvir essas vozes silenciadas em meio às ruínas.

Frente à catástrofe, como podemos ressignificá-la? A arte tem o poder de gritar para o mundo o que está acontecendo de forma sensível e também eternizar essas pequenas histórias "banais". Quem poderia registrar essas histórias cotidianas dos moradores, dos nossos vizinhos.? Onde se guardarão essas memórias? E se em meio a esse cenário, há uma promessa da Braskem de manter os grandes casarões históricos em pé, o que são eles sem a vivacidade do bairro, sem as pessoas, sem as festas, os folguedos?

"Deus criou o mundo, com
o seu grande poder,
Mas os donos do alheio,
quer botar tudo a perder.
Com tanto desmatamento
os rios estão secando,
As lagoas poluindo e os
peixes estão morrendo.
E a camada de ozônio
cada vez tá se rompendo,
E a Amazônia está
gemendo diante de tanto
seco
Só Jesus Cristo descendo
com o seu poder infinito
Pra eu mostrar pra todo
mundo quem faz bem
feito, bonito".
(Transcrição do canto -
Zeza do coco, 2021)

O que podemos pensar sobre a forma com que nos colocamos no mundo hoje? Como estamos construindo, ou poderíamos dizer, destruindo as nossas cidades? É nesse lugar que nós queremos viver? Encarando esse evento com uma grande conexão e enlaçamentos de teias, é possível retomar, mais uma vez, o pensamento do mestre Ailton Krenak,. Ele nos convida a refletir sobre o nosso posicionamento diante da cidade e de como nos tornamos reféns desse lugar que nos engole. Devorados por aquilo que construímos com nossas próprias mãos, "picotamos nossos rios, nossas bacias hidrográficas" para nos alimentar, para expandir áreas de produção de bens que a cidade necessita, mas que não é capaz de produzir por si mesma.

"Nós vamos avançando sobre a paisagem e amontoando ferro, pedra e cimento. Materiais que não respiram e nós precisamos respirar. (...) Seria como você pedir para alguém fechar os olhos e imaginar paisagens agradáveis que se pudesse conceber em diferentes continentes, em diferentes lugares do mundo. E a seguir perguntasse se a pessoa gostaria de cobrir esses lugares com cimento, ferro, pedra ou qualquer outra composição. Porque é disso que são feitas as

cidades." (Transcrição de parte da fala de Ailton Krenak, 2021)

Sabemos que não é só de ferro, pedra e destruição que as cidades são feitas. Percebemos através desses depoimentos, colhidos durante a teia, que elas se constituem de afetos, de relações estreitas e emaranhadas. De gestos e símbolos, de tradições, de arte, de memórias e, como nos relatou Paulo, desse olhar doce para aquilo que nos cerca e nos toca. Que possamos entender que quando perfuramos as margens da lagoa em busca de riquezas, como o fez a Braskem, estamos também perfurando uma parte de nós, porque somos teia e tudo está interligado.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PATRIMÔNIO DA VIDA

Roseline Oliveira
Asher Kiperstock
João Areosa

Efeitos de um vírus não orgânico

Sobre o que estamos falando quando dizemos patrimônio?

A pandemia da Covid-19 convocou o mundo a refletir acerca de aspectos evidentes e sutis de dinâmicas que movem e caracterizam a sociedade contemporânea diante das circunstâncias provocadas pelo distanciamento social, confinamento e pelo alto índice de mortalidade.

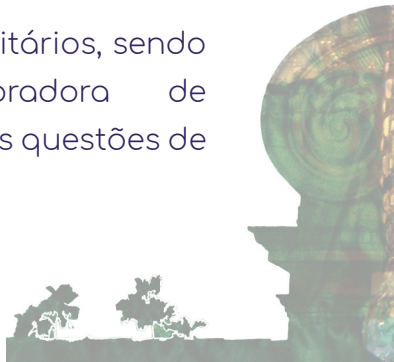
Em torno do "Fique em casa" e do "Lave suas mãos", campanhas motivadas pela Organização Mundial da Saúde enquanto medidas de contenção do Vírus SARS-CoV-2, durante os primeiros meses de pandemia, os discursos oriundos das mais variadas áreas do saber oscilaram entre pressão por uma resposta da ciência, avanço tecnológico forçado e a falência de um tipo de estrutura socioespacial, sugerido pelo aparente despreparo da sociedade para encarar o poder de um vírus que encontrou condições sociais, políticas e econômicas favoráveis para se disseminar ampla e fatalmente (OLIVEIRA & GUDINA, 2020).

Precariedade das formas de perceber, conceber e construir o habitat, da moradia, do espaço público e privado, do saneamento básico, dos tipos e dinâmicas das relações humanas locais e globais associadas à natureza e ao trabalho, destacam-se no rol de questões enfrentadas, as quais permeiam as noções dos Direitos Humanos e podem ser sintetizadas pela própria compreensão do sentido de estar do mundo (OLIVEIRA & GUDINA, 2021).

Então, o que se tem colocado em discussão acerca do patrimônio num contexto marcado pelo consumo predador e veementemente afetado pela potência de aniquilamento, destacada pela pandemia, é: do que essencialmente temos que cuidar? Ao tomarmos a vida e o bem viver como um Bem, o que devemos preservar e deixar como legado?

Essa foi a motivação do momento de troca intitulado Oficina Patrimônio da Vida que integrou a programação do I Congresso Internacional Estudos da Paisagem.

Três professores universitários, sendo uma arquiteta moradora de Maceió-AL, que trata das questões de



referências patrimoniais de cultura e da paisagem; um engenheiro residente em Salvador-BA que tem atuado no campo teórico e prático da prevenção da poluição e produção limpa e um sociólogo português, que vive na cidade de Lisboa, que, segundo o próprio, desde sempre se dedica às questões gerais e específicas das condições de trabalho, conversaram sobre esse panorama, indicando que, o dito período excepcional, como vem sendo chamado o tempo pandêmico, na verdade, consiste em apenas um demonstrativo de um desastre há décadas anunciado (TALEB, 2016).

Reconhecendo a dinâmica que originou o referido vírus, encontramos, então, respaldo para considerar a natureza enquanto um patrimônio da vida a ser encarado. Sob tal perspectiva, a pandemia, e todas as suas consequências, parece menos preocupante do que o afastamento das condições saudáveis de sobrevivência que temos construído. Podemos pensar que estamos avançando em prol da sustentabilidade com determinadas posturas e invenções, tais como, carros elétricos, sistemas de captação de água de chuva, reciclagem, compostagem, etc., mas se trata de ilusões, artifícios que nos impedem de perceber a gravidade com que a natureza se deteriora dia após dia.

Nesse sentido, os problemas da sustentabilidade ambiental e, também, social, parecem muito mais preocupantes que as consequências do Coronavírus em abrangência mundial. Aliás, ele é uma pequena expressão desse processo de sustentabilidade que estamos não apenas vivenciando, mas, sobretudo, que temos historicamente provocado. Nós somos parte disso. Somos responsáveis. A doença, na verdade, é outra. O vírus que nos afeta não é microrgânico (HARARI, 2020).

Descarte de recursos naturais

Ao abordarmos os problemas ambientais e, mais especificamente, o relativo à mudança climática, existe uma terminologia muito clara: adaptação e mitigação. É fundamental adaptarmo-nos ao mundo degradado o qual continuamos a construir. Não vamos conseguir transformar esse processo de arruinamento se não conseguirmos sobreviver.

Destaca-se, contudo, que a mudança climática é um dos problemas ambientais, mas não é o pior. Há um equívoco na dissociação entre discurso e prática que é fundamental ser, de alguma maneira, esclarecido. Tem-se trabalhando com produção limpa e ecologia industrial enquanto soluções para minimizar a maneira como estamos avançando para o

abismo, ou seja, como reduzir a velocidade da degradação ambiental, na expectativa de adiar o prazo de grandes tragédias já anunciadas e, assim, ganharmos tempo para refletir, enquanto humanidade, sobre soluções que, de fato, possam redirecionar nossas posturas relativamente aos modos de habitar, viver e se relacionar com o meio ambiente (KRENAK, 2019).

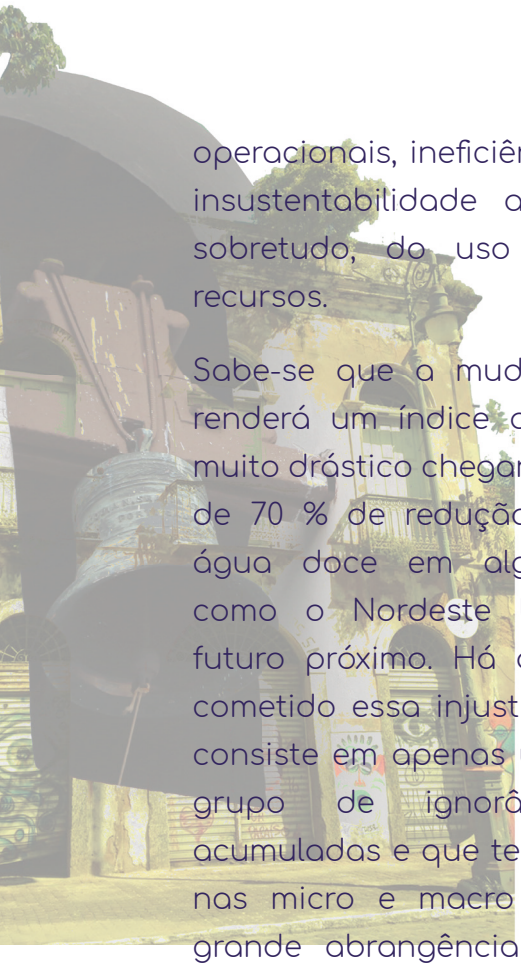
Uma dessas estratégias consiste em agir no sentido de transformar os processos produtivos em processos menos degradadores, dirigindo o foco para o coração do problema ambiental o qual é marcado pela cultura do descarte. O desafio não consiste em encontrar meios, por exemplo, do que fazer com os resíduos, mas sim, compreender porque geramos resíduos. Termo, aliás, hoje considerado um insulto ao material que pode conter propriedades e características reveladoras e inspiradoras, a depender da capacidade e habilidade criativa do ser humano em reconhecê-las e utilizá-lo.

Esse movimento inclui não só a forma de usar e descartar os mais variáveis tipos de produtos consumidos, como, especialmente, a forma como usamos e descartamos os recursos naturais...

Ao banharmo-nos diariamente pensamos em qual é o rio que "passa" em nossas casas? Quanto tempo é necessário para realizar esse hábito tão corriqueiro das nossas rotinas? Até que ponto é sustentável usarmos a água por prazer, para além das necessidades de higiene? Conhecemos os processos infraestruturais que garantem o uso privado da água? De onde ela vem, para onde vai e a quem a negamos?

Podemos observar esse quadro específico de uma rotina urbana como um exemplo básico de fragilidade reflexiva, incipiência técnica e irresponsabilidade ambiental. Em síntese, a transposição do rio para uso privado requer uma estrutura de altos custos e que conta com uma rede de distribuição em que 60 % da água redirecionada é perdida pela ineficiência do processo, além do esgotamento sanitário, basicamente constituído por água, ser direcionado para o mar. Ou seja, água doce é literalmente jogada no mar e sem tratamento...

Nesse caso de deslocamento para centralidades urbanas do litoral brasileiro, onde se conta com uma relativa abundância de águas de chuva, por exemplo, a operação depende da construção de barreiras realizadas em regiões de clima semiárido, portanto, interferindo diretamente na dinâmica de comunidades que sofrem com a racionalização natural de recursos hídricos. Assim, não estamos falando apenas de desperdício de custos



operacionais, ineficiência projetual e insustentabilidade ambiental, mas, sobretudo, do uso antiético dos recursos.

Sabe-se que a mudança climática renderá um índice de precipitação muito drástico chegando a um ponto de 70 % de redução da oferta de água doce em algumas regiões, como o Nordeste brasileiro, num futuro próximo. Há décadas temos cometido essa injustiça hídrica que consiste em apenas um exemplo do grupo de ignorâncias sociais acumuladas e que tem repercussões nas micro e macro escalas e em grande abrangência (HARARI, 2020, p.08). Repercute em como se usa, no que e quanto se consome, nas tomadas de decisões políticas, nos políticos que elegemos, enfim, no que e como pensamos e agimos, que transformam nossos esforços em completamente insustentáveis e que levam a vida à precariedade.

Chegamos, pois, a um ponto muito distante de um mundo saudável, que não estamos em vistas de reverter a situação, mas de adiar, retardar o passo da insustentabilidade.

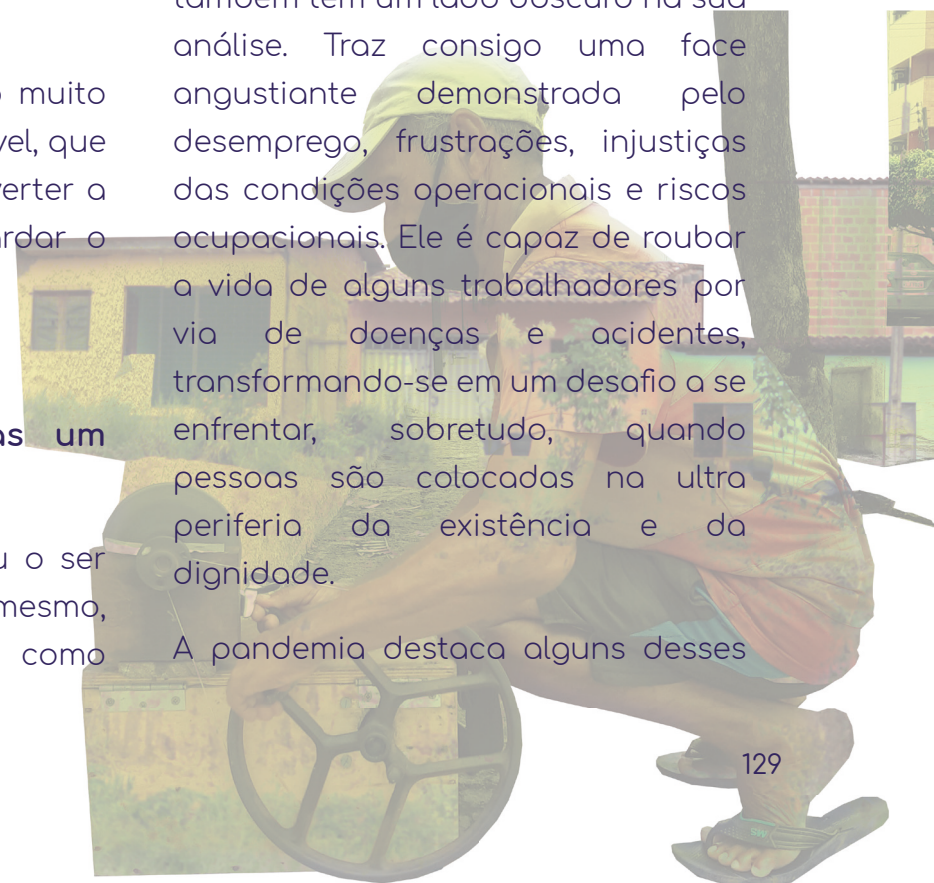
O homem não é apenas um recurso

Há tempos a Filosofia definiu o ser humano como um fim em si mesmo, portanto, não é um recurso como tantos outros existentes no planeta. Assim, parece um tanto insensível equiparar recursos naturais com os vulgarmente designados recursos humanos. Os recursos podem ser usados, as pessoas não!

É verdade que na linguagem empresarial atual o termo "gestão de recursos humanos" está profundamente enraizado, sendo pior ainda o termo "capital humano", mas a forma adequada de se pensar e aquilo que é necessário fazer é uma gestão mais humana dos recursos (GAULEJAC, 2007).

O trabalho tem uma importância essencial nas nossas vidas, na dinâmica e na dialética da cidade. Consiste em fonte de prazer, alegria e constrói identidades. A grande maioria da população mundial vive e sobrevive em razão desse fator (AREOSA, 2019). Contudo, o trabalho também tem um lado obscuro na sua análise. Traz consigo uma face angustiante demonstrada pelo desemprego, frustrações, injustiças das condições operacionais e riscos ocupacionais. Ele é capaz de roubar a vida de alguns trabalhadores por via de doenças e acidentes, transformando-se em um desafio a se enfrentar, sobretudo, quando pessoas são colocadas na ultra periferia da existência e da dignidade.

A pandemia destaca alguns desses



problemas, ressaltando inclusive a importância de muitas profissões que sofrem pela invisibilidade social, tais como, call centers, garis, cuidadores domiciliares, entre outras. Os últimos tempos demonstraram que todas elas em sua diversidade são importantes para estruturar a nossa qualidade de vida.

Nota-se aqui o contexto em que se insere o trabalho motivado e mediado por plataformas digitais, como o dos uberizados, um tipo de ofício executado há cerca de 10 anos e que ganhou evidência diante do aumento da demanda pelos serviços de entrega e drástica diminuição do tráfego urbano provocado pelas circunstâncias pandêmicas.

Com o destaque do ofício, destacou-se também uma série de problemas relativos à forma de organização desse tipo de trabalho classificado como prestação de serviço. Dentre eles situa-se a falta de acesso à legislação trabalhista ou a falta de cobertura dos riscos desses trabalhadores. Podem ser vistos, assim, como nômades urbanos os quais, diante da ausência de direitos trabalhistas, sobrevivem de um subemprego que implica, por consequência, na ausência de direito de cidadania. Configuram-se como subcidadãos dos quais foi amputada uma parte da dignidade humana (AREOSA, 2021).

Nesse sentido, há uma lógica política, econômica, social e simbólica que é preciso desmistificar. O discurso capitalista e neoliberal faz apologias aos trabalhos digitais, difundindo a definição de economia partilhada, colaborativa, de plataforma enxuta, etc. Os termos utilizados são múltiplos para camuflar aquilo que verdadeiramente motiva o Neoliberalismo: baixar os salários, aumentar a sujeição dos trabalhadores e ampliar as formas de exploração do trabalho. Esse sistema beneficia-se de uma determinada pobreza que caracteriza a sociedade contemporânea e da existência de um número enorme de desempregados que procuram qualquer tipo de trabalho, desesperadamente.

Tal situação faz com que os trabalhadores vinculados às plataformas digitais sofram de uma profunda desigualdade social, isentos de um vínculo laboral seguro. Eles não são demitidos, e sim, desativados, e sem nenhum aviso prévio. Estão sujeitos a diversas instabilidades geradas pelo comando de um algoritmo que pode ser considerado os antigos capatazes, os chefes da hierarquia.

Esses mecanismos das plataformas configuram-se como uma espécie de caixa preta por não estarem totalmente decifrados, uma vez que as empresas digitais não esclarecem a forma como o algoritmo funciona,

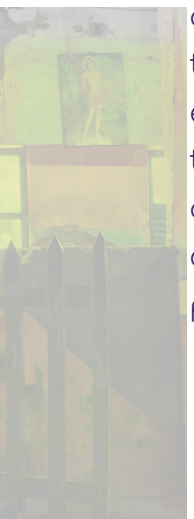
como ele distribui o trabalho, como aceita e cancela os pedidos, como pontua o serviço prestado, como contabiliza o tempo de trabalho. Aliás, esse sistema digital rompe a fronteira entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho. A jornada chega a vinte horas diárias, recebendo o trabalhador ainda incentivos para intensificar a produção, sem direito a férias e folgas, ganhando um valor de rendimento geralmente abaixo da média mínima estabelecida (AREOSA, 2021).

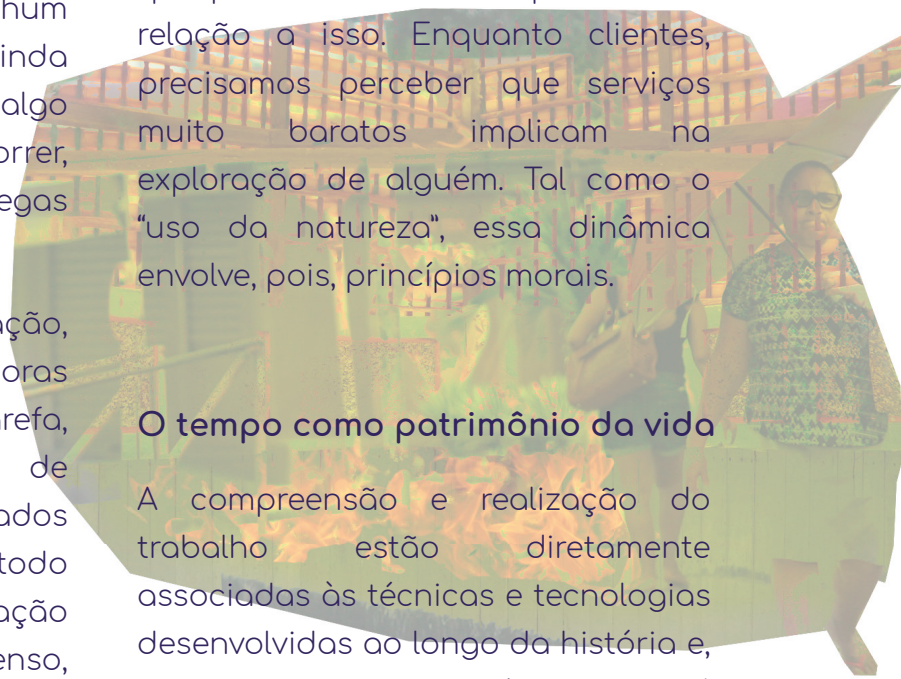
Esse cenário desconsidera avanços ocorridos no passado de lutas sangrentas para garantir a jornada de oito horas remuneradas de trabalho por dia. Significa um enorme retrocesso civilizacional à classe trabalhadora provocado por um sistema que não garante nenhum direito por parte da empresa e ainda pode ser penalizado se algo considerado improdutivo ocorrer, como número reduzido de entregas ou atrasos do serviço.

A punição com a não remuneração, mesmo podendo ficar horas disponíveis para executar a tarefa, desconsidera as condições de trabalho as quais os uberizados estão submetidos: exposição a todo tipo de intempéries; alta exploração do corpo, um esforço físico intenso, como pedalar mais de 80 km por dia, pois geralmente habitam nas periferias das cidades; acidentes de trânsito que podem ser fatais, sem o direito de nenhum tipo de assistência; são julgados pelos seus desempenhos, com base em avaliações arbitrárias, sem explicações; estão sujeitos a serem vítimas de insultos, assaltos e assédios, especialmente as trabalhadoras.

Essa dinâmica é apenas um exemplo do que o mundo contemporâneo se transformou: em um palco de sofrimento construído pelo Capitalismo Moderno, o qual pretende que os trabalhadores se transformem em "recursos" úteis, dóceis e produtivos.

Mas, apesar das plataformas serem hegemônicas, há sempre uma possibilidade de contra poder. Temos que pensar numa outra postura em relação a isso. Enquanto clientes, precisamos perceber que serviços muito baratos implicam na exploração de alguém. Tal como o "uso da natureza", essa dinâmica envolve, pois, princípios morais.





O tempo como patrimônio da vida

A compreensão e realização do trabalho estão diretamente associadas às técnicas e tecnologias desenvolvidas ao longo da história e, por isso, são um patrimônio imaterial da humanidade (HARARI, 2018). Mas

não são vistoa assim. Esse conhecimento é usurpado do coletivo por um grupo dominante de pessoas que almejam o lucro. Para alcançá-lo, é preciso produzir mais e, para tanto, é preciso mais tempo de trabalho. Se colocássemos as técnicas e tecnologias a favor do bem-estar do homem, o libertaríamos do tempo de trabalho e aumentaríamos o tempo livre para que todos pudessem viver de forma digna: menos tarefas de produção, mais direito à vida, mais integração social, mais dedicação ao que nos dá prazer (AREOSA, 2019).

Então, como já dito, o vírus que nos afeta é outro. É aquele que faz os interesses individuais se sobreporem aos interesses do coletivo, aquele que nos faz usufruir mal dos recursos, especialmente, os que são finitos: da natureza e do uso que o homem lhes dá.

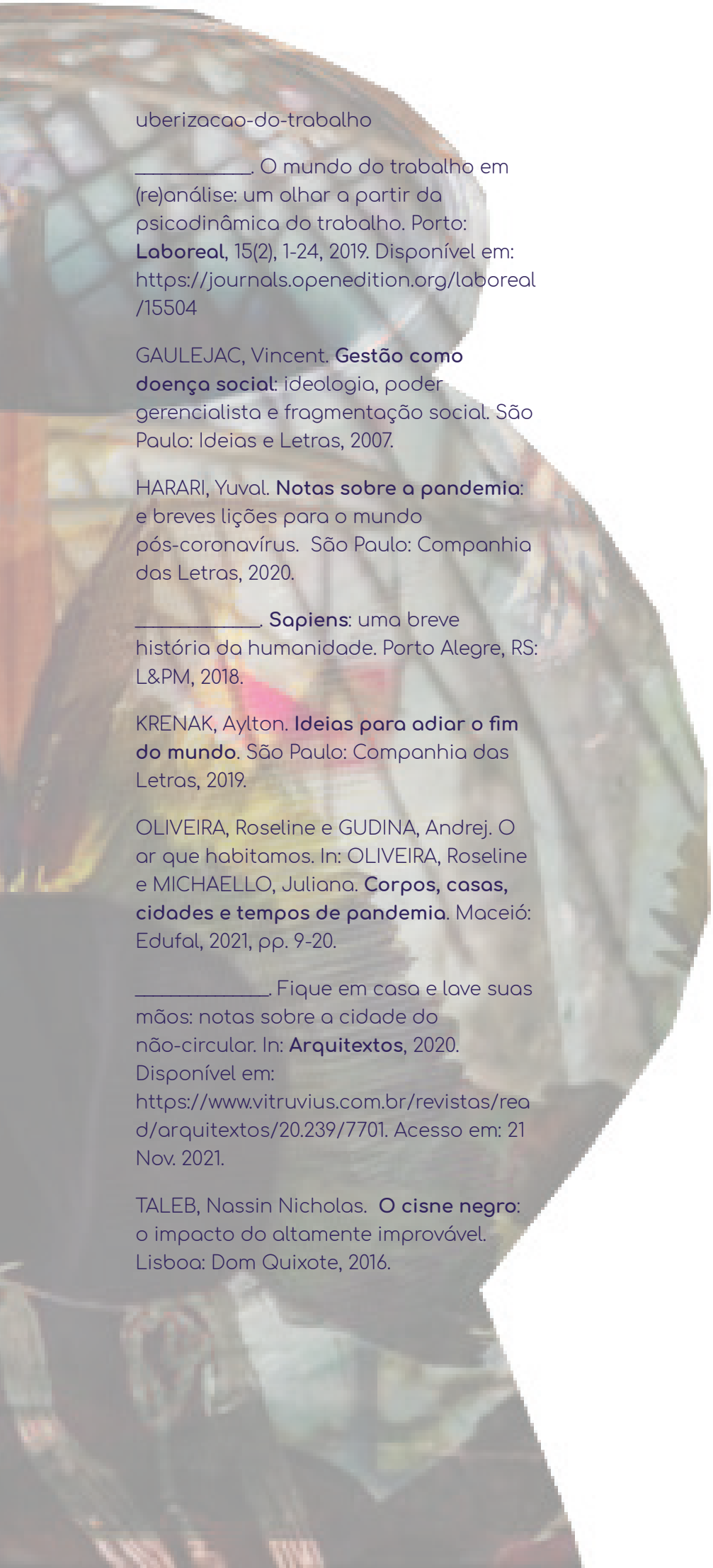
Não precisamos substituir ou descartar, precisamos não consumir, evitar a prática do desperdício e reaprender com a natureza das relações e com as relações com a natureza, as quais podem ser mais harmonizadas, mais integradas, talvez, menos distante da atmosfera indígena que tem os próprios elementos da natureza também como indivíduos (KRENAK, 2019).

Precisamos refletir, pois, sobre as motivações da nossa forma de pensar e agir e em suas consequências. Acerca do patrimônio, repensar o seu significado é reconsiderar as dimensões em que a vida acontece: no tempo e no espaço. Podemos entendê-las como um Bem basilar e incondicional da manutenção da vida e, assim, refletirmos sobre a forma que usamos e usufruímos do espaço, sobre a valorização da experiência e a qualidade da vivência.

E, a partir disso, constatar que o Tempo tem um movimento para frente, mas também vai para trás. Ele nos lega a possibilidade de uma perspectiva histórica, que permite a aprendizagem e nos alerta para a finitude das coisas. Então, percebemos que temos cada vez menos tempo para viver e para melhorar a forma de vivermos e nos relacionarmos, o que faz a sua preservação, e os meios de fazê-lo, cada vez mais necessária. Nesse aspecto, a urgência é, sobretudo, ética.

REFERÊNCIAS

AREOSA, João. O meu chefe é um algoritmo - Reflexões preliminares sobre a uberização do trabalho. Lisboa: **Revista Segurança Comportamental**, 14, 51-56, 2021. Disponível em: https://www.segurancacomportamental.com/revistas/item/839-o-meu-chefe-e-um-algoritmo-reflexoes-preliminares-sobre-a-



uberizacao-do-trabalho

_____. O mundo do trabalho em (re)análise: um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho. Porto: **Laboreal**, 15(2), 1-24, 2019. Disponível em: https://journals.openedition.org/laboreal/15504

GAULEJAC, Vincent. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

HARARI, Yuval. **Notas sobre a pandemia**: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

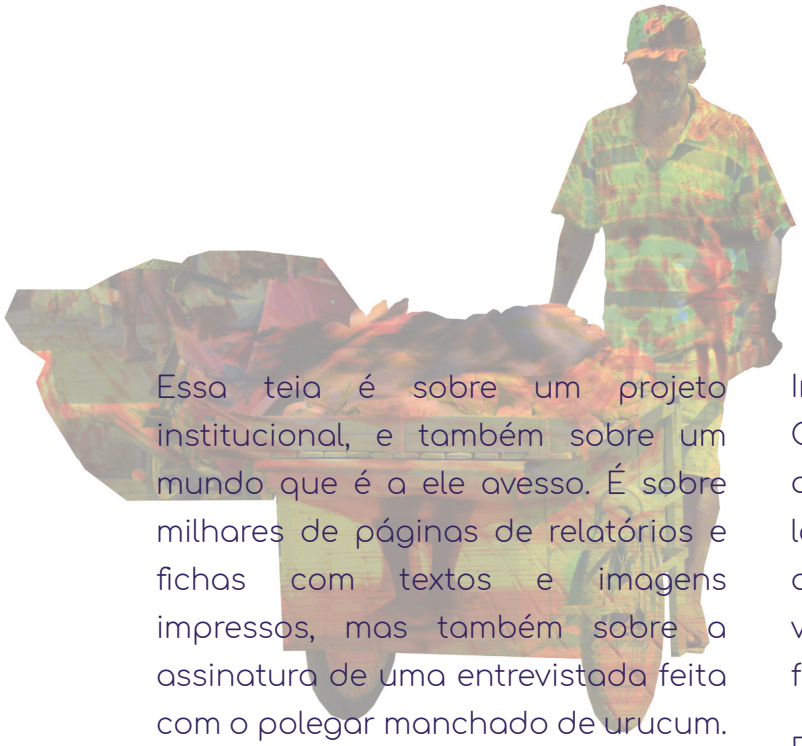
_____. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

KRENAK, Aylton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, Roseline e GUDINA, Andrej. O ar que habitamos. In: OLIVEIRA, Roseline e MICHAELLO, Juliana. **Corpos, casas, cidades e tempos de pandemia**. Maceió: Edufal, 2021, pp. 9-20.

_____. Fique em casa e lave suas mãos: notas sobre a cidade do não-circular. In: **Arquitextos**, 2020. Disponível em: https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.239/7701. Acesso em: 21 Nov. 2021.

TALEB, Nassin Nicholas. **O cisne negro**: o impacto do altamente improvável. Lisboa: Dom Quixote, 2016.



ECOS DA IMATERIALIDADE
Sete ressoares ainda em movimento

Louise Cerqueira
Josemary Ferrare
Juliana Michaello Dias

Essa teia é sobre um projeto institucional, e também sobre um mundo que é a ele avesso. É sobre milhares de páginas de relatórios e fichas com textos e imagens impressos, mas também sobre a assinatura de uma entrevistada feita com o polegar manchado de urucum. Sobre existências, memórias, ruínas, metamorfoses. Sobre lamentos, celebrações, sobrevivências. Mas, talvez, sobre o que foi se tornando e transformando em todos nós que tivemos contato com essa experiência.

Intitulada "Ecos da imaterialidade", a teia foi um reencontro com a vivência que três grupos de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas empreenderam ao atender um projeto demandado pelo Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas. Trata-se do "Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial de Alagoas", cujos principais trabalhos foram desenvolvidos entre 2015 e 2016, utilizando uma metodologia consolidada oficialmente - o Inventário Nacional de Referências Culturais - e que, apesar do acúmulo de experiências desde seu lançamento em 2000, foi aplicada, desta vez, em uma escala pioneira visto ter coberto todo uma unidade federativa.

Em resumo, a metodologia consiste em identificar referências culturais nos lugares onde é aplicada. Como o próprio manual do Iphan indica, isso implica em considerar as próprias comunidades como intérpretes da cultura e do patrimônio,

O trabalho envolveu visita a arquivos e consultorias, mas se conformou principalmente de registros primários coletados em pesquisas de campo.

Viajar. Ver. Abordar. Perguntar. Ouvir. Ver pela máquina fotográfica. Fotografar. Ouvir enquanto grava, perguntar enquanto vê. Tocar. Abaixar a câmera sem deixar de ver. Anotar ouvindo. Ver. Fotografar. Ouvir. Gravar. Anotar. Sorrir. Chorar. Mudar de entrevistado, de rosto, de casa, e ver, abordar, perguntar, ouvir, fotografar... E então ouvir, transcrever, escrever, e tudo de novo, porém diferente...

Não à toa, esse projeto foi descrito como "de fôlego", nas palavras da primeira palestrante, a professora Josemary Ferrare. De fato, sua extensão e cronograma foram desafiadores para as três equipes, que tiveram que concentrar o trabalho de campo em um período de apenas um ano. O território do estado deveria ser todo abarcado, de forma que os 102 municípios fossem contemplados pelo rastreamento cultural.

Assim, o sítio 01 compôs-se do agreste, zona leiteira e sertão, cujas pesquisas foram lideradas pela professora Juliana Dias com seu grupo Nordestanças. O sítio 02 foi encabeçado pela professora Maria Angélica da Silva e por mim, e compreendeu o litoral, zona da mata e a margem do Rio São Francisco. Por fim, o sítio 03 englobava toda a zona metropolitana da capital do estado, coordenado pela professora Josemary Ferrare, do grupo Representações do Lugar - Relu.

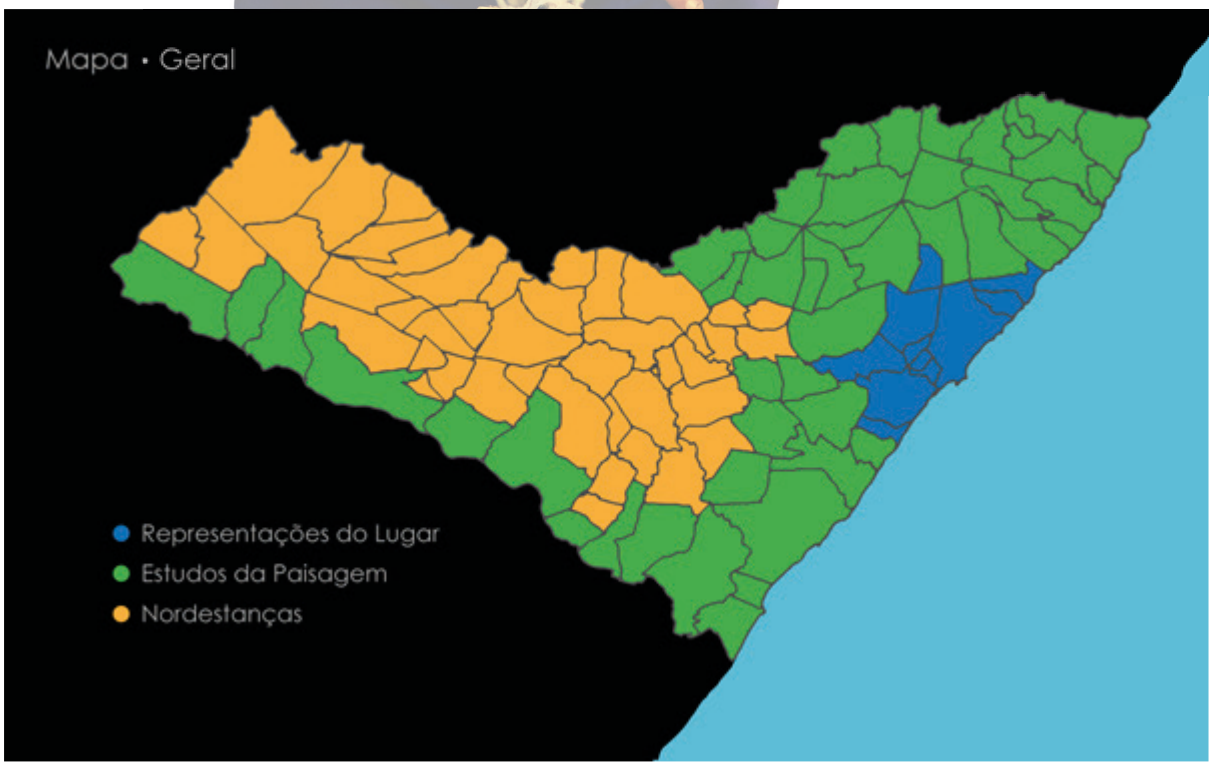


Figura 01: mapa de Alagoas e sua divisão de sítios entre os 3 grupos de pesquisa.
Fonte: acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. 2015.

Cada viagem gerava um alto número de registros audiovisuais, centenas de páginas de transcrições e relatórios, numa profusão emendada com uma nova viagem. E assim, de modo intenso, por cerca de um ano, as equipes vivenciaram um aprendizado privilegiado sobre tantas formas de existir e resistir em Alagoas, acessando memórias, destrezas, valores e sentimentos os mais diversos possíveis, marcando os pesquisadores de forma singular.

Quando este congresso aconteceu, porém, já havia se passado aproximadamente 5 anos de quando da execução do projeto. E, enquanto as duas primeiras palestras da teia - sobre o sítio 03 e o sítio 02, respectivamente - mergulharam e apresentaram conteúdos sobre o espírito, os anseios, a postura e os achados vinculados ao projeto, a última trouxe um caráter de retrospecção mais reflexivo. Motivada de forma emocional pela narrativa da última palestrante, professora Juliana Dias, abordarei nesse texto os sete ecos que retumbaram na observação de seu grupo, e o faço embalada pela ideia de que a profundeza de sua fala tratou de repercussões que reverberaram nas três equipes que trabalharam, ainda que com particularidades e intensidades distintas.

Decerto, não podemos falar pelo outro. Mas podemos trazer o outro para nossa fala, estendendo a voz do outro ao transmitir suas ideias em nosso timbre, tomando emprestado o dizer do outro e repeti-lo, fragmentando e anexando, isolando e contextualizando... Reformulações em vez de reproduções, é bem verdade. Mas é nesse ressoar que reinventamos, ao mesmo tempo, o lugar do outro em nós e nosso lugar no mundo. Nossos juízos de valor, nossos pressupostos, sempre dados como certos e inquestionáveis, são tensionados nesse pout-pourri coletivo, que se cala, por vezes subitamente, quando uma fala, tão certeira, demanda silêncio para que processemos, internamente, ecos menos lexicais que emotivos.

Assim foi a fala final da teia, com a professora Juliana Dias. Iniciada com um minuto de silêncio, sua sensibilidade, sempre presente, parecia aflorada por um momento delicado, conduzido com uma doçura reflexiva. Sua palestra foi estruturada em sete ecos, os quais foram destrinchados a partir de um vídeo e que discorro aqui, por terem sumarizado, de forma elegante e honesta, muitas das angústias e inquietações mencionadas pelos dois outros grupos.

O primeiro eco tratou-se das reverberações que o inventário provocou dentro da própria universidade, de um olhar sensível para a questão da produção popular,

para as arquiteturas não reconhecidas como tal, para o diálogo com o outro. Isso pode ser notado a partir de trabalhos individuais de pesquisa, de conclusão de curso, dissertações e teses. Apenas como forma de pincelar superficialmente essa produção, a própria que vos escreve esse texto defendeu, em 2020, um trabalho de doutorado construído a partir das feiras livres em registros principalmente imagéticos que foram levantados durante o projeto, sendo que o recorte visual surgiu na elaboração de outra ação do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem derivada do projeto, um evento de divulgação denominado É Dubangüê, que trouxe imagens, vídeos e informações sobre paisagens, práticas e pessoas que encontramos durante o INRC. Ocupando a Casa do Patrimônio e a rua principal do bairro histórico Jaraguá, o evento, uma mescla de exposição, mostra e feira, serviu de base para outra exposição realizada durante a 9ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas, intitulada Tabaêtê: Desvelando Brasis, quando o grupo pôde contrapor essa produção contemporânea e popular com a erudita do período colonial, criando sinfonias em ecos próximos e distantes e amadurecendo sua produção científica.

Pelo menos três projetos de pesquisa sobre as feiras livres foram ainda desenvolvidos pelo Nordestanças, resultando no incremento de dezessete novas orientações de trabalhos individuais pela prof. Juliana Dias nessa temática após o INRC. Atualmente continuam este caminho desenvolvendo o projeto "Feiras populares: territórios do persistir".

Soma-se a esses desdobramentos, as ações mencionadas encabeçadas pelo Grupo de Pesquisa Relu, ao citar atividades como o projeto de pesquisa "O patrimônio cultural imaterial do litoral norte de Maceió: Pesquisa e sistematização do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)" e o "Design gráfico para educação patrimonial: desenvolvimento do Atlas Cultural de Alagoas Volume 01/03 - Capital". Especial ênfase foi dada aos projetos de extensão "Moacirzinho e a turma do guerreirinho - Tatipirun: educação patrimonial para o Arquivo Público de Alagoas" e "Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore: a casa da turma do guerreirinho", os quais têm aumentado a visibilidade do universo cultural para o público infantil a partir da criação de personagens, material didático e participação em eventos com oficinas.

Exercitar a escuta foi o segundo eco listado. Eco esse já se fazendo mais presente nas produções

mencionadas anteriormente, de modo que as pessoas passam a ser fonte privilegiada de pesquisa. Fonte não só de dados e informações, mas de pensamentos, ideias, sentimentos, interpretações.

Para alcançar a escuta, precisamos interagir em momentos nem sempre apropriados para os entrevistados. Trata-se então do que a professora Josemary Ferrare comentou sobre buscar deixá-los à vontade para conversar sem que a presença dos entrevistadores atrapalhassem a sua rotina. "Eu dou entrevista mas só se eu continuar sentado aqui" ou "Eu fico falando enquanto eu estou dispinicando, pode ser? Porque eu não posso parar, tenho tantas latas para dispinicar" foram falas mencionadas pela professora também recorrentes no sítio 02, em que entrevistas foram realizadas enquanto a artesã produzia suas rendas, o pescador costurava sua rede, o feirante vendia e a benzendeira recebia visitantes em busca de suas rezas.

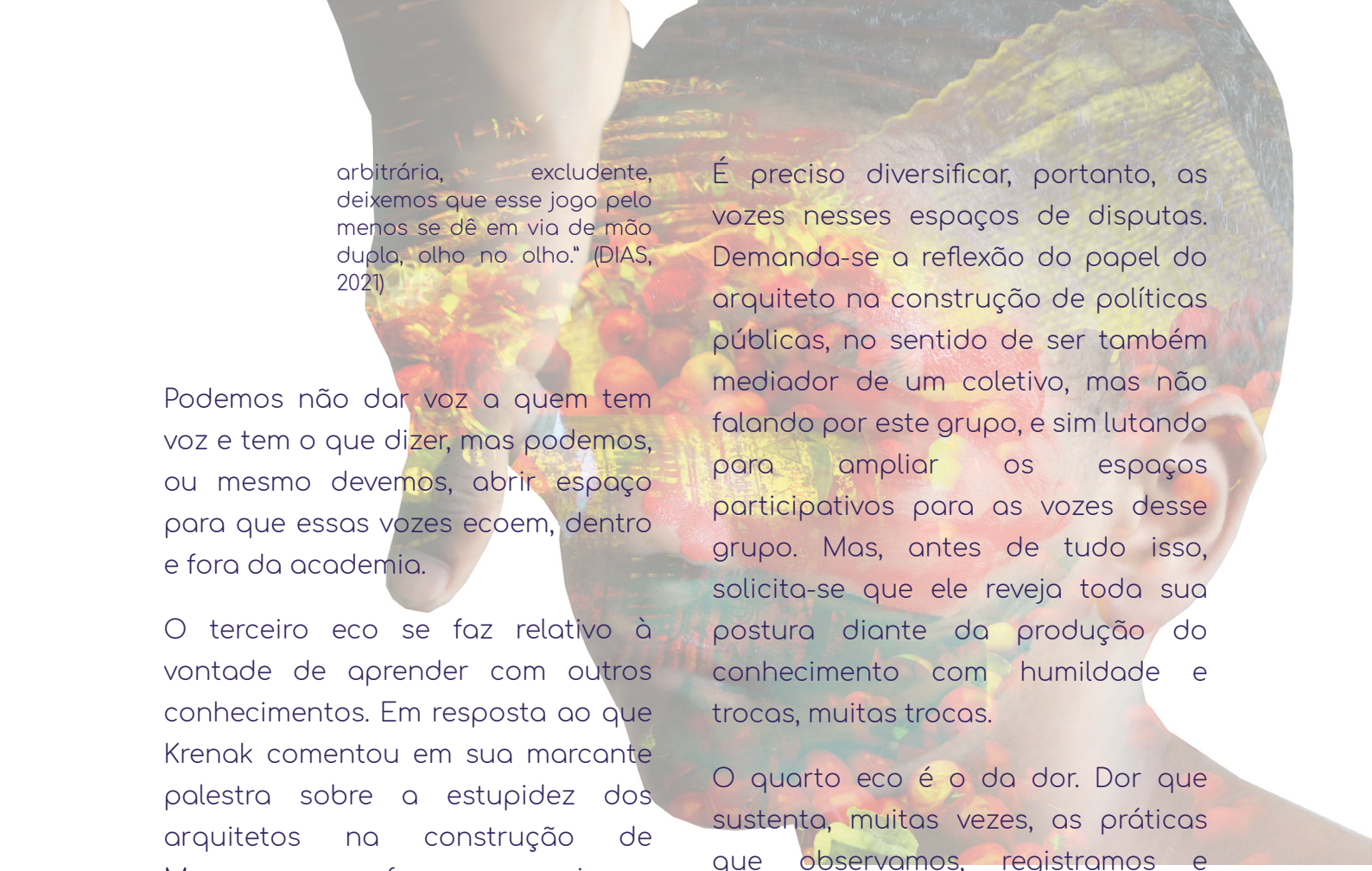
Nas falas vinham descrições sobre as práticas, mas também sobre suas vidas, seus lamentos, seus afetos... A vida com toda sua intensidade foi, muitas vezes, relatada com emoção. Era preciso, portanto, estar atento com toda a atenção possível.

Juliana Dias mencionou Grada Kilomba por abordar a relação entre o silêncio e a voz, realçando como a escuta é importante. Pois não damos, pretensiosamente, voz aos outros: essas vozes já existem. "Fazer a lentidão acontecer, estabelecer relações", pois, a despeito da profusão e velocidade do projeto "ele também foi um exercício da criação de vínculos, de olho no olho, e de principalmente entender que quando nós vemos, escutamos, tocamos, pisamos, sentimos, nós também somos vistos, escutados, tocados, etc." (DIAS, 2021).[1]

Assim, podemos sempre entender esse processo como reflexivo, questionando nossos próprios fundamentos e orientações na forma com a qual olhamos, ouvimos, registramos e classificamos esse outro.

> "Esse projeto não trata só de ouvir, ver, registrar esse outro, que ao longo da história cultural desse país foi o executado inúmeras vezes. Registrar. Catalogar. Classificar. Analisar. Mas, e talvez principalmente, de nos ouvir, ouvindo esse outro. Nos ver, vendo esse outro. Nos registrar, registrando esse outro. Ou, talvez, mais ainda, nos permitir ver sendo vistos pelo olhar desse outro. Nos permitir nos ouvir ao sermos interpelados pela fala desse outro. Permitir, enfim, nos deixar catalogar e classificar pelo sistema de valores que ordena a lógica desse outro. Visto que toda tentativa de classificação já seria

[1] Informações retiradas da transcrição da Teia INRC.



> arbitrária, excludente, deixemos que esse jogo pelo menos se dê em via de mão dupla, olho no olho." (DIAS, 2021)

Podemos não dar voz a quem tem voz e tem o que dizer, mas podemos, ou mesmo devemos, abrir espaço para que essas vozes ecoem, dentro e fora da academia.

O terceiro eco se faz relativo à vontade de aprender com outros conhecimentos. Em resposta ao que Krenak comentou em sua marcante palestra sobre a estupidez dos arquitetos na construção de Manaus, a professora mencionou qual teria sido sua réplica: "Nós somos excessivamente arrogantes, nós somos excessivamente... nos posicionamos frequentemente no lugar daquele que detém o conhecimento, até mesmo o conhecimento do outro e sobre o outro". Esse eco trata, portanto, do espaço de poder do conhecimento. Lugar de domínio, em que ecos coloniais ainda se fazem presentes, hierarquizando saberes maiores e saberes menores por critério de importância, e ainda contagiado pelas ordens que fundaram as ciências a partir da isenção e do isolamento do intelecto em relação ao sensível, como diversos pensadores apontaram Flusser (2014), Didi-Huberman (2018) e Morin (2005).

É preciso diversificar, portanto, as vozes nesses espaços de disputas. Demanda-se a reflexão do papel do arquiteto na construção de políticas públicas, no sentido de ser também mediador de um coletivo, mas não falando por este grupo, e sim lutando para ampliar os espaços participativos para as vozes desse grupo. Mas, antes de tudo isso, solicita-se que ele reveja toda sua postura diante da produção do conhecimento com humildade e trocas, muitas trocas.

O quarto eco é o da dor. Dor que sustenta, muitas vezes, as práticas que observamos, registramos e estetizamos.

> "Por mais belezas, delicadezas, gentilezas, por mais efeitos estéticos e plásticos que nossos olhos, nossos ouvidos nossos corpos, nosso paladar, nosso olfato, tenham percebido no percorrer desses espaços, nós também vimos espaços e relações patrimoniais que revelam e sedimentam dores." (DIAS, 2021)

Calos, cortes, quedas, friagem, picadas de animais, cansaços musculares e todo tipo de sequelas e doenças são desenvolvidas pelos excessos realizados para conquistar, muitas vezes, apenas o mínimo de subsistência. Falamos da...

> "dor de pessoas, que têm lidas duras, que têm dores, que morrem aos 50 anos, quando vivem muito. A média, a expectativa de vida das

pessoas no sertão de Alagoas é quase a metade da média geral. Pessoas morrem aos 30 anos de infarto. Essa dor precisa ser pensada, esses ofícios, eles precisam ser registrados, mas a gente precisa também entender que eles causam dores, que eles ferem, que eles sobrecarregam os corpos." (DIAS. 2021)

E nesses quadros, podemos ler algumas estruturas de opressão econômica, social, cultural de exploração, preconceito, exclusão. Territórios invisibilizados, cujas políticas públicas não auxiliam a alcançar a dignidade de uma vida plena. Mas também envolve olhar a si e ao outro não só a partir da estrutura de opressão em que se encerram, mas também da opressão que se transmite a outros seres em certas circunstâncias, como os animais.

"Essa dor se expressa principalmente, de forma mais evidente, nos animais, quando a gente pensa que enquanto a gente estava produzindo esse inventário, a Assembleia Legislativa de Alagoas queria aprovar a vaquejada como Patrimônio Cultural do Estado, sendo que a vaquejada é referência cultural, mas é uma atividade onde a violência contra o animal é excessiva e deve, portanto, ser banida. Nem tudo que nós referenciamos culturalmente deve permanecer. A dor, pelo menos, não." (DIAS, 2021)

Decerto, essa relação é tão próxima que, em muitos casos, não se percebe a violência. O mesmo vaqueiro que corre a vaquejada, lida com os animais de modo tão íntimo como muitos de nós que nos sensibilizamos com a violência, não o fazemos. Todavia, isso não torna a crítica menos pertinente, e apenas aprofunda o conflito e a complexidade que é pensar o patrimônio quando confrontado pela dor. Nesse caso, dor de seres que não podem expressar sua voz através de palavras, mas para o qual podemos também exercitar a escuta e o olhar sensível.

O quarto eco busca afugentar o quinto, não raras vezes sem sucesso. Este é o eco da fome. Infelizmente, um inventário cultural em Alagoas revela essa ferida social com frequência indesejada. Como relembra a professora Juliana, pensar o patrimônio vivo, como proposto na gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura durante o governo Lula, é compartilhar o protagonismo do bem cultural com o ser humano que a ele dá vida e sentido. E isso desloca o foco para onde, com quem essa referência vive, ou seja, para a sua dimensão ativa, corporal, de ação, e que, com isso, constrói também a sua subjetividade, como nos lembra o antropólogo José Reginaldo Gonçalves.

> "Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para "agir" e não somente para se "comunicar". O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: ele é bom para agir. [...] Ele, de certo modo, constrói, forma as pessoas." (GONÇALVES, 2007 p. 114).

E a "dimensão fisiológica" também apontada pelo pesquisador demanda muito do corpo, como mencionado no eco anterior. E esses corpos, essas pessoas, precisam comer e alimentar suas famílias. Falamos, aqui, de remunerações como um real, um real e cinquenta centavos, para subir em cada pé da coqueiro, mesmo os mais altos. Ou de quarenta reais para trabalhar um turno inteiro com carrego do carro de boi, "sofrendo o boi e o carreiro". Por trás das destrezas, dos cantos de trabalho, das relações sociais e simbólicas, a precariedade se faz presente. Se faz, muitas vezes, como o próprio combustível de certas práticas, que naturalmente devem se transformar com a melhoria desejada na qualidade de vida dessas comunidades. Então, coloca-se sob xeque o que queremos, de fato, preservar no patrimônio, e como. Por isso...

> "[...] nós temos que pensar com muita seriedade sobre a dimensão do patrimônio imaterial. A gente tem que pensar que não podemos simplesmente olhar a beleza deles, mas entender que são pessoas de carne e osso, vidas, histórias, biografias, amores, famílias, e que também sentem dor e fome." (DIAS)

O penúltimo eco é o da natureza de arquivo que boa parte do projeto se transformou. Milhares de páginas encadernadas em acervos físicos ou pouco acessíveis em repositórios digitais. E o maior desafio, mais que publicizar os resultados de pesquisa, deveria ser o de utilizar esse conhecimento para aprimorar e efetivar políticas públicas que pudessem, de fato, alcançar essas pessoas e viabilizar as práticas que dão sentido às suas vidas. Se respondemos à dissolução de fronteiras da vivência de campo engavetando milhares de fichas, precisamos repensar, então, nossas formas de atuação, alternativas possíveis para impactos reais, e isso demanda articulações para além da esfera acadêmica:

> "é necessário e preciso que nós também cobremos que reverberações atinjam todos os estágios envolvidos nesse processo. E aí eu incluo todas as instâncias do governo desse país, que extinguiu, entre a finalização desse projeto, e hoje, o Ministério da Cultura, e quase extinguiu o Iphan." (DIAS, 2021)

Nesse impulso de pensar as mediações políticas sem as quais as mudanças que podemos propor são

reduzidas, abordou-se o sétimo e último eco. O eco da vida. Trago este apenas em suas palavras e com elas concluo este breve artigo, certa de que o ponto final dessa citação esconde seus ecos em forma de reticências...

> "[...] o eco que diz que o genocida mata, mas nós fazemos viver. E é com isso, com essa esperança, com essa dança, com esse retorno à dança indígena da terra, que o nosso vídeo fecha, pra gente não se sentir sem esperanças, mas pelo contrário, a gente sentir que a gente faz parte da teia de vida que foi tecida nesse projeto, compromissados com ela e sempre capazes de tecer junto com a abelha, a aranha, as teias que vão dar continuidade a esse projeto." (DIAS, 2021)

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas, ou o gaio saber inquieto. **O olho da História III**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

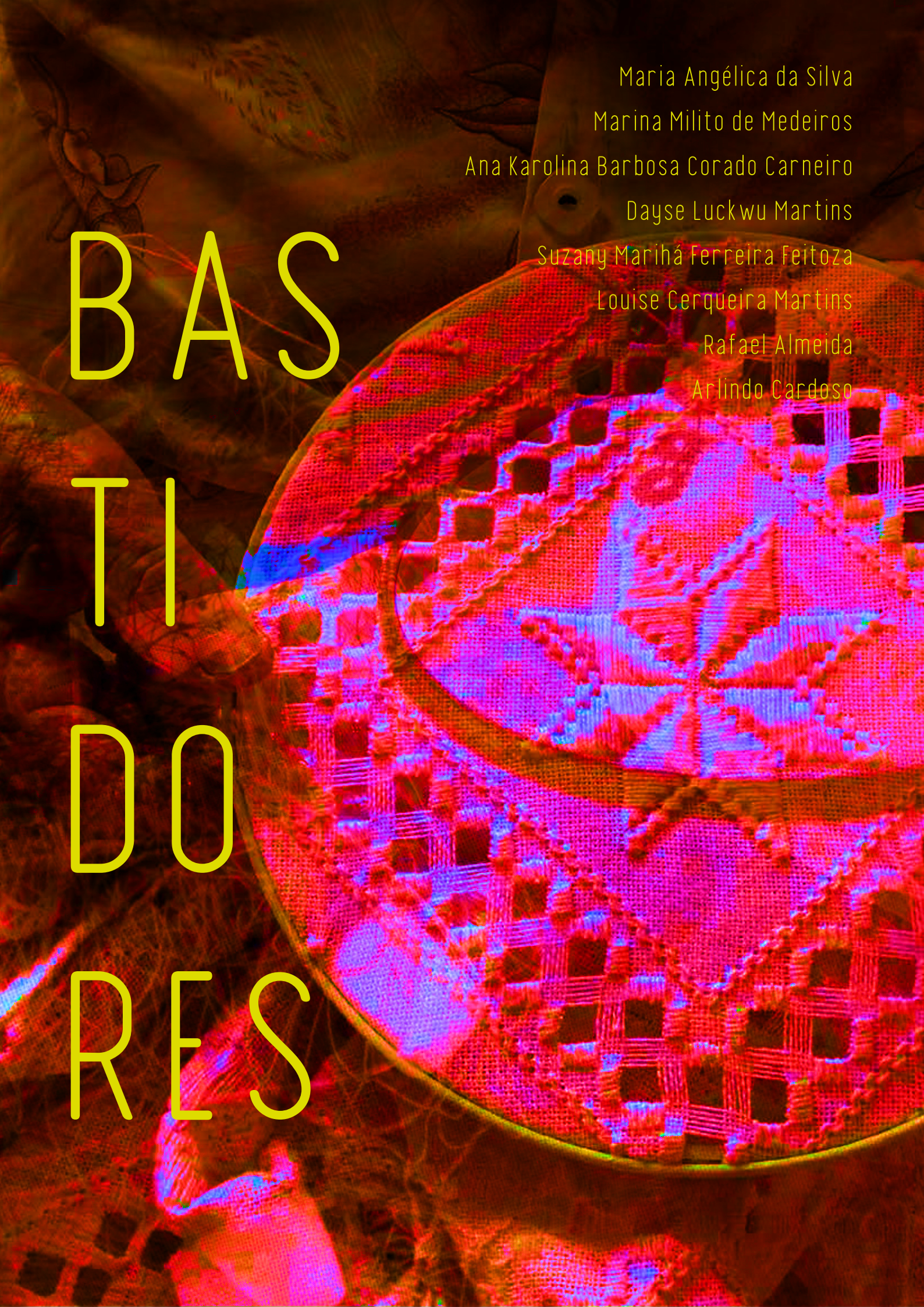
FLUSSER, Vílem. **Gestos**. São Paulo: Anablume, 2014.

GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

_____.Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. **Coleção Museu, Memória e Cidadania**. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

IPHAN: **Inventário nacional de referências culturais**: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.



BASTIDORES

Maria Angélica da Silva
Marina Milito de Medeiros
Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro
Dayse Luckwu Martins
Suzany Marihá Ferreira Feitoza
Louise Cerqueira Martins
Rafael Almeida
Arlindo Cardoso

Maria Angélica da Silva

Eventos, incluindo os acadêmicos, guardam nos seus bastidores uma série de fatos que podem se tornar interessantes de se visibilizar no sentido não só de trazer informações e transparência aos atos universitários, mas também por possibilitar o compartilhar de toda uma rede de decisões, de expectativas e desejos, que por vezes se concretizam, e se tornam visíveis ao público, mas que por vezes não. E ficam assim, internos a quem se moveu na sua produção. No caso do Nós, revelam uma busca por construir um primeiro evento internacional nascido dentro da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL que se fizesse em sintonia com as práticas internas ao Programa e ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, diretamente responsável pela organização do mesmo.

De convites a Gilberto Gil e ao recente ganhador do Prêmio Pritzker de Arquitetura, Francis Kéré, e outros importantes atores do mundo cultural, que não puderam ser acolhidos para fazer parte do repertório de palestrantes, mas que foram sendo aceitos por personalidades fundamentais nas discussões sobre os rumos da contemporaneidade como Ailton Krenak, fomos montando o quadro de referência do evento, que também para a nossa alegria, contou com Dona Angelita e dona Zeza do Coco, para trazer, em voz e o gesto, a sabedoria da cultura profunda deste país.

Nesta seção, portanto, iremos trafegar por vários aspectos do congresso que demonstram a vontade de concebê-lo espelhado no silenciamento, palavra chave do evento, e que desta forma, dentro das várias concepções que esta palavra traz, faz sobressair o Nordeste, a Ancestralidade, a Experiência, o Cotidiano, a Periferia, o Com-partilhamento, o Afeto.

Abordaremos as discussões e impasses de como formatar o evento, a exemplo das tensões postas pela mudança de um formato presencial para um virtual e possíveis saídas para manter a ideia de uma participação mais efetiva do público; as condições de convite e organização dos comitês; as razões por trás da criação da identidade visual e das performances de divulgação digital, como se deu o ordenamento dos grupos temáticos e outros aspectos da logística interna acionados para a efetiva produção do evento.

Seguem então alguns registros dos bastidores do Congresso

Marina Milito de Medeiros

As derivas são uma constante no trabalho do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, sob inspiração dos situacionistas, mas revistas no sentido de se tornarem mais afáveis aos cotidianos e mais aderentes a uma condição autoral de pesquisa. Sendo assim, nossa primeira proposta para o Nós - I Congresso Internacional de Estudos da Paisagem - era acionar esse método de pesquisa em um modelo em que o evento não se daria apenas na universidade, em espaços culturais ou em salas cercadas por quatro paredes. Visitar os lugares, descobrir seus cheiros e mistérios, deixar que a própria experiência no espaço revelasse o caminho a ser traçado, seriam ações que pensamos em compartilhar, fazendo da cidade de Maceió o verdadeiro auditório do evento. A ideia era que pudéssemos vivenciar patrimônios locais "silenciados" ou "esquecidos" através do calor e da potência da relação corpo a corpo.

Mas, e quando o encontro presencial não é mais possível visto a chegada da condição pandêmica? Como propiciar uma experiência próxima à deriva? Seria possível uma deriva virtual? Como estimular as trocas entre os participantes e a produção coletiva de conhecimento? Assim, novas estratégias foram criadas.

O que denominamos patrimônios locais foram aos poucos se apresentando através de redes sociais e, em um segundo momento, chegaram em formato de correspondência na casa dos participantes, que puderam acessá-los através de imagens impressas e QR codes que os direcionaram para áudios e vídeos. As trocas online foram iniciadas antes mesmo do evento começar, quando convidamos os participantes dos GTs a definirem juntos o nome do seu Grupo de Trabalho - momento em que os pesquisadores puderam conhecer um pouco seus pares e seus respectivos trabalhos no desafio de chegar a um nome comum que contemplasse a todos.

Por fim, realizamos três produções audiovisuais para aproximar um pouco mais os participantes dos patrimônios alagoanos, foram elas a gravação de uma bênção com dona Angelita benzedeira para abrir os caminhos do encontro, uma videoarte que buscou apresentar de maneira poética o vasto acervo audiovisual do Grupo Pesquisa acerca dos patrimônios estaduais e, para finalizar o evento, gravamos um show com a banda maceioense Tequilla Bomb - que mistura música eletrônica com ritmos alagoanos e outras sonoridades latinas, cuja filmagem se deu no prédio modernista da antiga reitoria da UFAL.

A ausência dos corpos, cheiros e sabores não pôde ser suprida, mas os recursos utilizados pareceram diminuir a distância física e proporcionaram, ao menos, um pouco de calor humano através das janelas digitais.

Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro

O nome Nós surgiu de um sentido coletivo e na ênfase na criação de elos., entrelaçar vários lugares e pessoas.

E, portanto, caberia adotar um nome que tivesse vários sentidos, que fosse capaz de abrir várias frentes e ideias. Assim, o nome Nós surgiu da ideia de uma noite de silêncio no convento, um dos programas arquitetônicos estudados pelo Grupo e que nos ofereceu, durante as pesquisas, uma condição interiorizada de contemplação e de reflexão sobre o mundo. Foram chegando, porém, outros silêncios, como o da paisagem e o das manifestações populares, por exemplo. Pois o silêncio também é o Nó que possibilita pensar, que permite dialogar em uma outra frequência, mas, que também funciona como forma de calar. A ideia foi, assim, o atar e uma ruptura de nós e ideias.

E daí viria um outro sentido que é o nós enquanto pronome, um grupo amplo, que não tem limite inclusive de área de formação, buscando, como o PPGAU FAU/UFAL, abarcar uma versão interdisciplinar das suas discussões.

Para que a ideia tecesse forma, desfiamos sua imagem de objeto final. Em conjunto, utilizamos as questões como agulhas, torcemos nossas próprias perspectivas, esgarçamos a feitura de um nó físico, que unisse todas as letras como num bordado contínuo.

Passo a passo, o nó não se inicia como nó, mas é o **PROCESSO**, o **MOVIMENTO** e o **AGIR** que o transforma. Muito além da rigidez que comumente o representa, ele é o que lhe antecede, e, também, o momento seguinte, quando torna a ser trama (de pessoas, de coisas, de ideias...).

Afeito a acolher as diferenças, os reflexos, os opostos, e se fazer deles, os nós incorporam o movimento, a transformação e a versatilidade, e por isso, sua identidade se fez como uma continuidade descontínua, que em sua própria forma possibilita tornar-se diferente e múltiplo.

Alcança em seus cruzamentos uma maneira de tornar-se outro.

A identidade visual representa seu início opondo-se ao seu fim, e seu fim disposto a dar continuidade... Como teria que ser, sua interlocução não se findou na identidade visual, mas extrapolou por meio das mídias sociais e digitais, pôsteres e cartões postais, teasers, palestras, Teias, Grupos de Trabalho, apresentação cultural, benção e o próprio evento, em distintas formas de escutar os Patrimônios em Silêncio,

de perceber suas subjetividades, de compreender e

produzir seus significados.

Dayse Luckwu Martins

Percorrer caminhos diversos. buscar olhares distintos, compartilhar saberes – acadêmicos e não acadêmicos – conectar e possibilitar trocas permearam as discussões sobre como montar o corpo de palestrantes e da comissão científica para o evento que refletisse a identidade do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Se a possibilidade do encontro físico se esgarçou com a pandemia, a conectividade permitiu, em tempo real, a participação de um palestrante morador de uma aldeia indígena do povo Krenak como Ailton, assim como de uma professora da universidade de Havard, Sara Zewde, e de outras fronteiras, próximas e longe das Alagoas. Mesmo entre nós, os membros da comissão organizadora, oscilavam por vezes não só entre a ligação entre as telas instaladas nas nossas casas, mas entre fronteiras estaduais e nacionais dos nossos endereços...

Descosturar os nós das barreiras físicas, e também conceituais, apresentou-se como um desejo para que se pudesse depois, trançar outros nós, trazendo para dentro o que estava na periferia e no centro. O que estava longe e perto. Esse pensamento norteou a sugestão e escolha dos nomes convidados a compor o evento.

Perfis diversos foram acessados, músicos, paleontólogos, biólogos, arquitetos e urbanistas, psicoterapeutas, filósofos. Interessava-nos como colocar em diálogo os patrimônios silenciados, presentes, ausentes, sob configurações diversificadas que representaram a construção de uma trama. Assim, fio a fio, foi se costurando a identidade do corpo de palestrantes e da comissão científica contribuindo com forma e identidade ao evento.

Suzany Marihá Ferreira Feitoza

Aprender com as cidades, com encontros, afetando e deixando-se afetar. Essa é uma das abordagens metodológicas consolidadas dentro do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Mas quando ao corpo é imposto o afastamento de outros corpos, das cidades? Esse questionamento assumiu especial significado no âmbito dos estudos urbanos no contexto da pandemia de Covid-19 e, por consequência, nos debates e nas experiências realizadas enquanto grupo.

Resultados dessas discussões foram os rebatimentos na construção do congresso, que na tentativa de uma maior aproximação se lançou em outros sentidos do encontro diante do digital. Na impossibilidade do toque, do olho no olho, das trocas presentes nas relações humanas, buscamos incitar os participantes a refletirem sobre outras formas de interação e apreensão das cidades no mundo contemporâneo.

Uma das estratégias adotadas foi o retomar de uma antiga forma de mostrar afeto: o envio de um cartão postal e um pôster. Assim, acionou-se um mecanismo que não ficou de todo parado durante a pandemia, mas pelo contrário, aumentou a sua performance de ação: os correios. Este, junto com outras formas de delivery, nos propiciou a possibilidade através da qual convidamos os participantes a uma errância digital em nossas terras alagadas, apresentando fragmentos de territórios e patrimônios em silêncio que desvelam outras Alagoas, outras Maceiós. Aqui, as errâncias puderam ser realizadas através de hiperlinks que conectaram mapas, imagens, vídeos e falas, apresentando alternativas para explorar a cidade que inicialmente acolheria estes remetentes,
mesmo agora através do
corpo confinado.

Louise Cerqueira Martins

Tínhamos, o desafio de pensar a distribuição das apresentações dos autores, e como elas se encaixariam na programação com as palestras, as teias e as pequenas experiências que muito queríamos proporcionar, ainda que fossem pela luz azul das telas.

O nó cego, como erva-daninha, tomou conta do nosso espírito organizador, e reivindicamos o desarranjo, o desmanchar daquilo que se apresentava para nós tão discernível. Decidiu-se, portanto, em vez de manter os nós iniciais e subdividi-los em sessões temáticas sequenciais, misturar os artigos.

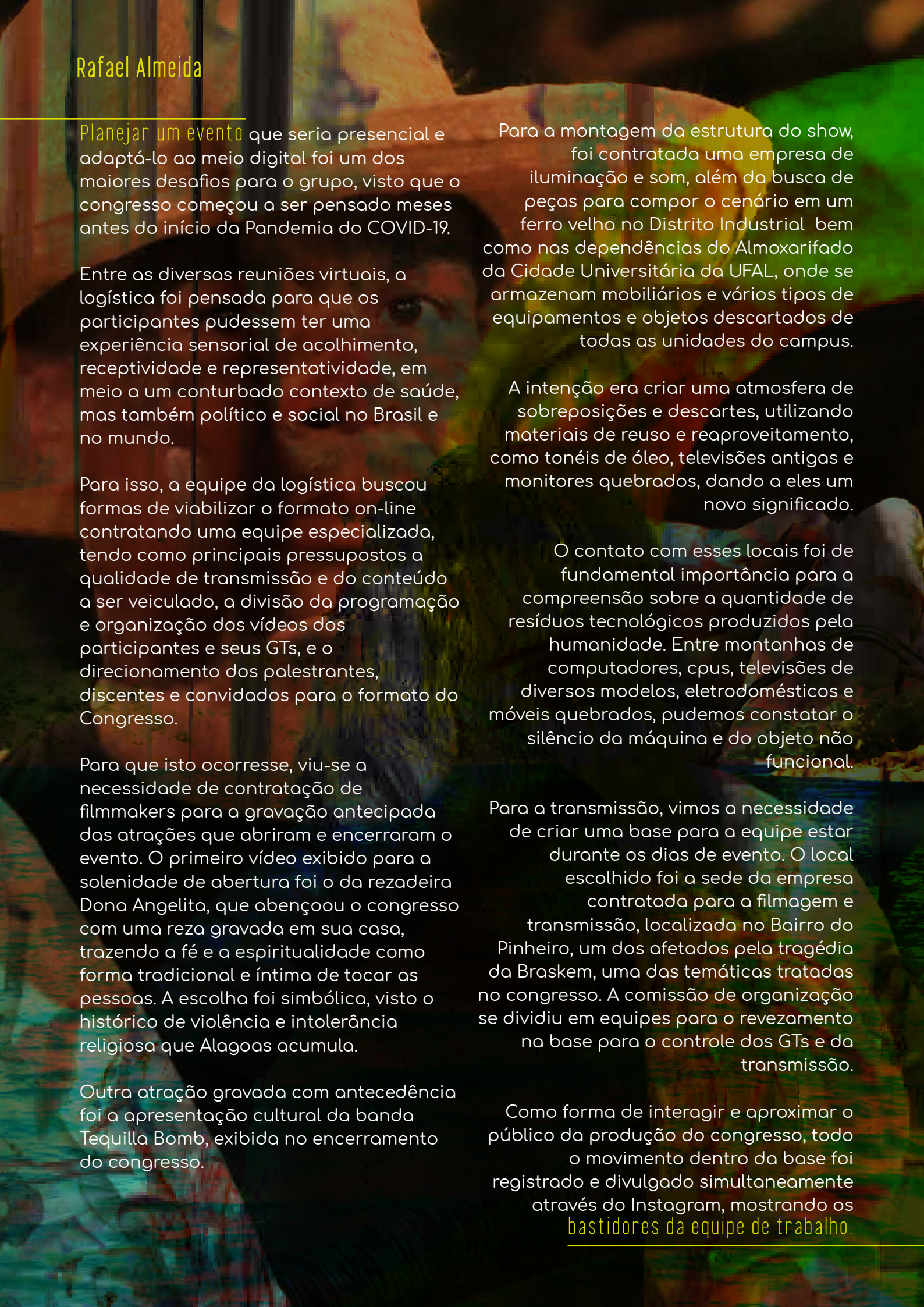
Não foi sem apreensões e extensas reuniões que procedemos ao ato de embaralhar tudo o que fora separado... Mas foi assim que trabalhos em sintonia, ou com relevantes encontros - choques até -, isolados por pertencerem a diferentes nós, puderam roçar, laçar, enodar.

Quanto a esse novo emaranhado, tivemos a instigação de interpretá-lo em constelações. A profusão de conexões possíveis entre os 154 artigos foi enfrentada pela liberdade de poder unir diferentes temáticas através de abordagens em congruência, mas também, na direção contrária, aproximar por questões, objetos, problemas em comum, mesmo que com posturas discrepantes. Assim, as possíveis interações nos pareceram mais sedutoras e profícuas.

Após semanas de discussões, os artigos foram congregados em 24 Grupos de Trabalho. Os autores dos artigos de cada grupo entraram em contato entre si e puderam interagir previamente ao evento, com apenas o desafio de escolher um nome que os representasse a partir de suas conexões.

E assim eles se identificaram: GT1 - RESISTENTES; GT2 - Entre-linhas: imaterialidades e silenciamentos; GT3 - Vozes silenciadas das cidades; GT4 - Vagalumes: entre lembranças, lutas e esquecimentos; GT5 - Linhas e Ruínas. Memória e Esquecimento do Patrimônio Industrial; GT 6 - Paisagens Silenciadas; GT 7 - Patrimônio-Brasil: Análises e intervenções no patrimônio em silêncio; GT 8 - Paisagens entrelaçadas; GT 9 - Oportunidades e conflitos do turismo no contexto patrimonial; GT 10 - ATRAVÉS DA IMAGEM; GT 11 - Percepções e paisagens; GT 12 - Paisagem e Gestão do Patrimônio Cultural: Desafios; GT13 - Modos de Ocupar e Paisagens Construídas; GT14 - O diálogo traçando nós e quebrando silêncios; GT 15 - Entre silêncios, interrupções, ruínas... Memórias do sagrado resistem; GT 16 - O silêncio do patrimônio moderno; GT17 - PSIU; GT18 - (R)Existências artísticas e a paisagem urbana; GT 19 - Poéticas da solidão; GT 20 - Movimentos e corpos na cidade: presencial e virtual; GT 21 - Lugar da memória: espaços, relatos e histórias; GT 22 - PATRIMÔNIOS E MEMÓRIAS SOCIAIS: A BUSCA POR UMA NOVA NARRATIVA; GT 23 - Sujeitos, silêncios e ruínas; GT 24 - Vasculhando Memórias.

Com os Grupos de Trabalho redefinidos, palestrantes convocados e teias perfiladas, foi o momento de, por fim, criar fios de discussão no cronograma do congresso. Assim, para o primeiro dia do evento, atamos e desatamos temas relacionados à Paisagem e Natureza; no segundo, juntamos Restos, Rastros, Ruínas e Memórias, e no último dia a discussão girou em torno do Corpo, Arte e Saberes.



Rafael Almeida

Planejar um evento que seria presencial e adaptá-lo ao meio digital foi um dos maiores desafios para o grupo, visto que o congresso começou a ser pensado meses antes do início da Pandemia do COVID-19.

Entre as diversas reuniões virtuais, a logística foi pensada para que os participantes pudessem ter uma experiência sensorial de acolhimento, receptividade e representatividade, em meio a um conturbado contexto de saúde, mas também político e social no Brasil e no mundo.

Para isso, a equipe da logística buscou formas de viabilizar o formato on-line contratando uma equipe especializada, tendo como principais pressupostos a qualidade de transmissão e do conteúdo a ser veiculado, a divisão da programação e organização dos vídeos dos participantes e seus GTs, e o direcionamento dos palestrantes, discentes e convidados para o formato do Congresso.

Para que isto ocorresse, viu-se a necessidade de contratação de filmmakers para a gravação antecipada das atrações que abriram e encerraram o evento. O primeiro vídeo exibido para a solenidade de abertura foi o da rezadeira Dona Angelita, que abençoou o congresso com uma reza gravada em sua casa, trazendo a fé e a espiritualidade como forma tradicional e íntima de tocar as pessoas. A escolha foi simbólica, visto o histórico de violência e intolerância religiosa que Alagoas acumula.

Outra atração gravada com antecedência foi a apresentação cultural da banda Tequilla Bomb, exibida no encerramento do congresso.

Para a montagem da estrutura do show, foi contratada uma empresa de iluminação e som, além da busca de peças para compor o cenário em um ferro velho no Distrito Industrial bem como nas dependências do Almoxarifado da Cidade Universitária da UFAL, onde se armazenam mobiliários e vários tipos de equipamentos e objetos descartados de todas as unidades do campus.

A intenção era criar uma atmosfera de sobreposições e descartes, utilizando materiais de reuso e reaproveitamento, como tonéis de óleo, televisões antigas e monitores quebrados, dando a eles um novo significado.

O contato com esses locais foi de fundamental importância para a compreensão sobre a quantidade de resíduos tecnológicos produzidos pela humanidade. Entre montanhas de computadores, cpus, televisões de diversos modelos, eletrodomésticos e móveis quebrados, pudemos constatar o silêncio da máquina e do objeto não funcional.

Para a transmissão, vimos a necessidade de criar uma base para a equipe estar durante os dias de evento. O local escolhido foi a sede da empresa contratada para a filmagem e transmissão, localizada no Bairro do Pinheiro, um dos afetados pela tragédia da Braskem, uma das temáticas tratadas no congresso. A comissão de organização se dividiu em equipes para o revezamento na base para o controle dos GTs e da transmissão.

Como forma de interagir e aproximar o público da produção do congresso, todo o movimento dentro da base foi registrado e divulgado simultaneamente através do Instagram, mostrando os bastidores da equipe de trabalho.

Arlindo Cardoso

Com o terço agarrado às mãos, Angelita solicita ao benzido que descalce os pés, ficando livre de moedas e chaves. Pergunta o nome da pessoa e motivo da visita, antes de criar movimentos delicados com as mãos, como uma dança de gestos que envolve o indivíduo carecido no aroma pulsante da arruda. Achega sua cabeça nas costas da pessoa, boceja e cochicha sozinha. Pede um assopro para o vento, a fim de que ele leve os males que afligem a alma, os olhados e quebrantos. A benção raramente é feita só. Precisa de algum tipo de vínculo, o mínimo que seja, partindo da confiança. Mas também de uma certa linguagem que não se finda na palavra falada. Perpassa a temperatura da carne no tocar das mãos, na intensidade e entonação da voz e naquilo que seu panteão particular de entidades deseja revelar – nele, estão Iemanjá e Padre Cícero, Jesus e Oxalá, Oxum e Santo Antônio –, quase todos representados no oratório de seu quarto e nos símbolos sagrados difundidos pela casa. No decorrer dos seus 94 anos, de quem já dispôs suas mãos para o parto de "anjos" madrugada adentro, num passado canavieiro e com cheiro de açúcar, ainda hoje continua cedendo as mesmas mãos à cura de tantos - em especial, os moradores do bairro Chã de Bebedouro, em Maceió e, no contexto desse volume, os congressistas do CIEP -, levando conforto para os corações por meio da fé. Seu ofício foi se formando aos poucos, no aprendizado com os mais velhos, na observação do cotidiano e quando a agonia das pessoas vocifera em meio às margens. É nesse contexto que, pouco a pouco, ela vai concebendo pequenos e novos nós, firmes e acolhedores, difíceis de desatar.

Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro

Para SILÊNCIO MANIFESTO, vídeo que abriu o evento como forma de trazer a cidade de Maceió para os participantes do congresso, imergimos nos próprios limites que o tempo pandêmico criou e decidimos torná-lo limiar à temática dos silêncios que oferecemos. Na impossibilidade de um evento presencial e da receptividade física em Maceió, Alagoas, o teaser é uma proposta de encontro com o nosso lugar a partir de seus silêncios.

Para tanto, como fio condutor utilizou-se a própria percepção.

Fizemos o exercício de nos questionar antes de criar: **como perceberíamos Alagoas se os silêncios se sobrepusessem na paisagem?**

Deixar fluir uma Alagoas feita entre os Silêncios, foi e é, paradoxalmente, manifestar os sons presentes: na dança, no canto e no conto, que ensinam o ofício e aprofundam sua vivência. Na voz, e no grito de potências políticas, gestos que fazem, desfazem e tornam a fazer territórios.

Nestes movimentos, percebam, HÁ TROCA! E se intrincam à postura ativa do pesquisador frente à cidade, e a desmontagem de certezas mais consolidadas sobre o patrimônio e a cultura.

Afinal, o que é pesquisar, investigar, ou até mesmo, se interessar pelo patrimônio, pela cidade e pela cultura popular, se não experimentá-la através dos sentidos íntimos do nosso próprio corpo, da vivência, somá-la ao que já trazemos na bagagem, e levá-la adiante?

Entendemos que em nossas práticas e paisagens, cabem outras... É nesse sentido, que SILÊNCIO MANIFESTO se tornou uma experimentação ofertada aos que não puderam vir fisicamente a nós...

Suzany Marihá Ferreira Feitoza

"No riddim eu denuncio e ainda boto pra dançar"

Acreditamos no poder que ecoa através da música.
Não só pela força do seu discurso escrito,
mas também pela potência da
sonoridade em afetar o corpo que a experiência.
Foi em busca desse afetar o que entra pelos
ouvidos que se articulou
as discussões em torno da escolha da atração cultural
responsável pelo encerramento do Nós.

Entre nomes globais e locais,
de maior ou menor visibilidade,
de vozes estridentes ou silenciadas,
foi-se costurando imaginários de
performances que dialogassem
com a proposta do congresso.
E nesse emaranhado de
possibilidades,
um grupo de Maceió se destacou:
Tequilla Bomb.
O trio de música eletrônica
aborda temáticas relativas às periferias
da capital, mas que se entrecruzam
a questões globais e contemporâneas
não só por seu discurso, mas
também pela união de
sonoridades latinas,
caribenhas,
jamaicanas
e alagoanas.

É no encontro
com o outro proporcionado
pela experimentação da música,
que o Nós encerrou sua primeira edição,
deixando um convite aos participantes:

ouvir e dançar como forma de celebração,
e, também, de
fazer política.

ORGANIZAÇÃO

I Congresso Internacional Estudos da Paisagem

ORGANIZAÇÃO GERAL

Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem

COORDENAÇÃO GERAL

Maria Angélica da Silva (PPGAU FAU/UFAL)

COMITÊ ORGANIZADOR

Coord.: Fábio Henrique Sales Nogueira (UNIT/AL, doutorando PPGAU FAU/UFAL, coordenador do Laboratório de Criação Taba-êtê)

Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro (Mestra PPGAU FAU/UFAL)
Arlindo Cardoso (Designer, mestrando PPGAU FAU/UFAL)
Dayse Luckwü Martins (Dau/UFPE, doutora MDU/UFPE)
Karina de Magalhães (Arquiteta e Urbanista, mestranda PPGAU FAU/UFAL)
Louise Cerqueira (Faculdade Pitágoras, doutora PPGAU FAU/UFAL)
Marina Milito (IFAL, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)
Suzany Marihá Ferreira Feitoza (Designer, mestranda PPGAU FAU/UFAL)
Taciana Santiago (Arquiteta e Urbanista, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)
Tamires Aleixo Cassella (Arquiteta e Urbanista, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)
Thalita Melo (UNIT/AL, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)

COMITÊ DE ARTE E DESIGN

Coord.: Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro (Mestra PPGAU FAU/UFAL)

Arlindo Cardoso (Designer, mestrando PPGAU FAU/UFAL)
Fábio Henrique Sales Nogueira (UNIT/AL, doutorando PPGAU FAU/UFAL, coordenador do Laboratório de Criação Taba-êtê)
José Rudá Rodrigues Lopes (Graduando FAU/UFAL)
Suzany Marihá Ferreira Feitoza (Designer, mestranda PPGAU FAU/UFAL)
Tamires Aleixo Cassella (Arquiteta e Urbanista, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)
Thalita Melo (UNIT/AL, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)

COMITÊ DE LOGÍSTICA

Coord.: Marina Milito (IFAL, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)

Gibson Melo de Albuquerque (Arquiteto e Urbanista, doutorando PPGAU FAU/UFAL)
Karina de Magalhães (Arquiteta e Urbanista, mestranda PPGAU FAU/UFAL)
Katherine Arestegui (Arquiteta e Urbanista)
Rafael Almeida (Designer, mestrando PPGAU FAU/UFAL)

COLABORADORES

Bianca Machado Muniz (UNIT/AL, doutoranda PPGAU FAU/UFAL)
Camila Ferreira (Graduanda FAU/UFAL)
Jaianny Duarte (Arquiteta e Urbanista, mestre PPGAU FAU/UFAL)

I Congresso Internacional
Estudos da Paisagem

COMITÊ CIENTÍFICO

ADRIANA GUIMARÃES
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

ANA CLÁUDIA MAGALHÃES
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Conservadora/restauradora de bens culturais móveis do
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO
Doutorado em História - UNICAMP
Docente do Departamento de História - UnB

DANIELA KABENGELE
Doutorado em Antropologia - UNICAMP
Docente do Centro Universitário Tiradentes - UNIT

ELVIRA BARRETO
Doutorado em Jornalismo - Universidade Autônoma de Barcelona - UAB
Docente da Faculdade de Serviço Social - UFAL

FERNANDA RECHENBERG
Doutorado em Antropologia Social - UFRGS
Docente do Instituto de Ciências Sociais - UFAL

GABRIELA LEANDRO PEREIRA
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - UFBA / Universidade de Coimbra
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFBA

JOSEMARY FERRARE
Doutorado em Arquitetura / História do Urbanismo - Universidade do Porto
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

JULIANA MICHAELLO DIAS
Doutorado em Planejamento Urbano e Regional - UFRJ
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

LINDEMBERG MEDEIROS
Doutorado em Turismo - Sheffield Hallam University
Docente do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFAL

LUIZ ANTONIO BAPTISTA
Doutorado em Psicologia - USP
Docente do Instituto de Psicologia - UFF

I Congresso Internacional
Estudos da Paisagem

COMITÊ CIENTÍFICO

LUIZ AMORIM
Doutorado em Advanced Architectural Studies - University College London
Docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFPE

MARCELO TRAMONTANO
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - USP
Docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP

MARGARETH PEREIRA
Doutorado em História - École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ

MARIA ANGÉLICA DA SILVA
Doutorado em História - UFF / Architectural Association School
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

PAOLA BERENSTEIN JACQUES
Doutorado em História da Arte e da Arquitetura - Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFBA

PEDRO FIDALGO
Doutorado em Urbanismo - Universidad Politécnica de Madrid
Docente da Universidade de Nova Lisboa

RODRIGO BAETA
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo -
UFBA / Università degli Studi di Roma La Sapienza
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFBA

ROSELINE OLIVEIRA
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - UFBA
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

VITOR TEIXEIRA
Doutorado em História
Docente da Faculdade de Artes da Universidade do Porto

VLADIMIR BARTALINI
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - USP
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP

Grupo de Pesquisa
Estudos da Paisagem

Estuda recortes paisagísticos considerando seus elementos, dinâmicas, pessoas e temporalidades. Registrado no CNPq desde 1998, insere-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas e é um dos suportes do seu Programa de Pós-Graduação, composto de um curso de mestrado (em Dinâmicas do Espaço Habitado) e de doutorado (em Cidades), ambos reconhecidos pela Capes em 2002 e 2012 respectivamente.

Nas investigações produzidas pelo Grupo, consideram-se os elementos materiais e intangíveis da cultura paisagística, tendo como ferramentas prioritárias a iconografia, os relatos de época e a observação sensorial e afetiva dos espaços. Viagens e registros de imagens, a captação de depoimentos e de sons, servem de base não só para a investigação mas são formatados em produtos culturais.

As viagens iniciais do Grupo Estudos da Paisagem, percorrendo cidades, foram ao encontro, dentre outras coisas, de um elemento singular: o convento franciscano.

Como seu inspirador, trata-se de uma arquitetura que se faz descalça, no contato com o mundo, com as pessoas, com a cidade, com a terra. Sendo múltiplo, é um ponto que se fecha em sim chamando à convergência e ao recolhimento, mas que também se abre e se conecta em rede com outros quando os pés se colocam em caminho ("in via").

A figura de Francisco, atualizada para o presente surge como convite a nós conectores que buscam entrelaçar lugares, culturas e países diversos em torno de uma experiência de vida compromissada com os valores da simplicidade.

O núcleo Saberes em Movimento - Nós, encontra no espaço e na paisagem suas forças motrizes e pontos diferenciais de partida de interlocução, desde as parcerias acadêmicas até o contato com a sociedade nos seus mais diversos níveis de organização e diversidade.

O Laboratório de Criação Taba-êtê funciona como um desdobramento do Grupo voltado para o design de produtos. O nome, pequeno poema visual, significa "grande taba", e era como os indígenas denominavam as cidades erigidas pelos colonizadores.

As propostas gráficas e artísticas buscam transformar as ferramentas de trabalho de pesquisa científica do Grupo - viagens e imagens - em criações que visam a socialização do conhecimento.

Aproximando corpo e mídias, dentre essas criações situam-se exposições de cunho interativo, objetos ludo-didáticos, livros. vídeos e instalações, cuja produção tem recebido o apoio do CNPq, Capes, Fapeal, Iphan, Banco do Nordeste do Brasil e Petrobrás.

REALIZAÇÃO:

Grupo de Pesquisa
Estudos da Paisagem

Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo - FAU/UFAL

PPGAU
UFAL

Programa de Pós-graduação em
Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFAL
Dinâmicas do Espaço Habitado - DEHA

Universidade Federal de Alagoas - UFAL

APOIO:

Centro
Universitário
Tiradentes

Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional

Escola Técnica de Artes
UFAL

Instituto de Arquitetura do Brasil
Departamento de Alagoas

I Congresso Internacional Estudos da Paisagem | 2021

www.ciep2021.com.br

@nos.ciep

PPGAU UFAL

Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico